

Nós Entre as Palavras

Aldo Vannucchi

Reitor: Rogério Augusto Profeta

Pró-Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis – Prograd:
Fernando de Sá Del Fiol

**Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação
– Propein:** José Martins de Oliveira Jr.

Direção Editorial: Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editores Assistentes: Silmara Pereira da Silva Martins; Vilma Franzoni

Conselho Editorial

Adilson Rocha

Daniel Bertoli Gonçalves

Denise Lemos Gomes Luz

Filipe Moreira Vasconcelos

José Ferreira Neto

José Martins de Oliveira Junior

Marcos Vinicius Chaud

Maria Ogécia Drigo

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editora da Universidade de Sorocaba - Eduniso

Biblioteca “Aluísio de Almeida”

Rodovia Raposo Tavares KM 92,5

18023-000 – Jardim Novo Eldorado

Sorocaba | SP | Brasil

Fone: (15) 2101-7018

E-mail: eduniso@uniso.br

Site: <http://uniso.br/home/publicacoes/eduniso>

Nós Entre as Palavras

Aldo Vannucchi

Sorocaba | SP

EDUNISO

2022

Nós entre as palavras.

©2022 Editora da Universidade de Sorocaba – Eduniso.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização dos autores. Todos os direitos desta edição estão reservados aos autores.

Ficha técnica

Normalização: Vilma Franzoni

Produção Editorial: Silmara Pereira da Silva Martins

Projeto gráfico; diagramação e capa: Mariana Real

Foto Capa: Roberto Samuel Sanches

Revisão: Roberto Samuel Sanches

Ficha Catalográfica

V343n	VANNUCCHI, Aldo Nós entre as palavras / Aldo Vannucchi. – Sorocaba, SP: Eduniso, 2022. 238p. ISBN: 978-65-89550-09-9 1. Linguagem e línguas – Filosofia. 2. Palavra (linguística). 3. Comunicação – Filosofia. 4. Filosofia. I. Título CDD: 101
-------	--

Elaborada por: Regina Célia Ferreira Boaventura

Para você, Rose,
segredo do meu existir.

*Palabras? Sí, del aire,
y en el aire perdidas.
Déjame que me pierda entre palabras,
déjame ser el aire en unos labios,
un soplo vagabundo sin contornos
que el aire desvanece.
También la luz en sí misma se pierde.*

Octavio Paz

Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória....

Tive mestre.... Ah, não é por falar: mas, desde o começo, me achavam sofismado de ladino [...]. Tempo saudoso! Inda hoje, apreceio um livro... ponho primazia é na leitura proveitosa [...].

Minha mulher, que o senhor sabe, zela por mim: muito reza....

O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente [...]. Eu quase que nada sei.

João Guimarães Rosa

*“A Filosofia nada mais é que uma luta contra o enfeitiçamento
da nossa mente pelos meios da nossa linguagem”.*

Wittgenstein

*“A única maneira de compreender a língua
é instalar-se nela e exercê-la”.*

Merleau-Ponty

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O FEITIÇO DA PALAVRA	17
2. NOSSOS NÓS	27
3. OS 5 TEMPOS DA PALAVRA	47
A palavra pensada	52
A palavra falada	58
A palavra ouvida	69
A palavra escrita	74
A palavra lida	88
4. A PALAVRA DOS FILÓSOFOS	101
5. A PALAVRA DE ONTEM	123
Etimologia	125
História	137

6. A PALAVRA DE HOJE	149
Linguagem ideológica	150
Linguagem digital	157
7. A PALAVRA RELIGIOSA	167
8. A PALAVRA DO DIA A DIA	199
9. A PALAVRA POPULAR	215
10. CONCLUSÃO	235
REFERÊNCIAS	237

INTRODUÇÃO

“Desocupado *lector*”, assim Cervantes iniciou o prólogo do seu saboroso *Don Quijote de La Mancha*. Imagino do mesmo jeito o eventual leitor desta página e desde já lhe agradeço a gratuita disponibilidade. Em compensação, prometo ser breve.

Eu sei que para bom entendedor, meia palavra basta, mas o título deste livro exige justificativa. Não se trata de tratado linguístico. Joga-se aqui com palavras, mas voltadas para um olhar filosófico.

Começa com três letras - Nós - que não formam um termo claramente definido. É palavra homógrafa e homófona, mas não homônima. Planta-se aí um pronome pessoal ou um substantivo masculino plural? E “entre as palavras”, o que pode ocorrer?

Não há mistério algum. Entre as palavras estamos nós e se dão os nós. Nós somos o que somos e nós são constrangimentos, enrosocos, complicações, enredamentos, laços, liames, tudo o que bloqueia, delimita e paralisa a palavra e a vida.

A sugestão implícita no título destas páginas é que podemos passear pelo mundo plurinominal das palavras, espreitando o que mora em cada uma delas, no anverso e no reverso, no ontem e no hoje, para desatar os nós que elas nos apresentam ou criam ou ainda gentilmente desfazem, ao longo dos nossos caminhos.

Tudo porque as palavras têm força. Tanto despertam quanto adormentam. Mas, sobretudo, nos põem de sobreaviso, para não tropeçarmos nelas nem as engolirmos sofregamente, sem mais nem menos, porque, não raro, elas nos induzem a nós de desentendimentos, desvios e lamentáveis divisões.

Nestes tempos bicudos de pandemia e guerra, cresceu de muito a importância da palavra. Para aliviar um pouco a quase asfixia imposta pelo distanciamento físico e pela apreensão do futuro, bateu recordes o recurso a ela, pensada, falada, ouvida, escrita/digitada ou lida. Com elas, muitos reagiram nervosamente, senão choraram mesmo, atados pelo nó pandêmico de mortes, perdas, desenlaces, desempregos, empobrecimentos.

Aqui, com pitadas filosóficas, sem formalidades acadêmicas¹, pretendo encarecer a importância fundamental da palavra

¹ Os direitos autorais das frases e imagens ilustradas no decorrer dos textos, pertencem aos autores que as produziram, ou às empresas que as publicaram. O uso das frases e imagens aqui representadas são apenas para fundamentar visualmente o assunto em questão.

como instrumento ímpar de uma cidadania consciente, responsável e proativa, na sociedade onde estamos nós e onde estão os nós, mas dispense-me aqui de um arranjo bibliográfico rigoroso, bem como de discussões sobre teorias, concentrando-me apenas em alguns pontos, com o sal da Filosofia e certo relance linguístico.

Em essência, estas páginas retomam o velho conselho do Eclesiástico (27,5-8), livro sagrado escrito no segundo século, antes de Cristo:

“Quando a gente sacode a peneira, ficam nela só os resíduos; assim os defeitos de um homem aparecem no seu falar. Como o forno prova os vasos do oleiro, assim o homem é provado por suas *palavras*. O fruto revela como foi cultivada a árvore; assim, a *palavra* mostra o *coração do homem*. Não elogies a ninguém, antes de ouvi-lo falar, pois é no falar que o homem se revela”.

1

O FEITIÇO DA PALAVRA

“De todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é, sem dúvida, a arte da palavra”.

Latino Coelho

O feitiço costuma virar contra o feiticeiro, mas não tenho receio algum de invocá-lo aqui. Sei que a palavra feitiço é usada desde o século XV, e veio do latim *facticius*, algo artificial, não natural, coisa feita, com poder mágico. Pode ser manipulado com intenções malfazejas, mas aqui feitiço é encantamento, o quanto ele carrega de atração irresistível, para transformar um escritor em feiticeiro das palavras.

Como nas histórias infantis aparecem fadas encantadoras e sereias que enfeitiçam as pessoas com seu canto, assim na literatura universal multiplicam-se escritores que enfeitiçam seus leitores por suas palavras de cores vivas, bem arrumadas, que retratam, no teatro da mente, a realidade que nos envolve,

palavras que fazem sorrir e chorar, evocar lembranças e suscitar boas expectativas.

Um caso fulgurante de feiticeiro das palavras foi Anchieta a rascunhar um poema, com seu bordão, nas areias de Iperoig, em louvor de Nossa Senhora. As ondinhas que vinham não as apagavam de todo, porque o memorizado de dia ele punha, à noite, no papel.

É fascinante o mundo da palavra. Desde todos os tempos, essa entidade fisicamente fragílima, uma joia de sons quase intangível, se acomoda a todas as situações humanas, como misteriosa projeção do que somos. Encanta desde sua gênese e ao desabrochar enfeitiça.

Primariamente, porque ela existe antes de aparecer. Produto original e exclusivo do ser humano, a palavra nasce no cérebro e só cria corpo pelos músculos despertados com o movimento de inspiração e expiração dos pulmões, que engendram a transmissão interpessoal de ideias, sentimentos e atitudes, pela comunicação oral. Aí transparece o destino histórico da palavra: ideia e ação, expressão e comunicação.

Qualquer uma das 400.000 palavras do nosso vocabulário é constituída de alguns dos vinte e seis elementos simbólicos, as letras, do nosso alfabeto.

Pode ser palavra de apenas duas letras, como eu, dó, fé, e mesmo assim se torna preciosa joia de sons, e nos faz vibrar corpo, sangue e alma, em qualquer lance da vida, provocando o processo de comunicação, processo vital, não acrescentado nem sobreposto, mas constitutivo do ser humano.

Compõe-se de momentos, meros sopros, mas pode alcançar a eternidade, expondo tanto emoções primárias como causas definitivas, sempre numa dimensão infinita, porque nunca estará completa. Basta verificar as sucessivas e aumentadas edições de dicionários, sempre aquém do hoje cultural e técnico. Para acompanhar esse incontrolável enriquecimento linguístico, vale o velho conselho de Camões: “Não se aprende, senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando”

O feitiço irresistível da palavra corre solto, vivo, espontâneo, no consórcio humano. Palavras e mais palavras entre emissores e receptores vão dar na linguagem, esse meio sistemático pelo qual transita a língua materna, personalizada, fantasticamente, na fala de cada um de nós, manifestação oral emoldurada por acentos, inflexões e gestos de todo tipo.

A palavra, essa revelação esplendorosa da individualidade humana, pode ser definida por múltiplos aspectos.

Fisiologicamente, a palavra é uma sucessão de sons, uma vibração de ar, um sopro que se articula para se desfazer, mas sempre um sopro de vida, como se revelou em Clarice Lispector: “Procuro o sopro da palavra que dá vida aos sussurros”.

Etimologicamente, o termo veio do grego *parabolé*, pelo latim *parabola*, que significa comparação, narrativa alegórica, recurso didático habitual dos mestres da humanidade, como se lê nos Evangelhos. Foi com esse recurso retórico que Jesus, segundo o Padre Vieira, conseguiu “enfeitiçar e encantar os homens”.

Gramaticalmente, palavra é uma unidade pertencente à classe dos substantivos femininos, no português.

Linguisticamente, representa o ponto mínimo da linguagem humana, com escritura, som e significado.

Estilisticamente, a palavra é a matéria prima da literatura, manifestação de conceitos, sentimentos e paixões do espírito humano.

Privilegiamos, aqui, a definição filosófica da palavra, como ser fundamental e exclusivo da pessoa humana, com que nos distinguimos dos irracionais e historiamos as civilizações, através dos séculos.

Trata-se, pois, de um conceito dinâmico, com alteridade inata, porque constituído de um objeto, o pensamento, e uma finalidade, a comunicação, em busca de compreensão. Podemos, assim, definir a palavra como uma ação pela qual uma pessoa se dirige e se exprime a outra pessoa, visando comunicar-se.

A palavra, no seu conceito mais amplo de linguagem, sempre ocupou a cabeça dos filósofos e hoje representa a parte mais fortemente debatida do conhecimento humano no mundo acadêmico, interessando físicos, psicólogos, psicanalistas, historiadores, sociólogos, inclusive políticos, que demonizam o poder mágico da palavra, envenenada pela demagogia.

A própria experiência comum também comprova o poder de encantamento e atração pela palavra, em todos os tempos e lugares. Trazendo apenas um exemplo, em Atenas, graças à democracia ali soberana, a palavra reinava tanto dentro de uma assembleia como diante de um tribunal.

Pela arte da demonstração, a palavra era um predicado absoluto para quem pretendesse ser ouvido pelo povo.

Em contraposição àquele trânsito democrático da palavra, assombra relembrar o trágico sonho de Hitler, materializado com sangue e morte numa sentença fatídica: “Hoje a Alemanha é nossa, depois o mundo inteiro”.

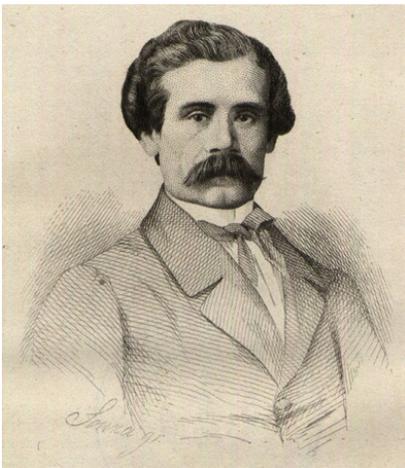
É líquido e certo, não há como resistir à palavra clara e precisa. Por ela podem ser traduzidos os mais imperceptíveis matizes do pensamento e os mais fugitivos movimentos da sensibilidade humana. Ela seduz e cativa, cria e mata. Há palavras que paralisam, umas adormecem, outras fazem saltar. Não só exprimem pensamentos e sentimentos como também nos comunicam força, encanto e cor. Podemos encontrá-las meigas e simples numa descrição infantil, ou também altivas e deslumbrantes em versos escolhidos, como os de Castro Alves ao enaltecer os missionários jesuítas, “os vândalos sublimes do cordeiro, os átilas da fé”.

Elas induzem a realidade: certas palavras geram ânsia para uns, úlcera para outros, dor de cabeça para muitos. A linguagem, pelo seu alcance de poder pessoal e social, pode unir pessoas e povos, como também armar confusão, dominação e guerra.

Essa implicação problemática da palavra explica por que, muitas vezes, nos embarçamos e gaguejamos no esforço por descobrir ou expressar da melhor forma o que estamos pensando ou sentindo. O empenho pela busca da palavra expressiva e comunicativa impõe instantes de hesitação, como o cuidado de quem evita pedras de tropeço ao caminhar. Bem diz a sabedoria bíblica: “quem não tropeça quando fala é pessoa madura” (Tiago 3, 2).

Mas os nós verbais são inevitáveis. Santo Agostinho, no *De Magistro*, sua clássica obra sobre a linguagem, em diálogo com o filho adolescente, já nos advertiu que: “falar sobre palavras com palavras é tão complicado (*tam implicatum est*) como entrelaçar os dedos e esfregar uns nos outros, quando somente quem os mexe pode distinguir os dedos que têm comichão e os que ajudam a acalmar os que têm prurido.”

Recorrendo a dedos entrelaçados, esse insigne gênio da Igreja latina nos faz lembrar, precisamente, o que é um nó, entrelaçamento de um ou dois fios cujas extremidades se apertam. Tropeços de palavras, armadilhas verbais, troca de vocábulos, concordâncias e regências erradas, escorregões desagradáveis, tudo são nós em que nós todos um dia nos enredamos, mas seguimos em frente, porque “tropeçar nos ajuda a caminhar”, sentenciou Guimarães Rosa. E damos a volta por cima, por meio da palavra. Independente de faixa etária e de nível socioeconômico, ela nos presentifica e nos identifica.



José Maria Latino Coelho,
escritor português de estilo
clássico.

Fonte: PORTAL DA
LITERATURA: o portal
da literatura em português.
Disponível em: [https://www.
portaldaliteratura.com/autores.
php?autor=197](https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=197). Acesso em: 26 abr.
2022.

“De todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil, é sem dúvida a arte da palavra. De todas as mais se entretetece e se compõe. São as outras como ancilas e ministras; ela soberana universal.

Da estatuária toma as formas, da arquitetura imita a regrada estrutura de suas fábricas; da pintura copia a cor e o debuxo dos seus quadros; da música aprende a variada sucessão de seus compassos e melodias; e sobre todos estes predicados tem, mais do que as outras artes, a vida, que anima os seus painéis, a paixão, que dá novo esplendor às suas tintas, o movimento, que intima aos que a escutam e admiram, o entusiasmo e a persuasão.

A estátua fala, mas fala como uma interjeição, que apenas expressa um sentimento vago, indefinido, momentâneo. A pintura fala, mas fala como uma frase breve, em que a elipse houvera suprimido boa parte dos elementos essenciais. O edifício fala, mas fala como uma inscrição abreviada, que desperta a memória do passado, sem particularizar os acontecimentos a que alude. A música fala, mas fala apenas à sensibilidade, sem que o entendimento possa claramente discernir.

Só a palavra nas artes, a que é matéria prima, fala ao mesmo tempo à fantasia e à razão, ao sentimento e às paixões. Só ela, Pigmalião prodigioso, esculpe estátuas que vão saindo vivas e animadas da pedra ou do madeiro, onde as delineia e arredonda o seu buril. Só a palavra, mais inventiva do que Zeuxis, sabe desenhar e colorir figuras e países, com que se ilude e engana, a vista intelectual.

Só a palavra, mais audaz que os Ictinos e os Calícrates, traça, dispõe, exorna e arremessa aos ares monumentos mais nobres e

ideais que o Partenão de Atenas. Só a palavra, mais comovedora e persuasiva do que o plectro dos Orfeus, encadeia à sua lira mágica estas feras humanas ou desumanas que se chamam homens, arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas alucinações. Não podem crescer, medrar, divinizar-se as artes da forma, da proporção, da cor e da harmonia, quando o imaginário tem de afeiçoar os ídolos de uma religião sinistra e humilhante, quando o arquiteto há de erigir os templos de uma sombria divindade, quando o pintor tem de ornar com os seus encantos os paços de um sátrapa oriental, quando o músico há de ajustar as suas composições às pompas tradicionais de uma civilização imobilizada pela servidão”.

(Trecho de “Demóstenes, Oração da Coroa”)

Nossa língua, o maior tesouro

“Nada do que hoje possuímos e amamos vale mais do que a Língua Portuguesa. Só dela e por ela receberemos o privilégio da eternidade. A terra, poderão outros invadi-la e roubá-la. Bens materiais, nós próprios os passaremos e os que de nós vierem, nem outra é a sua função.

Da nossa mesma carne não ficará nada a mais que ossos e pó... Pensai no que resta de Gregos e Romanos, além das pedras que lavraram belamente e das páginas que escreveram e refletindo o seu gênio

próprio... Pensai em tudo isto e algum dia perdoareis ao que vos pedem desculpas de defender-vos a alma que o nosso sangue e o nosso gênio de português vos deu”.

Agostinho de Campos

2

NOSSOS NÓS

A língua tem coisas saborosas. Não falo do órgão responsável pelo paladar. Refiro-me à língua pátria, com suas sutilezas e curiosidades. Uma delas sempre me impressiona e me diverte. É o pronome nós. Claro que ele nada tem a ver com noz, fruto da noqueira. Mas e os nós que nós damos ou sofremos, ao longo da vida?

É fascinante essa igualdade do pronome e do substantivo, na escrita e na pronúncia. Faz pensar, porque há nítida afinidade em ter o enlaçamento de dois fios, linhas, cordas ou cordões, e o entrelaçamento de duas ou mais pessoas, numa boa relação ou numa briga, sem falar nos enlaces matrimoniais, não raro reduzidos a doloroso nó, “um laço que, uma vez

atado ao pescoço, se transforma em nó górdio, (*se vuelve en el nudo gordiano*) que, se não for cortado pela garra da morte, não há meio de desatar”, escreveu Cervantes.

Nós pessoais

Em nível pessoal, tudo começa pelo parto, o primeiro nó a ser desfeito para entrar no mundo. Que o diga a mãe, apropriadamente chamada, em castelhano, de *embarazada*, naquela hora. Depois toca a ajudar o recém-nascido a se desembaraçar dos nós ligados ao crescimento, à fome, ao frio e ao calor.

Correm os anos e a vida irá levando a gente a disputar espaço na família, na escola, no emprego, na sociedade. Será toda uma história de encontros e desencontros do Eu com Eles. Hoje, se topa com rostos inspirando amor, amizade e compreensão; amanhã, caras amarradas a destilar aversão ou indiferença. Parece cenário pronto para o antidiálogo. Um nó cego a desafiar qualquer boa vontade.

Nada fácil instaurar sempre o reino da intersubjetividade pacífica, explicitada em “nós nos entendemos” e, por consequência, em “nós nos respeitamos”. O nó da questão é que não nasceram ainda pessoas iguais. Quando não se aceitam nem se superam as diferenças, instala-se inimizade, desconfiança, discórdia. Em última instância, confirma-se o provérbio duro, mas tristemente verdadeiro: burro e carroceiro nunca estão de acordo.

Esse clima de desacordo assumiu ultimamente contornos de imenso nó nacional. Dá um nó na garganta ver o sofrimento do povo, sem solução dos seus problemas que, no fundo, são produtos de um Governo que se julga autossuficiente e soberano, para arrumar o País.

Basta um perfuntório tino moral, para saber que o orgulho representa obstáculo insuperável à prática das boas relações humanas. Se me julgo sujeito e os outros meros objetos, torna-se impossível o sadio compartilhamento do meu eu com os nós dos outros. Pior, inaugura-se o nó egoístico do Eu com o Isso, ou seja, os outros passam a ser vistos como coisas ou números, não sujeitos sociais, mas peças manobráveis senão cativas, na educação, no comércio, na empresa e na política.

Rotineiramente, nos encontramos às voltas com nós físicos, como o nó na gravata ou na costura – e a internet traz quase uma centena deles – e, vez por outra, topamos os nós metafóricos, como o nó de adão, saliência do pescoço com alusão à lenda de que o pecado ficou a meio da garganta de Adão, e o popular nó nas tripas, mas o mais grave está em certos nós cegos e os dolorosos nós no peito, em históricos momentos da vida. Há nós que se desatam, até por cuidados clínicos, como propunha Lacan, tratando da movimentação e sobreposição dos três registros: o simbólico, o imaginário e o real. Outros nós são indesatáveis, como foi o caso de Judas Iscariotes que se enforcou, ou seja, no desespero, recorreu a um nó apertado, correção, mortal.

Dá para tirar daí uma excelente lição de vida. O que mais nos amarra mora no fundo da gente. Não é algo de fora, senão

o próprio eu, esse “bicho da terra tão pequeno”, segundo Camões, esse pobre “caniço que pensa”, gravou Pascal.

Como e quando esse eu nos põe na roda do mundo? Muitos nós poderiam ser desfeitos, se houvesse mais partilha entre o eu e o nós. É o que nos recomenda a própria redação multissecular do Pai Nosso. Repare bem, ali não existem eu, nem meu, só nós, e nosso. Que bom se assim fosse sempre!

Nós nacionais

Conjuminar o eu e o nós, as potencialidades pessoais e as necessidades alheias seria um caminho certo para estudar e tentar desfazer os nós de extrema miséria do cenário nacional, como a fome, o desemprego, a falta de saneamento básico e a moradia precariamente plantada em áreas de risco. É vergonhoso ver o sofrimento de metade da população vitimizada por esses problemas que um Governo omissivo e incapaz mal consegue equacionar. Tal incompetência revelou-se, fundamentalmente, pela forma negligente com que trata a educação.

Anos atrás, o Ministro da Educação lamentava: “ainda temos um nó para desatar, a atratividade da carreira do magistério”. E esse nó continua forte e grosso. Pouca gente aspira, hoje, à carreira de professor. E há razões preocupantes e bem conhecidas: os professores ganham mal, a sociedade não os valoriza tanto quanto o merecem e, dura verdade, a violência invadiu as salas de aula.

Mas não se trata de um nó cego. Para desfazê-lo, a melhoria salarial ajudaria bastante. Penso, porém, em outra saída. Não técnica, mas muito alentadora. Seu primeiro passo seria aceitar que a educação, como a vida, é uma inevitável sequência de nós. Logo na infância, encontramos o primeiro deles: aprender a fazê-lo com o cadarço do calçado. Um tempinho depois veio o nó do peito, quando nos levaram de casa para o desconhecido, no início da vida escolar. Com o passar dos anos, outros nós foram surgindo: alguém batendo à porta, com os nós dos dedos, o médico apontando, na radiografia, um nozinho suspeito e chega o dia também do nó do casamento, o enlace matrimonial, para tudo, um dia, terminar na morte, o desenlace final. Diante dessa biografia nodosa de todos nós, a educação nacional pode ser descrita como um rosário previsível de nós.

Nunca foi fácil o desenvolvimento educacional de uma pessoa e muito menos de uma nação. Temos aí o que desde a antiguidade, se costumou chamar de nó górdio. Essa expressão envolve uma façanha lendária. Convém recordá-la.

Certa vez, na capital da Frígia, hoje Turquia, o rei morreu, sem deixar herdeiro. Consultado, o oráculo anunciou que o sucessor iria aparecer na cidade, num carro de bois, e a profecia se cumpriu: um lavrador foi eleito rei. Esse camponês, chamado Górdio, sujeito devoto e humilde, dedicou seu carro de bois a Zeus, amarrando a carreta a uma coluna do templo, com um nó tão complicado que ninguém conseguia desamararrar. Segundo o oráculo, o império da Ásia estava prometido inteirinho a quem conseguisse desenredar aquele nó. Muitos

tentam, mas sem êxito. Até que, séculos depois, Alexandre Magno, discípulo de Aristóteles, ao saber dessa história, foi lá e não teve dúvidas, cortou com a espada o famigerado nó e tomou posse daquele reino também. Daí em diante, sempre que alguém consegue resolver, de maneira enérgica e imediata, algum problema complexo, aparentemente insuperável, fala-se que cortou o nó górdio.

Pois é, muita gente pensa resolver o problema do Ministro do jeito como agiu Alexandre, mas se engana. Medida impulsiva, irrefletida, é solução errada, em qualquer área e em qualquer tempo. Até porque, diz a lenda, o nó górdio, uma vez cortado, se reconstituía sempre e, por isso mesmo, Alexandre acabou perdendo toda a Ásia.

Na verdade, o que pode resolver o nosso nó é o Plano Nacional de Educação e o respeito maior que todos dermos aos professores e às professoras. Em última análise, trata-se de um nó a ser eliminado por nós mesmos e pela pressão em nossos representantes.

Nó sul-americano

Refletindo sobre a posição do Brasil no cenário da América do Sul, toda ela latina e politicamente independente, não se pode estigmatizar o País como cheio de nós inter-relacionais. Falamos português, não castelhano, e nos entendemos; somos territorialmente os maiores, mas sem impulsos agressivos; temos imensa orla marítima, porém carecemos da magnitude

dos Andes. E nenhuma diferença esgarça nosso bom entendimento com os outros onze países deste subcontinente. Só nos aflige um sério problema: o Mercosul.

A Constituição Federal estabelece, em seu artigo 4º, os princípios de atuação do Brasil nas relações internacionais. Essa integração foi oficialmente celebrada, em 26 de março de 1991, com o tratado do Mercosul.

Foi um passo diplomático histórico, na tentativa de aumentar a oferta de emprego e renda e melhorar a produtividade e intensificar as relações econômicas entre os países, como Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e outros países associados e observadores.

Figuram como objetivos principais a zona de livre comércio, com liberação de mercadorias; a tarifa externa comum (TEC), o imposto único para produtos que entram nos países-membros e a união aduaneira, que completa a TEC.

Não obstante a grandeza desse ideal, o que deveria ser um laço de amizade e de cooperativismo, tornou-se, ultimamente, um lamentável nó cego. Ao invés de atenuar os graves problemas da economia desigual entre os países, das pressões políticas externas, das desavenças entre os países membros e da ausência de uma moeda bem estabelecida e a baixa estabilidade política, o Mercosul, hoje, é o nosso nó sul-americano.

Nesses 26 anos de vigência do acordo, do otimismo do seu avanço em áreas como o Fundo de Convergência Estrutural e o Fundo MERCOSUL de Garantia para Micro, Pequenas e Médias Empresas, passamos à constatação de falta de

aprofundamento da devida integração e do estágio incompleto da união aduaneira. Tudo por causa da desídia do próprio Governo brasileiro.

Em novembro de 2018, Paulo Guedes, indicado para ministro da Economia, afirmou que o Mercosul não seria uma prioridade para o mercado brasileiro. Jair Bolsonaro, por sua vez, em seu discurso após a divulgação do resultado das urnas, apesar de prometer respeito à Constituição, nem citou esse providencial acordo. E o que se vê até hoje na equipe desse governo é só crítica do bloco, como se nada tivesse acontecido desde o governo anterior.

Nós do momento mundial

Enlaces e desenlaces constituem a história da humanidade, tecida de solidariedade e de guerras, de conchavos e conflitos. Seria triste e fastidioso enumerar os nós políticos, econômicos e sociais que sufocam o mundo, atualmente. Fixemos aqui apenas dois: o nó ecológico e a loucura da guerra.

O nó ecológico

Na segunda metade do século passado, por causa e apesar mesmo do notável crescimento econômico e não menor desenvolvimento social, o mundo foi despertado pela questão ecológica, com discursos de urgência desafiadora. Suportaria

a natureza um crescimento ilimitado, além do reino da necessidade?

Como desfazer esse nó gigantesco armado por duas forças respeitáveis, mas aparentemente antagônicas: de um lado, a produção universalmente mecanizada, aliada ao consumo de combustíveis fósseis e de outro lado, a indispensabilidade da progressiva produção urbana e rural, com a conseqüente e bem-vinda geração de empregos?

Surgia, assim, em meio a duros e apaixonados debates, a proposta mediadora do chamado desenvolvimento sustentável: nem tanto ao mar nem tanto à terra.

Equilibrar os recursos necessários da geração atual, com o cuidado pelas necessidades das futuras gerações. Numa palavra: um desenvolvimento que não comprometa os recursos para o futuro, suprir as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que sustente a sobrevivência do planeta, porque os recursos naturais são finitos.

Nessa perspectiva, em 27 de fevereiro deste ano, a ONU, pelo seu órgão que estuda as mudanças climáticas, alertou como o nosso mundo está mudando de modo rápido e irreversível. E avaliou o impacto econômico e as conseqüências para a saúde nos próximos anos.

Aquele órgão das Nações Unidas nos alerta como o aquecimento global afetará a vida das pessoas, apresentando os dados relativos à elevação dos mares e ao aumento da temperatura e como a sociedade vai mudar nos próximos anos, em

virtude do que está ocorrendo nas cidades, onde já vive mais da metade da população humana.

O relatório explicita: “As mudanças climáticas estão modificando a natureza, a vida das pessoas e as infraestruturas por toda a parte. Seus impactos perigosos e invasivos são cada vez mais evidentes, em todas as regiões da terra. Elas estão impedindo os esforços para atender às necessidades básicas da humanidade e ameaçando o desenvolvimento sustentável em todo o mundo”.

No comentário desse relatório, o secretário-geral da ONU, António Guterres, enfatizou:

“esse relatório encarece fortemente as nossas responsabilidades. A população do planeta está duramente afetada, e os ecossistemas já estão em um ponto sem retorno. Portanto, é fundamental respeitar o corte de 45% das emissões até 2030 [...] não faz mais sentido financiar os combustíveis fósseis. Qualquer outra atitude é criminosa [...] agora, é importante aumentar a produção de energia verde, a única que assegura segurança energética, acesso universal, postos de trabalho”.

A loucura da guerra

Estamos vivendo, neste momento, a loucura da guerra da Rússia contra a Ucrânia, com a Europa já sofrendo e prevenindo terríveis consequências, que se desdobrarão pelo mundo inteiro. Um trágico nó mundial.

Tudo começou no final de fevereiro, mas há semanas o presidente estadunidense Biden havia anunciado sua iminência, apesar dos solenes desmentidos e dos sarcasmos com que suas previsões eram sistematicamente recebidas do lado russo.

Muitos observadores ocidentais pensavam que a concentração de tropas e veículos pesados nas fronteiras da Ucrânia, seriam simples exercício militar, mera pressão psicológica para obter garantias de que a ex-república soviética permanecesse fora da OTAN.

Os fatos, todavia, provaram que Biden estava certo. E agora o mundo se arrepia, só com lembrar o que foram as duas grandes guerras do século passado, que pareciam horrores nunca mais possíveis.

A política de Putin em relação à república ucraniana tem notável semelhança com aquela de Hitler, quando, em 1938, após anexar a Áustria à Alemanha, pretendeu fazer o mesmo com uma vasta região da Tchecoslováquia, alegando o fato de que uma alta porcentagem de alemães vivia nela.

Já em 2014, a Rússia havia anexado a Crimeia. Também, neste caso, a justificativa era a presença ali de muitos pró-russos. Agora o mesmo roteiro foi reproduzido para a região de Donbass, que apresenta características semelhantes, mas, desta vez, estendendo a ofensiva a toda a Ucrânia. Segundo o premiê russo, não é guerra nem invasão, mas simples “operação especial”.

O que é alarmante, porém, não são apenas as escolhas militares. Mais inquietantes são as motivações delirantes apresentadas por Putin, para justificá-las. Começando por aquela inicial, segundo a qual a República Ucraniana é que havia

atacado. Uma argumentação que lembra o lobo da fábula de Fedro que, encontrando-se bebendo do riacho no montante em relação ao infeliz cordeiro, acusou-o de turvar sua água...

Na mesma linha, as outras acusações, feitas pelo Kremlin contra o governo ucraniano, de ser nazista e de ter praticado genocídio contra a etnia russa de Donbass, quando todos sabem que o verdadeiro problema da Rússia é a virada que recentemente levou a Ucrânia ao mundo ocidental, com a possível entrada na OTAN.

Em suma, estamos diante de uma política que, como no tempo de Hitler, não tem medo de invocar argumentos claramente irracionais para realizar os atos mais extremos. Isso torna impossível o diálogo, até porque a OTAN, por sua vez, não esconde seu sonho de avançar sempre mais para o oeste.

Um trio e seus nós

Na literatura nacional, não hesito um instante: os três maiores são Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. E volto a eles aqui, muito naturalmente, sobrepairando seus monumentais legados escritos, a ver como se saíram com os nós que a vida lhes ofereceu.

MACHADO DE ASSIS

Ele não teve vida fácil. Nasceu sob condições adversas, em família carente. O pai era pintor de paredes e a mãe, lavadeira.

Ficou órfão de mãe muito cedo e, por isso, foi criado com sua madrasta, sem frequentar escola.

Era franzino, pobre, tímido, descendente de escravos e ainda por cima teve de enfrentar, desde a infância, a carga pesada da epilepsia. Por causa das convulsões, não raro mordida a língua, o que lhe dificultava a fala.

A epilepsia significou o mais duro desafio de sua vida. No seu tempo, era um distúrbio cercado de mitos e preconceitos e considerada doença mental, relacionada à insanidade. E não havia tratamento eficiente. Assim, coube-lhe conviver com a angústia de ter uma crise epiléptica a qualquer momento e, o pior de tudo, longe da esposa ou de algum amigo que o socorresse, com todas as reservas.

Mas, assim como superou o preconceito racial, a epilepsia também não o impediu de demonstrar a extrema capacidade intelectual de seu talento genuíno. Como Van Gogh, Dostoiévski e Flaubert, epilépticos também, enfrentou com bravura esse transtorno.

Suas chances de ascensão social pareciam extremamente improváveis, mas não esmoreceu. Ano a ano, foi conquistando seu espaço. Conseguiu cargos públicos de nível federal e, como escritor prolífico de contos, crônicas, romances, teatro e poemas, de obra em obra, impôs-se, respeitosamente, em ambientes intelectualizados, pondo abaixo todas as ideias preconceituosas sobre superioridade social e racial, então vigentes. E se imortalizou como fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Sua morte foi notícia nacional.

Do tesouro puro de toda a sua produção literária, recolho aqui um inspirado excerto, precioso mimo póstumo, que dedicou àquela que lhe desatava todos os nós.

A CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados,

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Machado de Assis

GUIMARÃES ROSA

Considerado por muitos como o maior escritor brasileiro do século XX, Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (MG), em 27 de junho de 1908, mesmo ano em que morreu Machado de Assis.

Família de classe média, o pai era um pequeno comerciante naquela cidade de baixa população, hoje atração turística, devido à Gruta do Maquiné e à Casa do escritor.

Ainda pequeno, mudou-se para a casa dos avós, em Belo Horizonte, onde concluiu os estudos básicos. Não gostava de falar de sua infância. Dizia, “é um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, estragando os prazeres... um excesso de adultos... fui rancoroso e revolucionário permanente... Já era míope e nem mesmo eu, ninguém sabia disso”.

Formou-se em Medicina e passou a exercer a profissão em Barbacena e no distrito de Itaúna, hoje Itaguara, onde permaneceu cerca de dois anos. Ali aconteceram seus primeiros contatos com a vida sertaneja, que serviram de referência e inspiração para toda a sua obra.

Médico dedicado, perder um doente lhe causava quase uma tragédia. Apesar do paciente já estar falecido, aconteceu de ele ficar a insistir, injeções mais injeções, como se pretendesse ressuscitá-lo. Por essa extrema sensibilidade, o convívio com a doença e com a morte levou-o a abandonar a medicina. Voltou-se para a carreira diplomática, dada sua prodigiosa facilidade com idiomas.

Foi cônsul-adjunto em Hamburgo, na Alemanha, até o fim da aliança entre os países durante a Segunda Guerra Mundial, o que o levou ao cárcere, por cinco meses, com o pintor Cícero Dias e o embaixador Cyro de Freitas Vale, em Baden-Baden, em 1942, em consequência da ruptura de relações entre o Brasil e a Alemanha. Depois de solto, tornou-se secretário da embaixada brasileira em Bogotá e depois conselheiro diplomático em Paris. De volta ao Brasil, é promovido a ministro de primeira classe.

Sua prodigiosa produção literária não começou bem. Com 29 anos, concorreu ao Prêmio Umberto de Campos, com um livro de contos, sob pseudônimo *Viator*. Saiu vencido por 3 votos a 2. Na comissão julgadora, figurava Graciliano Ramos.

Em 1946, com *SAGARANA* e dez anos depois, com *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, o renome de Guimarães Rosa se consolidou. Esta última obra causou enorme impacto: elogios estrondosos e críticas ferozes. Mas o livro correu mundo, em muitas línguas, não obstante o nó que os tradutores enfrentaram.

Frustrado na primeira tentativa de entrar na Academia Brasileira de Letras, foi eleito, em 1963, por unanimidade.

Morreu três dias depois de sua posse, vítima de enfarte, em 19 de novembro de 1967. Suas palavras continuam vivas:

“As pessoas não morrem, ficam encantadas”.

“As palavras têm canto e plumagem”

“O sério pontual é isto, o senhor escute, me escute mais do que eu estou dizendo; e escute desarmado. O sertão é isto, da estória toda – por isto foi que a estória eu lhe contei –; eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome”.

“...o mais fundo de meus pensamentos não entende minhas palavras”.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

CLARICE LISPECTOR

Contemporânea de Guimarães Rosa, hábil como ele no surpreendente poder de criação e transformação da palavra, Clarice Lispector é considerada uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX.

Nasceu na Ucrânia em 10 de dezembro de 1920, de família judaica russa, que precisou fugir do país, em razão do antissemitismo. Aportaram em Maceió, donde, após breve período, vieram para Recife. Aí Clarice fez seus primeiros estudos, transferindo-se, aos quatorze anos de idade, com o pai e as irmãs, para o Rio de Janeiro,

Seu casamento, em 1943, em plena guerra mundial, com o diplomata Maury Gurgel Valente, provocou muitas viagens,

muitos problemas de distanciamento conjugal, de solidão, de espinhosas obrigações diplomáticas, no estrangeiro, na África (Libéria, Guiné Portuguesa, Senegal, Marrocos e Argélia), na Europa (Portugal, Itália e Suíça) e nos Estados Unidos.

Com dois filhos pequenos, divorciou-se, em 1959, e voltou ao Rio de Janeiro, estabelecendo-se aí para sempre.

Na capital federal, Clarice havia se formado em Direito, mas preferiu dedicar-se ao meio literário, no qual ingressou precocemente como tradutora, consagrando-se depois no campo das letras, com vasta obra literária, composta de romances, contos, crônicas, literatura infantil e entrevistas.

Perto do Coração Selvagem foi seu livro de estreia, publicado quando tinha 24 anos de idade, e o último foi a *A Hora da Estrela*, publicado poucos dias antes de sua morte, no Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1977.

Clarice sempre fez questão de dizer-se brasileira e pernambucana.

“Para que escrevo? E eu sei? Sei não. Sim, é verdade, às vezes também penso que eu não sou eu, pareço pertencer a uma galáxia longínqua de tão estranho que sou de mim. Sou eu? Espanto-me com o meu encontro”.

“Sou uma pessoa insegura, indecisa, sem rumo na vida, sem leme para me guiar: na verdade não sei o que fazer comigo”.

“Se eu errar que seja por muito, por amar demais, por me entregar demais, por ter tentado ser feliz demais”.

“Sou composta por urgências: minhas alegrias são intensas; minhas tristezas, absolutas. Me entupo de ausências, me esvazio de excessos. Eu não caibo no estreito, eu só vivo nos extremos”.

“Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor”.

3

OS 5 TEMPOS DA PALAVRA

“Tudo neste mundo tem seu tempo... tempo de nascer e tempo de morrer... tempo de ficar calado e tempo de falar”.

Eclesiastes 3, 1-7.

De cérebro altamente desenvolvido, o homo sapiens desenvolveu sua capacidade mental com o raciocínio abstrato e a linguagem. Somos seres (e)loquentes. Falar é dos humanos, como latir, miar e mugir é dos brutos.

Essa aparente obviedade sempre mereceu atenção da Filosofia, porque o poder expressionista e comunicativo dos seres humanos denuncia um privilégio superior, não explicável apenas pela Ciência. Como perene tentativa de redução dos conceitos ao Ser, a Filosofia faz-nos voltar à fonte das nossas experiências específicas, o cérebro, base material da linguagem.

Vale a pena, então, analisar, filosoficamente, a experiência do próprio ser da palavra, expressão do pensamento pela

linguagem articulada, experiência entrelaçada e corroborada por outras experiências existenciais fundamentais, como a experiência emocional da admiração (estranhamento do ser), a experiência áspera do trabalho (efetividade do ser), a dura experiência da angústia (apertura do ser) e a prazerosa experiência do belo (sensibilização do ser).

Essa análise, evidentemente, há de ser feita pelo viés antropológico, somos o único animal que se serve de instrumentos por ele mesmo fabricados e como pessoa, único e insuperável agente esgrimista da palavra.

O primeiro olhar cai sobre o próprio termo pessoa. É muito significativo que tal palavra se tenha originado do teatro antigo, graças a um imprevisível desenvolvimento semântico, pois com o vocábulo latino *persona* se designava a máscara dos atores, daí o papel desempenhado quer pelo ator no palco quer por alguém na sociedade. No teatro grego e latino, cada ator podia interpretar várias “personas”, um velho, uma jovem, uma criança, com o recurso de apropriadas máscaras.

Vale registrar que, na Idade Média, alguns autores gostavam de interpretar *persona* como uma realidade *per se una* (ou seja, realidade una por si mesma); outros preferiam ligar “*persona*” ao verbo latino *personare* (ressoar), porque cabia à máscara alterar e projetar a fala do ator, permitindo-lhe ser melhor ouvido pela plateia.

Interessante lembrar ainda que a forma latina *persona* continua viva na psicologia e na psicanálise contemporâneas, bem como suas correlatas *personagem* e *personalidade*, sem esquecer o

personalismo de duplo sentido: sentido positivo, escola filosófica que define a pessoa como valor primordial; sentido negativo, a pura exaltação dos interesses pessoais.

Personalismo

É uma filosofia que visa levar a pessoa à sua realização, acima de quaisquer instituições ou coletividades, como ser único e peculiar que é. Por isso é uma filosofia que escapa a todas as sistematizações, exatamente porque baseada na pessoa, ser livre e sempre imprevisível.

Para situar bem essa visão personalista, é interessante lembrar como a Pessoa foi vista, ao longo da história.

O primeiro momento foi o “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates.

O segundo foi o Cristianismo, que tem a pessoa como imagem divina.

O terceiro, foi o “penso, logo existo” de Descartes.

O quarto aconteceu com Kierkegaard, mostrando que a pessoa se faz pela consciência da sua subjetividade e da sua liberdade.

O quinto veio com Marx, ao defender que o ser humano concreto é o sujeito de sua história.

O sexto momento, enfim, se concentra na França com vários autores, como Paul Ricoeur e Maurice Mounier. É o personalismo com seu cógito existencial: “eu amo, por isso eu sou e, por isso, vale a pena viver”.

Em oposição a Heidegger e Sartre, que pensam que a existência em comum se frustra pela luta infernal dos indivíduos que aspiram a se controlarem, o Personalismo afirma a realidade do Amor, devido a que o Eu só pode existir na medida em que existe para o Outro.

Ser é, pois, amar.

Passemos então a demarcar o conceito de pessoa, apurando e enumerando seus traços essenciais.

Primeiro: não é satisfatório chamar uma pessoa de indivíduo, porque todo ser vivo, um animal, uma planta, é um indivíduo não pessoal; pessoa é um ser vivo único, ser vivo reflexivo, tem consciência de si mesmo, é livre, senhor de si mesmo. Registre-se que indivíduo é como os agentes policiais chamam, hoje, bandidos e meliantes.

Segundo: a pessoa é um ser material e espiritual, integralmente corpo e integralmente espírito. Não existe inteligência sem cérebro. Separá-los é falso. Basta lembrar quanto a fala, o rosto e os olhos expressam da nossa inteligência, vontade e sensibilidade.

Terceiro: a pessoa é um ser contingente, porque necessária e substancialmente encarnado, sem perder seu poder de transcendência.

Quarto: a pessoa não é um objeto; mas um sujeito, a única realidade que construímos de dentro de nós mesmos, por autocriação.

Quinto: a pessoa está mergulhada, responsabilmente, na natureza, é um ser natural, sem ser joguete na natureza.

Sexto: a pessoa considerada isoladamente, como um átomo separado, é pretensão fatal. Ela nasce e se desenvolve por e com uma rede de relações, Se se acreditar soberana ou autônoma, sem elos, sem alteridade, perde-se, torna-se escrava de si mesma.

Desses marcos antropológicos, passa-se, logicamente, ao balizamento axiológico. Antes de mais nada, a consciência de que toda pessoa é única, o que vale dizer, o mundo é feito de pessoas diferentes. Donde se deduz a obrigação de saber conviver, não pela negação das diferenças, mas pela integração dos valores pessoais, em vista do entendimento comum.

Outra norma prática é a busca da personalização. Toda pessoa concentra tanto a tendência da despersonalização que leva à dispersão, à indiferença, ao nivelamento, à repetição, como a tendência da personalização, que é a capacidade pessoal de superar obstáculos e rasgar caminhos, rumo à afirmação da própria personalidade.

Nessa tentativa de personalização é que amadurecem e se consolidam a força, a cor e o tom da linguagem humana, concretizada na essência superabundante e pluridimensional de todas as nossas palavras, as simplesmente pensadas, as claramente faladas, as cuidadosamente escritas/digitadas, as atentamente lidas e as, eventualmente, ouvidas. Examinemos o primeiro tempo de uma palavra, a palavra no seu nascedouro.

A palavra pensada

“Pensar é grátis; não pensar é caríssimo”.

Millor Fernandes

Tudo começa no cérebro, graças à conexão dos nossos neurônios. Ali despontam impressões, ideias se encadeiam, formulam-se pensamentos. Ali tudo se pensa e se pesa, conforme o sentido do original latino *pensare*, que significa as duas coisas. Do pensamento trabalhado, produto representativo por imagens ou cognitivo por ideias, nasce a palavra pensada, a palavra cogitada, ou seja, co-agitada na mente, a palavra deliberada, avaliada na balança (*libra*, em latim) mental, a palavra explicada, do latim *explicare*, que significa, literalmente, tirar as dobras. Palavra que se desdobra da mera impressão para a reflexão, da inconsciência para a consciência, do íntimo espiritual para a forma concreta.

Durante toda a extensão da vida de cada um, sempre se buscará transformar o pensamento no molde exterior, palpável, que é a palavra. No segundo momento desse processo linguístico criativo, opera-se a busca do aperfeiçoamento desse molde, a escolha da palavra adequada à pretendida clareza do pensar. E restará ainda o cuidado de arrumar as palavras na sentença, porque, como Machado de Assis falou sobre as coisas, “elas nascem de outras, enroscam-se,

desatam-se, confundem-se, perdem-se, e o tempo vai andando sem se perder de si...”



Estátua de René Descartes no centro da sua cidade natal

Fonte: GUILLO, Jean-Charles. Estátua de René Descartes à La Haye-Descartes. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Statue_de_Ren%C3%A9_DESCARTES_-_Jean-Charles_GUILLO.jpg. Acesso em: 26 abr. 2022.

Falar em palavra pensada é trazer em cena René Descartes: “Penso, logo existo.” Desiludido das certezas e incertezas da sua época, rodou o mundo por nove anos e depois, assentado na Holanda, entregou-se a intensas meditações, percebendo com elas que todas as ideias que haviam entrado em seu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões dos seus sonhos. Tudo lhe parecia falso. De uma coisa, porém, não tinha dúvida: ele pensava.

Foi assim, pensando e repensando e duvidando de tudo, metodicamente, que chegou a duvidar do próprio pensamento e

afirmou sua própria existência, acrescentando que “a essência do homem é pensar”. E exemplificou pormenorizadamente: “Sou uma coisa que pensa, isto é, que duvida, que afirma, que ignora, que ama, que odeia, que quer e não quer, que também imagina e que sente”.

Isenta do linguajar filosófico, mas reproduzindo-o em nível prático, a sabedoria popular, nunca é demais recordar, nos ensina quanto é importante refletir antes de qualquer manifestação, porque em boca fechada não entra mosquito e foi sempre bom pensar duas vezes antes de agir, pois só quem pensa bastante é capaz de chegar à verdade nua e crua.

Mas há quem discorda. Pensar, pensar demais, dizem uns, deixa a pessoa meio no ar, paralisada, como que presa por um nó na cabeça. Refletir é trabalhoso para muitos. Preferem saltar para o vazio. No entanto, a própria ciência prova, por neuroimagens, que pensar e repensar dá prazer, contrariando, assim, a famigerada expressão “de pensar morreu um burro”. Trata-se aí de falso argumento, porque a tal expressão reprova não o pensamento, mas a indecisão. Basta lembrar que ela nasceu a partir de um filósofo francês do século XIV, Jean Buridan, celebridade no seu tempo. Dissertando sobre o livre arbítrio, chegou à indecisão, pecha de muitos seres humanos. Discutiu o assunto com tanta insistência e vivacidade que a tradição colou seu nome com a estória de um burro por ele inventada. Um asno, contou ele, caminhava pelo deserto com muita fome e sede, até que viu duas vasilhas: uma de aveia, outra de água. Por onde começaria a satisfazer as duas necessidades? Nesse dilema, pensando e

repensando, sem conseguir se definir, o pobre animal morreu de fome e de sede. Pensou demais? Não, o pensamento exige o exercício da inteligência, não acontece num clique, por isso o bem pensado nunca sai errado. O que faltou ao burro foi decisão. E essa decidofobia já pegou e matou muita gente até hoje.

Sair da dúvida é criar decisão, resolução, pensamento definido, fruto de bastante refletir ou assuntar, coisa de doutor como de caipira. Produtivo ou destrutivo, é assim, com dupla face, que ele brota e acompanha todos os passos da vida humana.

Numa perspectiva ideal, seríamos todos uma palavra pensada, um pensamento construtivo coletivo, voltado a assumir responsabilidade como cidadãos, máxime no momento atual do País. Há nós gravíssimos nos desafiando em nosso entorno. Cito apenas dois: na educação e na política.

Hoje, para que a educação seja efetivamente inclusiva, deveria levar crianças e jovens a um aprendizado responsável e ativo, que aprendam, por exemplo, a tirar o melhor do que a internet lhes pode oferecer, discernindo, como habilidosos usuários das mídias sociais, o conteúdo que lá encontram.

Outro nó abjeto de proporção nacional armou-se na política, com parlamentares, representantes nossos, transformando-a em carreira para ter ganhos pessoais, ao invés de vivê-la como serviço a favor da coletividade.

Só com o voto bem pensado conseguiremos eliminar esses traidores.

Quem pensa, faz.

Conta-se que Diógenes, aquele que em pleno dia perambulava pela cidade com lanterna acesa, recebeu, em via pública, a visita inesperada de ninguém menos que Alexandre Magno. O imperador quis conhecê-lo e, na conversa, prometeu-lhe dar o que quisesse. Como o soberano lhe fazia sombra, o pedido de Diógenes foi, simplesmente, que saísse da frente, pois estava lhe tapando o sol.

Antes, Diógenes legou ao mundo uma lição da melhor filosofia, mostrando que celebridade, poder, dinheiro e posição social não valem a luz que natural e gratuitamente recebemos.

O valor máximo, porém, dado pela mãe natureza a todos nós é a razão, bem representada pela luz do sol. É pelo pensamento que superamos os outros animais. Com o pensar, a humanidade pode transitar pelo mito, pela religião, pela filosofia e pela ciência, sempre descobrindo meios de justificar e fortalecer sua presença sobre a face da terra.

Foi pela razão que se foram fabricando inúmeras ferramentas, ao longo dos séculos, para favorecer a sobrevivência humana, até se chegar à incorporação de certos dispositivos aptos a suprirem nossas eventuais deficiências orgânicas, desde simples talas para manter ossos deslocados.

Se, na antiguidade, surgiu a escrita para preservar a memória, mais tarde apareceram os óculos para corrigir defeitos visuais e depois dessas lentes salvadoras, vieram os aparelhos auditivos e, mais recentemente, uma galeria brilhante de pinos, implantes, bandas ortodônticas, stents, marca-passos e válvulas cardíacas artificiais.

Tudo isso é a razão a despertar cientistas e técnicos para melhorar e até salvar vidas, mediante a criação de próteses cada vez mais sofisticadas, como as peças inteligentes da tecnologia biônica. A propósito, consta na biografia de Freud que, atingido de câncer no palato, precisou, nos últimos dezesseis anos de vida, reter uma desconfortável prótese dentro da boca. Foi martirizante, mas pôde, mesmo assim, afirmar, com estoicismo e autoridade, que o homem, para subjugar as forças da natureza, se tornou um “deus protético”.

Ele escreveu isso uns noventa anos atrás, em *O mal-estar da civilização*. Que diria hoje, se estivesse por aqui? Aprovaria, por certo, o arsenal maravilhoso das próteses à disposição de todos, mas ficaria intrigado ao perceber quanta gente traz colado à mão um aparelho que jamais tinha visto. Seria uma prótese?

Fruto, sem dúvida, de alta tecnologia, o celular não existiria se não gozássemos da razão. Mas, como acessório material, não vale mais que a nossa inteligência. É irracional fazê-lo senhor de todos os nossos passos. Cairíamos aí em *el sueño de la razon*, estampado por Goya em célebre tela, onde ele aparece a dormir, como que abatido pela própria ignorância, com sinistras aves noturnas às suas costas. O quadro está no museu d’Orsay e na internet.

O sono da razão, segundo o pintor, *produce monstruos*. E não é exagero de espanhol. Que o digam as guerras, o Holocausto, Hiroshima e Nagasaki. Claro que o telefone móvel não chega a tanto, mas virar escravo dessa “prótese” não fica bem aos que prezam a própria cachola.

A palavra falada

“*Quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!*”
Fernando Pessoa

Ninguém nasce falando. Os primatas não falavam. Falar foi uma conquista no processo de hominização física e intelectual, desenvolvido, segundo Piaget, por instinto do próprio organismo, com o hábito adquirido pela imitação e pela inteligência.

Na Roma antiga cultuava-se um pequeno deus romano, *Fabulinus*, protetor das crianças ao começar a falar. Os romanos lhe faziam oferendas, após as primeiras palavras do nenê.

Esse nome, Fabulino, como o verbo falar, vem do verbo latino familiar *fabulari*, que significava conversar, inventar histórias. Percebe-se aí claramente que tal verbo proveio do substantivo *fábula*, com sentido de relato não histórico, não comprovado, quiçá falso. De todo modo, o verbo se referia à troca verbal de pensamentos e emoções com outras pessoas, numa palavra, à comunicação.

Nesse relacionamento de membros de uma coletividade, cumpre distinguir dois tipos de comunicação: a primeira, prática, universal, oralizada pela língua materna, desenvolve-se no simples nível da realidade informacional cotidiana, como retrato do agir da pessoa no seu mundo de vida, de trabalho, de sobrevivência; a outra, existencial, estritamente singular, transcende a realidade empírica ordinariamente percebida, e funda-se na vida de alguém que se revela à outra existência, cada um com base na sua história, nas suas possibilidades e nas suas verdades.

Nos dois casos, comunicação completa ocorre sempre pela palavra falada. O pensar é um ato solitário, que só se realiza pelo falar íntimo desdobrado para o outro.

Falar é o sinal máximo da diferença entre a nossa humanidade e a pura animalidade. Daí o direito de toda e qualquer pessoa à palavra, direito que não vem explícito na Constituição Federal, mas que se deduz do seu Artigo 5º: “é livre a manifestação do pensamento”.

E o Artigo 19º da Declaração Universal dos Direitos Humanos explicita:

“Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar transmitir informações e ideias, por qualquer meio e independentemente de fronteiras”.

Temos aí subentendida a condenação de todo tipo de ditadura. Mas há muitas formas de burlá-la, exprimindo o que se pensa por gestos e expressões corporais e fisionômicas, vantagem inexistente na linguagem escrita, que tudo grava com letras e sinais diacríticos, facilitando a checagem de censores.

A palavra falada prevalece a todas as outras. Ela corporifica o pensamento, porque envolve todo um gestual linguístico, emoldurado pelo movimento das mãos, dos braços, dos olhos e pelo variar das entonações.

Para mostrar essa vantagem da língua falada sobre a escrita, Júlio Nogueira, em suas “Indicações de Linguagem”, contou que um cara, em visita ao amigo, pediu-lhe por empréstimo a sua capa, porque chovia muito. Passou um ano e a capa não era devolvida. Perdendo a paciência, o seu proprietário mandou-lhe um bilhete, reclamando-a: “Mande a minha capa!” O outro não gostou nada. Achou o pedido curto e grosso. Comentando o caso, alguém lhe perguntou: – Como você acha que ele deveria dizer? E o queixoso simplesmente repetiu aquelas mesmas palavras, mas dando à voz um tom meloso e aflautado.

Essa riqueza expressiva reveste o nosso falar de todos os dias na conversação, no trato familiar, nos contatos sociais. Ali pulsam emoções, afetividade ou dissensão, entoação, cadência, modulação, tonalidade. Sem formalidades, lança-se mão de certos realces sonoros espontâneos, da pausa intermitente, da aceleração da frase, do sorriso de satisfação, da pergunta inesperada, das mãos que se movem e, às vezes, até do olho no olho.

Impossível definir o conteúdo desse tratar com alguém de perto. Assunto sempre haverá, conforme os interesses e as situações de falantes e ouvintes. Afinal, quem fala com outrem pode tratar de qualquer coisa, mas, essencialmente, exprime-se a si mesmo.

No cotidiano, o que mais aparece quando dois conversam, são palpites descomprometidos sobre pessoas, acontecimentos, notícias, são “inspiradas” sugestões para solução de algum problema, e, uma vez ou outra, reponta alguma proposta.

Palpite é a modalidade naturalmente irresponsável, mera opinião. Basta verificar que palpitar é verbo frequentativo, derivado de palpar. Designa ação repetida, quase automática, o jeito típico dos palpiteiros em prosa de futebol, na loteria, na campanha eleitoral. Palpitar é um direito, mas atenção: uma coisa é o conhecimento médico, que entende de palpitação; outra coisa, o palpite, a suspeita hipotética do paciente.

Boa forma de dizer o que se pensa é a sugestão. Pode ser a dois ou numa reunião, como entre vizinhos ou em encontro de pais e mestres. Sugestão é um ato pelo qual se suscita no espírito de outro uma ideia a que não teria sido levado. Veio do verbo latino *suggero*, que significa pegar alguma coisa de baixo para oferecer a alguém. Assim, toda sugestão deve ser oferecida com certa humildade, sem nenhum estrelismo, voltada ao bem de todos, mas a ser analisada.

O pensamento, enfim, assume grau de expressão superior quando exposto por meio de uma proposta, a saber, por

sugestão cuidadosamente elaborada, com projeto de execução, em vista de determinado fim. Quem faz uma proposta desenvolve sua ideia com clareza e objetividade, deixando nítido aonde quer chegar.

Fica evidente, então, a importância da palavra falada, quando não procede da irreflexão. Temos no caso o pensamento humano, em condições ideais, isto é, controlado e plenamente controlável. A experiência ensina, aliás, que é possível aprender a controlar o próprio pensar, tomando consciência do que se fala, sabendo ouvir o outro e mantendo foco na interlocução. Pode-se até afirmar: pessoa que fala pouco pensa muito, como também pessoa que fala muito pode tentar pensar, enquanto fala.

Na prática profissional, essa palavra ponderada representa o instrumento indispensável de sucesso. Como imaginar sem ela a vida de um jornalista, de um advogado, de um professor? Pode-se até afirmar que a palavra criou uma ciência moderna, a psicanálise, a grande descoberta terapêutica de Freud, a partir do tratamento de sintomas de histeria de uma mulher, ao lhe desbloquear o subconsciente. Foi a cura pela fala.

Essa aplicação certa da palavra falada supõe, com certeza, o apreço e o cuidado a se ter com esse instrumento mais utilizado de comunicação humana, em todo o mundo, em todos os tempos.

Muita gente, porém, sofre o destempero de linguagem. Falam à beça e depois não sabem como se sair da encrenca. Foi com razão que se criou o pejorativo palavroso, para identificar o falastrão, o tagarela, o boquirroto, o indiscreto, o linguarudo,

gente pichada por não poucos provérbios populares, como “quem diz o que quer, ouve o que não quer”. Excessos no falar obscurecem a beleza da palavra. Falatórios de bar e discursivas de solenidades só desprestigiam a nossa “última flor do Lácio, inculta e bela”.

Mas se existe gente que fala pelos cotovelos, ou seja, fala sem parar, cutucando o pobre ouvinte, não se pode esquecer também a figura de muitos outros de palavra tristemente tolhida. Como aceitar o silêncio forçado dos oprimidos, dos marginalizados, dos invisíveis da sociedade, massa humana a que se roubou a voz?

Não menos grave a situação pessoal de tantos, em faixa socioeconômica um tanto melhor, mas arrasados, sem palavra, com nó no peito, a sofrer da angústia existencial, pela consciência de seres finitos e efêmeros, atormentados pela própria finitude e temporalidade. Oxalá encontrem amparo humano ou sobrenatural, para superar essa triturante ambivalência de vida e se aliviem de tanta ansiedade e recuperem a própria palavra.

De qualquer forma, não se encontram em beco sem saída. Podem se sentir em crise, em estado de torturante desequilíbrio, asfixiados no drama da existência, mas uma orientação amiga poderia ajudá-los a reencontrar a paz interior. Talvez a simples descoberta do sentido positivo desse termo – crise – já os fizesse virar a página do sofrimento. Crise não seria uma palavra mal explicada, maltratada?

Daria um bom curso de introdução à Filosofia a análise de certas palavras usadas sem nenhuma precisão ou

propriedade. São palavras maltratadas ou tratadas mal e, por isso, se desfiguram e, ao mesmo tempo, desarranjam a nossa compreensão. Palavras são como roupas. Vestem nossos pensamentos. Quem pensa bem, se expressa bem, apresenta-se bem.

Na extensa lista das palavras maltratadas, como crise, cultura, mito e utopia, paro na primeira, em atenção à aguda importância da pandemia atual.

Dignidade é o que sobra para esse vocábulo hoje universalizado, mas grego de nascimento. Ele já povoava tanto a obra de um Aristóteles como a de uma serviçal, na Ática, dado que, *krisis*, no mundo helênico, significava distinção, e por isso mesmo, separação também. Quem distingue coisas ou pensamentos, separa-os. E quem separa o bom do mau, o joio do trigo, a casca da polpa do fruto, também está fazendo distinção.

Em compêndios etimológicos, consta que crise, como também critério, crivo, crítica, vem do verbo grego *krinein*, que significa separar ou distinguir ideias como também elementos materiais. Em português bem simples, diríamos peneirar. É peneirando que se seleciona o melhor de uma farinha ou de um raciocínio.

Por que, então, entender crise como coisa ruim, situação de desequilíbrio e desajuste? Não é bem na crise que se procura o médico? Sem a crise do trabalho do parto, não teríamos nascido. Sem crise à vista, não haveria poupança nem investimentos, nem usinas hidroelétricas, nem ambientalismo e sequer evangelização.

Seu casamento está em crise? Não aponta o fim do mundo, mas um sinal para uma reflexão restauradora ou para um diálogo resolutivo.

Crise, portanto, é realidade construtiva para quem pensa e age como senhor da própria história.

Foi nessa direção que Kant editou a *Crítica da Razão Pura*, sobre o que podemos saber, e a *Crítica da Razão Prática*, sobre o que devemos fazer. Criando uma quase paródia do filósofo alemão, o catarinense Roberto Gomes escreveu, faz anos, a gostosa e muito reeditada *Crítica da Razão Tupiniquim*, onde procurou combater nossas transcrições simiescas do pensamento estrangeiro, e propôs razões e critérios para a elaboração de uma filosofia genuinamente nacional.

Se passarmos, agora, para a visão da atual realidade brasileira, o panorama aparece pronto para nele se encaixar o tratamento correto dessa maltratada palavra crise. Nestas paragens, tudo parece conspirar para o pior, ratificando cada vez mais, na cabeça das pessoas e no vocabulário cotidiano, que crise é mesmo desgraça, desencanto total, morte de todas as esperanças.

No entanto, dessa crise pode brotar muita aprendizagem para cidadãos conscientes. Se com os anos tristes da Ditadura aprendemos a sonhar e lutar pela reconquista da democracia, hoje tantas decepções políticas serpeiam por aí, para nos mostrar que resta ainda comprida, mas possível estrada na edificação de um país justo, digno e são.

É por esse rígido crivo de desilusão com o poder público e com inúmeros parlamentares, que a parte sã da nação vem descobrindo caminhos para reconstruir o País, como a reforma administrativa e a priorização absoluta da educação.

“

Montaigne, bom de papo

”

Michel Eyquem de Montaigne foi um jurista, político, filósofo, humanista francês, que se tornou famoso pela sua obra, *Ensaaios*, de 1580.

O que ele procurou contar aí não foi a história dos seus feitos e conquistas, mas o que viveu e como viveu no mundo do seu tempo. Punha no papel sua experiência de vida, escrevendo sobre aquilo que qualquer pessoa passa: amizades, alegrias, tristezas, brigas, diversão, sono, raivas, a vida enfim. Tudo numa linguagem clara e simples, como se vê no final de seu último ensaio: “Embora usemos pernas de pau, temos de mexer as do corpo para andar, e é com o traseiro que nos sentamos no mais alto trono do mundo. As mais belas vidas são, penso eu, as que se adaptam no modelo geral da existência humana”.

Ora, nada mais presente no cotidiano da vida que a conversa, o território livre da palavra falada, onde Montaigne pontifica: “Meu padrão essencial é tendente à comunicação e à revelação. Situo-me em campo aberto e à vista de todos, nascido para a convivência amiga”.

Apreciava a conversa fluente em situações triviais, que aproveitava para aprofundar os relacionamentos, em noites gostosas de risos e brincadeiras, praticando assim “a troca animada e penetrante que a disposição favorável e a familiaridade facultam aos amigos, brincando e gracejando”. Para ele uma boa conversa era melhor que ler livros. Valorizava tanto a palavra falada que diz preferir perder a visão à fala. Mas não tolerava prova fiada e muito menos conversa de gente que só falava de si mesma.

Na ótica do bom relacionamento, Montaigne até sugere que as crianças, desde a mais tenra idade, sejam estimuladas a sair do seu mundinho fechado. Pela boa convivência social, ganhamos mais conhecimento dos outros pois “estamos todos debruçados e concentrados sobre nós mesmos e nossa visão se reduz ao comprimento do nosso nariz”.

A palavra ouvida

“Quando ouço os outros, quero ir adiante, adivinhando; quando os outros me ouvem, quero-os atentos e pendurados”.

Pe. Manuel Bernardes

A linguagem completa se constrói com elocução e audição. Esta é mais delicada que aquela, porque se o ouvir for falho, não haverá compreensão perfeita da provocação sonora.

Ademais, passar da palavra falada para a palavra ouvida é surpreender-se com uma das mais lindas maravilhas do organismo humano, o sistema sensorial que capta os sons em ondas pelo ar e converte tais ondas em sinais elétricos transmitidos ao cérebro, intérprete perfeito dos sons recolhidos.

Pensemos no sistema auditivo, com sua parte externa, a orelha, e a outra, interna, o ouvido, ambas responsáveis pela nossa audição e pelo nosso equilíbrio. Nessa maravilha anatômica, há nervos sensibilíssimos aliados a ossículos como o martelo, a bigorna e o estribo, mas ali funcionam também dois instrumentos musicais: o tímpano (palavra grega que significa tambor) e a trompa (tuba) de Eustáquio. Nesse caprichado ninho anatômico, nasce a palavra ouvida.

Nos dias de hoje, tempo de incontrolável avanço dos meios de telecomunicações, através dos quais toda e qualquer

informação pode ser captada e confrontada pelo som, de modo instantâneo, cabe perguntar: o que ouvimos? o que escutamos?

O que ouvimos

Ouçã mil vezes, fale uma só.
(Provérbio árabe)

O Padre Antonio Vieira, o imperador da língua portuguesa, segundo Fernando Pessoa, como que desenhou a fonte e a forma da nossa audição, num dos seus memoráveis sermões, sublinhando “o notável artifício com que a natureza formou os nossos ouvidos. Cada ouvido é um caracol (Na parte interior, destaca-se a cóclea, que se diz em latim caracol) e como as palavras entram passadas pelo oco deste parafuso (Na antiguidade, a cóclea chamava-se parafuso de Arquimedes), não é muito que quando saem pela boca saiam torcidas”.

Palavras torcidas, desvirtuadas por interpretação intencionalmente diversa do que foi dito, só merecem ouvido de mercador. Palavras igualmente torcidas em notícias vagas, incompletas, falsas, são palavras loucas destinadas às orelhas moucas. Vêm de pessoas que ouviram cantar o galo sem saber onde e por que. Podem até falar grosso e sua falação morrerá no deserto.

Já a palavra clara, reta, sem enroscos, essa é consequente, gera conhecimento, alimenta o diálogo, constrói a arte de

conversar. Essa a palavra base de qualquer alteração judicial; é o ouvir a outra parte, norma que consagra o princípio processual do contraditório. Essa também a palavra subentendida na exortação tantas vezes repetida por Cristo, ao enfatizar a importância da boa-nova que vinha anunciando: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.”

Com duas conchas abertas para os sons, de tantos companheiros na caminhada da vida, recebemos todo tipo de conversa: afiadas e fiadas, sérias e corriqueiras, de boas verdades e de grandes e pequenas mentiras. E para nós, brasileiros, o próprio hino nacional exalta as margens plácidas do Ipiranga, porque elas ouviram o nosso brado retumbante de povo heroico.

Mas, se o decantado riacho ouviu o brado da nação, por que não seguir também o inspirado conselho de Bilac?

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo, perdeste o senso!”
[...] “Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido tem o que dizem, quando estão contigo?” E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas”.

Na verdade, os convites sonoros da mãe natureza são mais que ilusões de um poeta. Estimulam prazeres estéticos, como um vaporizador mental e reforçam nossa integração ecológica.

Causa enorme bem interior sentir seu canto, sua fala, sua dança. Essa polifonia formada pelo chilrear dos pássaros,

pelo agito das árvores, pela voz dos animais, pelo ciciar da brisa, pelas ondas do mar, pelo trovão, nos penetra e cria e incorpora nosso vocabulário. Ora fracos, ora estrondosos, os sons naturais nos surpreendem e, pelo inesperado, nos fazem parar e nos deixam, muita vez, sem voz. E na cidade, ouvindo a natureza, suplantamos o barulho das ruas e descobrimos o silêncio.

Um alerta, porém, especialmente aos jovens: usar muito fone de ouvido prejudica a audição. Pode lesionar as células do ouvido interno e provocar perda auditiva.

O que escutamos

“Abre a mente ao que eu te revelo e retém bem o que eu te digo, pois não é ciência ouvir sem reter o que se escuta”.

Dante

Ouvir é perceber sons e palavras pelo sentido da audição. É percepção física. Dizem que até as paredes têm ouvidos. Escutar é percepção mental, percepção elaborada. É atitude de ouvir o outro com atenção, senti-lo visível, realmente presente.

Um médico a auscultar pulmões e coração de um paciente parece a melhor imagem plástica do que é escutar. Ele está procurando identificar e diagnosticar ruídos esclarecedores. Além de ouvir o doente, ele quer auscultá-lo.

O verbo latino *auscultare* deu-nos auscultar e também, muito naturalmente, gerou o nosso escutar, mais popular e bem mais sério que seu irmão ouvir.

Contudo, sua popularidade preocupa, porque escutar significa estar consciente do que se está ouvindo, o que não é costume de muitos orelhudos, habituados a apenas ouvir de orelha. Quantas palavras passeiam pelo nosso cotidiano entrando por aqui – nossos ouvidos – e saindo por ali – o deixa pra lá.

Escutar não é tarefa simples, vai muito além de parar de falar e ouvir. E, por outro lado, saber escutar é fundamental para estabelecer e consolidar conexões de valia. Chega a exigir um procedimento habilidoso, uma disposição voltada à execução de um novo conhecimento. Rubem Alves chamou-o escutatória. Poderíamos colocar o auditório no seu oposto: enorme plateia ouvindo, quantos escutando? Não raro, auditórios viram chatos e sonolentos parlatórios de um só.

Escutar seria, nessa nossa esfrangalhada democracia, a posição ideal. Contra a náusea que nos causam discursórios e mentiras de governantes e parlamentares, a cura instantânea – desligar a tevê – nada resolve. O jeito melhor é escutar, para analisar e desmentir. Como é difícil fazê-lo *vis-à-vis*, resta o dia do voto para tentar despachar políticos falastrões, ineptos, omissos ou corruptos.

Escutar é indício de sabedoria. E a própria sabedoria, há séculos, nos proclama, no capítulo oitavo do Livro dos Provérbios: “Agora, moços, escutem! Façam o que eu digo e serão felizes”.

A palavra escrita

“Sou brasileira naturalizada, quando, por questão de meses, poderia ser brasileira nata. Fiz da língua portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor”.

Clarice Lispector

Todo conhecimento da humanidade se faz, principalmente, pela palavra escrita, que nasce no cérebro, mas toma corpo pelos nossos dedos a desenhar letras ou pressionando teclas. Por ela se garante que a comunicação se torne duradoura e universal. Nessa direção, os historiadores organizaram a passagem do tempo em distintas etapas, estabelecendo a diferença fundamental entre o que aconteceu antes da invenção da escrita e o que ocorreu depois. O anterior é a pré-história, tudo que houve antes de 4.000 a.C.

A escrita, marco do desenvolvimento da nossa civilização, posterior aos desenhos rupestres da pré-história, só aparece por volta de 3.000 a.C., sob a forma cuneiforme, com os sumérios, na Mesopotâmia.

Quase na mesma época, pratica-se no Egito a escrita hieroglífica, por desenhos e símbolos, onde tudo era segredo e demandava iniciação. Posteriormente, apareceu, lavrada em papiros e pergaminhos, a escrita dos gregos, pontificada no *Logos*, e a dos romanos, comandada pelo *Verbum*.

Nesse passo, o historiador Heródoto anotou uma peculiaridade: “os gregos alinham os caracteres de escrita e as pedrinhas de contar levando a mão da esquerda para a direita; os egípcios, da direita para a esquerda”. Como se sabe, ficamos com gregos e romanos.

Escrever veio de *scribere*, verbo base de muitos outros cognatos, como inscrever, prescrever, proscrever, que, evidentemente, também supõem comunicação e conferem durabilidade. Graças à escrita, podemos ter hoje em mãos magníficos tesouros culturais antiquíssimos, como as Sagradas Escrituras, o Código da Hamurabi e as epopeias de Homero.

Na essência, quem escreve está querendo gravar o que pensa, o que sente, o que imagina. É assim desde a infância da humanidade. Sempre haverá alguém tomado por uma tortura expressional, sonhando transferir em escrita pessoal, com seu histórico de vida, seu temperamento, sua cultura gramatical, a viveza, o imprevisto e a carga histórica do que pensa, do que sabe ou do que lê. Para reter esse caudal de vida interior, muitas vezes, as palavras fogem e sobrevivem a ânsia pela captura da expressão precisa, como versou Bilac:

“Quem o molde achará para a expressão de tudo?
Ai! Quem há de dizer as ânsias infinitas
Do sonho? E o céu que foge à mão que se levanta?
[...] as confissões de amor que morrem na garganta?”

Logrando tal intento em grau mais alto, aparecem escritores destinados à perenidade, artistas da palavra que

superaram a angústia da comunicação, celebrados na poesia, como Dante Alighieri e Luís de Camões, e os nossos cultuados prosadores de escol, como Machado de Assis e Clarice Lispector.

Para trazer aqui um exemplo de escritor imortal da literatura universal, leia-se o seguinte trecho sobre Dostoiévski na obra “Dostoiévski: vida e obra” de Stefan Zweig (2021):

“O instrumento misterioso com que Dostoiévski penetra no abismo dos seus personagens é a palavra. Goethe descreve tudo pelo olhar, era alguém que olhava. Dostoiévski, uma pessoa que ouvia (foi Wagner quem melhor expressou essas diferenças). Deve primeiro ouvir seus personagens falarem, deixá-los falar, para que possamos senti-los como visíveis e Mereschkowsky deixou isso muito claro em sua brilhante análise de dois épicos russos: com Tolstói ouvimos porque vemos, com Dostoiévski vemos por que ouvimos. Calados, seus personagens são como sombras, como lêmures. Somente a palavra é o orvalho úmido que fecunda a alma: na conversa, como flores fantásticas, revelam seu interior, mostram suas cores, o pólen de sua fertilidade. Na discussão eles se acendem, acordam de seu sono da alma, e é apenas contra o desperto, contra o apaixonado que a paixão artística de Dostoiévski se volta.

Ele atrai a palavra de seus espíritos, para então captar o próprio espírito. A visão psicológica e demoníaca dos seus detalhes em Dostoiévski não é nada mais que uma inédita delicadeza. A literatura mundial não conhece formas mais bem esculpidas ou mais perfeitas que as falas de seus personagens. A ordenação das palavras é simbólica, a forma da linguagem é peculiar, nada é acidental, cada divisão de sílabas, cada

subida de tom é necessária. Cada pausa, cada suspiro, cada gaguejar é essencial, sempre se ouve a ressonância suprimida sob a palavra pronunciada.

A partir das falas de Dostoiévski, sabe-se não apenas o que cada indivíduo diz e quer dizer, mas também o que cala. Esse realismo genial da escuta da alma acompanha incansavelmente os estados mais misteriosos da palavra, na superfície pantanosa e estagnada do falatório ébrio, no êxtase alado e ofegante do ataque epiléptico, no matagal da confusão ilusória”.

Passando agora da língua literária para a popular, não menos expressiva, importa destacar um caso de escrita notável, que passa quase despercebida a críticos e historiadores, mas constitui prática universal, por mais singela que seja.

Falo dos provérbios. De criação anônima, são sentenças de cunho moral ou pragmático, para uma boa conduta da vida, com visos de filosofia comum. Lembre-se, por exemplo, “não se deve pôr o carro na frente dos bois” e “macaco velho não mete a mão em cumbuca”.

Já nos primeiros séculos da nossa língua, os trovadores medievais versejavam com provérbios, registrou Carolina Michaelis, como: “a boi velho não lhe busques abrigo” e “quem muito jura muito mente”. Esses ditos curtos e fáceis de memorizar só passam de geração a geração, por tradição verbal, porque preservados com a escrita.

Pela mesma causa, até hoje se conhecem interessantes provérbios latinos, como: *festina lente*, apressa-te devagar, *parva domus*,

magna quies, casa pequena, grande sossego, *virtus in medio*, a virtude está no meio, *tarde venientibus ossa*, para os retardatários os ossos.

Mas a escrita não é obra fácil. O registro de diferentes linguagens – cartas, ofícios, bilhetes, e-mails, normas, leis, poemas, romances, anais – tudo reclama a transposição versátil para formas complexas de comunicação escrita, indispensável, embora sem os recursos da oralidade, como também de gestos, entonação, pausas e silêncios.

Não sem razão, diferente das palavras pensada, falada e ouvida, a escrita tem número muitíssimo menor de cultores. Para meros lembretes e recados, pressupõe alfabetização, letramento e a escolha pessoal de assunto, tempo, lugar e a devida instrumentação.

Esse peso da escrita assombra os preguiçosos e, por outro lado, não conquista o menor respeito dos irresponsáveis e dos negligentes na salvaguarda da própria palavra. Não cumprem o que por escrito prometem. Cai sobre eles como ameaça o sábio e milenar provérbio: “*Verba volant, scripta manent*”, as palavras voam, as escritas ficam.

Nessa altura, vem bem a propósito o trecho do Evangelho, quando da crucifixão de Cristo, em que Pilatos mandou escrever, na parte de cima da cruz, em hebraico, latim e grego: “Jesus de Nazaré, Rei dos judeus”. As autoridades judaicas não concordaram. Queriam a mudança para “Ele disse ser o rei dos judeus”. Aí, Pilatos, peremptoriamente, declarou: “O que escrevi, escrevi”. Magnífico exemplo de palavra escrita, indelével, totalmente calcada no pensamento pensado, algo muito diferente da rotina de governantes e políticos que, frequentemente, apelam para o desbotado dito pelo não dito.

Para confirmar o valor e a responsabilidade da palavra escrita, com naturalidade se pratica o eufemismo, termo de origem grega (*euphemismós*), que significa boa palavra, um jeito fácil de evitar ou atenuar termos e locuções desagradáveis, inconvenientes ou de mau agouro.

Esse costume vem de longe. Rola na prosa comum, no comércio, na imprensa, entre pobres e endinheirados, como “revisão de tarifas”, por alta de preços, “faltar com a verdade”, em lugar de mentir, e, às vezes, até se disfarça numa simples palavra, como secretário(a), cujo sentido original é depositário de segredos.

Cabe mencionar também um eufemismo geográfico de longa data, o Cabo da Boa Esperança, cujo nome Dom João II, augurando melhores sucessos para os navegantes de Portugal, implantou em lugar de Cabo das Tormentas, por terem superado a tempestade e seguido com sucesso o caminho à tão desejada chegada à Índia.

Camões, em “*Os Lusíadas*” assim apresenta esse “estranhíssimo colosso”:

*“Eu sou aquele oculto e grande cabo
A quem chamais vós outros Tormentório
Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório,
Que para o polo antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende”.*

Eufemismos fazem parte também tanto da retórica oficial como do jargão profissional. Para médicos, por exemplo,

ninguém morre. Todos vão a óbito. Em sermão de padre e pastor, todos somos irmãos e irmãs. E quem já não topou o aviso: “Sorria, você está sendo filmado”, ou seja, cuidado! Nem pense em assalto ou coisa que o valha. E num avião, todas as poltronas dão aquele recado: “Em caso de pouso n’água, use o seu assento para flutuar”. Pouso mesmo ou queda da aeronave?

Não é que todo eufemismo seja impróprio. Pelo contrário, trata-se de um jogo vocabular muitas vezes necessário no trato social, com diferentes gerações, diferentes níveis de escolaridade, diferentes opções de vida. Pode até ser, vez ou outra, um imperativo do amor, abrandar a frase com substituição de palavras, precisamente porque se tem carinho pelo outro, pois, como sentenciou Guimarães Rosa, “o amor só mente para dizer maior verdade”.

Contudo, perdura sempre o conselho da naturalidade na escrita. Exibir vocábulos grosseiros ou forçados ou ainda fraseados pomposos afoga qualquer bom conteúdo. Vale muito mais o apego à verdade dos fatos que o apelo à verbosidade.

Dizer a verdade, eis aí o problema para qualquer um às voltas com a escrita, pois o ato de escrever, como qualquer ato humano, tem consequências. Em obra de ficção não se espera cabal respeito à realidade, mesmo assim, não se deveria evitar a prática do artificialismo verbal e o realce de posturas destrutivas e de tendências doentias. O lado oposto da questão seria o escritor, como profeta do otimismo, tender demais à produção do pensamento produtivo, caindo no tudo azul das coisas e dos fatos, como se não soubesse da sinuca em que todos vivemos.

No momento nacional, para refletir sobre a posição do escritor dentro do que estamos vivendo e sofrendo, cabe ressaltar o atual destaque publicitário de dois autores do século passado, nascidos e notabilizados à margem das academias literárias: Carolina Maria de Jesus e Carlos Marighella.

Ela, da invisibilidade social passou, hoje, a ser considerada uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira. Ele, um guerrilheiro assassinado, acaba de ganhar biografia filmada, com primeira apresentação em Berlim e agora por todo o País.

São dois exemplos claros da nossa história, atropelada pela miséria e pela desigualdade social, mas despertada pelo combate em prol dos direitos humanos e da redemocratização. Ambos deixaram obras escritas. Cabe à crítica literária avaliá-los. E quanto ao seu peso social e político, não se aguarde unanimidade da mídia. O futuro mostrará quem se perenizou. Pelo próprio nome ou pelo que escreveu. Em qualquer hipótese, ambos deixaram um bom exemplo à posteridade: a importância do escrever.

Escrita na prisão

Muitos autores consagrados transformaram seus amargos ambientes de prisioneiros em espaços providenciais, para dar vaza à sua inspiração ou a compromissos pessoais indeclináveis.

A título de exemplos antagônicos, temos no cárcere um apóstolo Paulo, preso em Roma, escrevendo epístolas as

comunidades cristãs de Éfeso e de Filipos e aprisionado em Landsberg, na Baviera, Adolf Hitler a redigir seu livro “*Mein Kampf*” - Minha Luta.

A escrita do primeiro integra as “Sagradas Escrituras”; a do segundo virou a “Bíblia do Nazismo”.

Apresentemos, porém, outros autores que, da prisão abriram conversa com o mundo.

Severino Boécio

Severino Boécio foi um filósofo, político e poeta italiano do século VI. Nasceu em Roma e ali estudou e depois em Atenas. Destacou-se como um dos fundadores da filosofia cristã, situando a ideia de Deus no vínculo entre a natureza e o mundo suprassensível. Dante Alighieri foi um dos seus leitores assíduos.

Sua brilhante atuação política, como ministro do rei dos ostrogodos, Teodorico, foi violentamente truncada por uma acusação de traição. Ele teria entabulado entendimentos secretos com a corte de Bizâncio. Foi preso por um longo tempo e condenado à morte.

Dentre os muitos escritos que deixou, destaca-se “*De consolatione philosophiae*” – Consolação da Filosofia, escrito na prisão, obra em prosa e verso, de notável valor literário.

Trata-se de um diálogo entre o autor e a Filosofia, que o vem consolar no seu infortúnio. O brilhante pesquisador da cultura medieval Etienne Gilson, apresenta-nos,

primeiro, Boécio recebendo a figura alegórica da Filosofia, que o vem reconfortar. Ela lhe recorda que não é nos bens exteriores nem na vida presente que se há de buscar a felicidade. A seguir, a Filosofia lhe faz ver a essência dessa felicidade, que só se encontra em Deus. Depois o livro trata da Providência divina, totalmente diversa do fatum (destino) e, por último, a Filosofia aborda o problema da conciliação da Providência com o livre arbítrio.

Um momento especial dessa obra é a representação sensível da Filosofia como personagem viva ali no cárcere, para consolar o abatido ex-ministro do rei:

“Enquanto eu refletia silenciosamente sobre estas coisas e consignava por escrito os meus amargos queixumes, pareceu-me que sobre a minha cabeça se erguia a figura de uma senhora de mui venerando aspecto.

Seu olhar era extraordinariamente vivo e penetrante... Suas vestes artisticamente confeccionadas... Na orla inferior, lia-se, bordada no estofó, a letra grega “pi” (símbolo da filosofia prática), e, na superior, a letra theta, (símbolo da filosofia teórica)... Contudo, aquela mesma veste fora dilacerada por mãos violentas...”.

Outro passo significativo da obra é a comparação que Boécio estabelece entre o cárcere e a biblioteca da sua casa. Aqui, solidão e tristeza; lá, lugar seguro de trabalho e estudo, na companhia ideal da Filosofia, que se entretinha com ele, tratando das coisas humanas e divinas.

Dostoiévski

O engajamento de Dostoiévski no combate ao autoritarismo do tsar Nicolau I custou-lhe prisão e condenação à morte. Foi detido, na noite de 22-23 de abril de 1849, por causa do seu suposto envolvimento em um grupo socialista (Círculo Petrachévski) contra o governo.

Passou oito meses na Fortaleza de São Pedro e São Paulo, presídio político em São Petersburgo, onde escreveu o conto *O Pequeno Herói*.

No dia 16 de novembro, Dostoiévski e outros 15 companheiros foram condenados à pena de morte por fuzilamento.

No entanto, quando ele estava diante do pelotão de fuzilamento, no dia 22 de dezembro, na última hora, por um ato de indulgência do tsar, teve sua pena substituída por um período de 5 anos de trabalhos forçados na Sibéria.

Em 1854, termina o triste exílio e ele passa a cumprir pena de serviço militar, por tempo indeterminado.

Daquelas terríveis experiências nos campos siberianos ele deixou testemunho na obra *Recordações da Casa dos Mortos*. Essas doridas memórias “deixam a Rússia em alvoroço. Até o tsar derrama lágrimas sobre as páginas do livro, que fez a juventude russa apaixonar-se por Dostoiévski” (Stefan Zweig).

Gramsci

Antonio Gramsci é um escritor marxista italiano da Sardenha, filósofo, jornalista, linguista, foi um dos fundadores do Partido Comunista da Itália.

Era deputado, mas foi detido, apesar de sua imunidade parlamentar, pelo regime fascista de Benito Mussolini, em novembro de 1926.

Primeiro, ficou preso em Roma, mas com a condenação de cinco anos de confinamento, foi levado à ilha de Ústica, no mar Tirreno, para onde Mussolini baniu milhares de opositores políticos e muitos homossexuais. No ano seguinte, Gramsci foi condenado a vinte anos de prisão, em Turi, perto de Bari.

Onze anos prisioneiro, tuberculoso e hipertenso, uma campanha internacional foi montada para exigir sua libertação e, assim, ele foi transferido da prisão em Turi para clínicas de várias cidades, até chegar a Roma, onde morreu aos 46 anos, em 27 de abril de 1937, seis dias depois de ganhar a liberdade.

Durante sua prisão, Gramsci escreveu cartas e mais de 30 cadernos e 3.000 páginas de história e análise política. Os cadernos abrangem temas de história e nacionalismo italiano, Revolução Francesa, o fascismo, o taylorismo e o fordismo, a sociedade civil, o folclore, a religião e a cultura erudita e popular.

Além de um poderoso intelectual em luta contra o fascismo, como marxista, mas independente, foi, acima de

tudo, o teórico do “poder cultural”. Propunha a necessidade de se conquistar, um a um, todos os instrumentos de difusão ideológica, escolas, universidades, editoras, meios de comunicação social e sindicatos, já que os principais confrontos de classe ocorrem nas esferas culturais e não nas fábricas, nas ruas ou nos quartéis.

Graciliano Ramos

Graciliano Ramos de Oliveira, alagoano, foi um romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista. Dentre suas obras destacam-se “Infância”, “Angústia”, “Vidas Secas” e “Memórias do Cárcere”.



Graciliano Ramos

Fonte: Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alagoano_Graciliano_Ramos.jpg.
Acesso em: 02 jun. 2022.

Foi preso em Maceió em março de 1936, após a Intentona Comunista de 1935, acusado de participação no movimento de esquerda. Foi levado para o Rio de Janeiro no porão do navio e ficou preso quase um ano, na Ilha Grande.

Em “Memórias do Cárcere”, Graciliano recorda a prisão que sofrera seis anos antes:

“Chegamos ao quartel do 20º Batalhão. Estivera ali em 1930, envolvera-me estupidamente numa conspiração besta com um coronel, um major e um comandante da polícia e, vinte e quatro horas depois, achava-me preso e só. Pensando nessas coisas, desci do automóvel, atravessei o pátio que, em 1930, via cheio de entusiastas enfeitados com braçadeiras vermelhas. [...]. Se todos os sujeitos perseguidos fizessem como eu, não teria havido uma só revolução no mundo. Revolucionário chinfrim. As minhas armas, fracas e de papel, só podiam ser manejadas no isolamento”.

As humilhações e todas as experiências dolorosas ali sofridas foram apresentadas em filme de sucesso, no País e no Festival de Cannes de 1984.

Cumprir registrar e ressaltar a independência criativa de Graciliano. Embora comprometido com o combate à ditadura de Vargas, nunca aceitou submeter seus escritos à apreciação do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro.

Assim ele define a boa escrita:

*“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso.
A palavra foi feita para dizer.”*
Graciliano Ramos

A palavra lida

“Dediquei-me oitenta anos à leitura e não me posso dar por satisfeito”.

Goethe

Ficou estabelecido, por tradição, que toda pessoa interessada em cargo numa universidade, empresa ou qualquer outra instituição, deve apresentar, previamente, um documento que relate, de forma objetiva e resumida, todo o seu histórico estudantil e profissional. É o *curriculum vitae*, tão respeitável com essa cara latina.

Mas, na verdade, qualquer um tem seu currículo de vida. A vida é uma especialíssima trajetória de seguidos e indispensáveis aprendizados. Como ser gente sem aprender a pensar, a andar, a falar, a escrever e a trabalhar? Como ser gente sem ler? Clarice Lispector disse bem: “a vida é curta demais para eu ler todo o grosso dicionário, a fim de, por acaso, descobrir a palavra salvadora”.

Ler é como salvar a própria vida, porque a leitura enseja a continuada criação do nosso ser, entender, perceber, discernir. Esses atributos específicos constituem o *interlegere* latino, verbo composto de *inter*, entre, e *legere*, que é colher, juntar. Desse *legere* nasceu o verbo ler, que, literalmente, significa colher, donde vieram colheita e coleta.

Ler é ressuscitar o escrito. É apanhar com os olhos as letras inertes expostas diante de nós e, por meio delas, recolher

ideias e coligar-se a novos sentimentos. Podemos, assim, dizer que leitura é coleta e colheita de palavras entrosadas em frases, formando sentidos. Não é maravilhoso?

Infelizmente, porém, o Brasil não é um país de leitores. Para milhões a vontade de ler existe, mas falta dinheiro; para outros, sobra dinheiro, mas falta vontade.

Ultimamente, o celular parece mais cobiçado que o livro e poucos, pouquíssimos fazem dele presente de aniversário.

Muitas pessoas mantêm incubada no íntimo a paixão de ler, mas alegam a costumeira desculpa da falta de tempo e perdem, assim, oportunidades enriquecedoras de mais conhecimento de si mesmas e do mundo em que transitam.

Por vezes, alega-se até o tamanho do livro. É típico, como a mensagem seguinte em um blog:

–Vejam bem, é início de ano, estou de férias e até agora não consegui ler nadaaaaa. Estou com muita preguiça de ler qualquer coisa, mas enfim, estava com o livro “E o vento levou” aqui, mas só de olhar a quantidade de página dá uma desanimada.

Outras vezes, o entrave está na velhice das decantadas obras literárias como barreira, e o enciclopedista Voltaire parece confirmar essa má conversa, quando disse, com perniciososa ironia, que “a fama de Dante permanecerá para sempre, porque ninguém o lê”. Mas não é verdade. “A Divina Comédia”, como “As Sagradas Escrituras”, “Os Lusíadas” e o “Capital” de Marx, continuam presentes e compradas em ótimas livrarias.

Situação diferente e sumamente lamentável a dos que não sabem ler, os 11 milhões de brasileiros analfabetos. Para piorar, pesquisas recentes apontam que 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro. Conclui-se, portanto, que quase metade dos brasileiros não lê. Fisiologicamente considerando, não ativam, por esse meio, suas células cerebrais.

No entanto, aponta-se que, na pandemia, cresceu a compra de livros e pululam também, Brasil adentro, iniciativas em prol da leitura. Cito uma, em solo sorocabano. Seis comerciantes de um bairro da periferia, com apoio de empresas e Igrejas da região, criaram uma ONG, para trabalhar com propostas de cultura, educação e esporte. Entre suas metas, criaram uma biblioteca comunitária, para concretizar o seu sonho.

Que prospere, pois palavras lidas são janelas abertas para o mundo. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (Paulo Freire). Um bom livro desvela o que paira um tanto esquecido dentro de nós. A pessoa desperta e se situa melhor na vida prática e cresce no contato com as riquezas naturais e culturais da sociedade.

Ler, com aquela *curiositas* insone do mundo clássico, acorda ideias e emoções, inspira decisões, modela atitudes, abre possibilidades, levanta questionamentos e pode ser caminho para se escapar das forças circundantes de alienação e opressão.

A expressão popular “escreveu, não leu, o pau comeu”, ressalta drasticamente a importância da leitura. Abre advertência sobre o valor da palavra escrita e mais ainda encarece a palavra lida como imprescindível. Se não houver leitor, as letras acabam mortas ou eventualmente perigosas. Quem não verifica o que e

como algo está escrito, poderá lidar com complicações futuras. Da leitura postergada ou desatenta poderão surgir más consequências, como advertia o notável editor Ênio Silveira: “Quem mal lê mal fala, mal ouve, mal vê”. Ou, como disse o Pe. Vieira: “Quem não lê, não quer saber; quem não quer saber, quer errar”.

Ler é um compromisso inteligente, sério. Fazê-lo treslendo, borboleteando, distraidamente, no ruído e no movimento, é o mesmo que fingir o feito. Lembra-me o agente de Hollywood que teria recomendado a Marilyn Monroe: – “quando você sair por aí, leve um livro de Spinoza debaixo do braço; se alguém estranhar, explique: é Spinoza”.

O contrário desse faz de conta encontra-se nos que sabem desemaranhar as ideias e os sentimentos incrustados no texto que, necessariamente, está distanciado no tempo e no espaço do leitor. Praticam uma leitura eficiente, concentrados, numa atenção prolongada, mas em ritmo equilibrado de oscilação e intermitência. Procuram observar os traços elocucionais e fonéticos das páginas escritas. Encaram esse exercício físico-mental com perseverança: quanto mais lerem, melhores leitores serão. E seguem religiosamente o conselho nervoso de Kafka: “Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo?” e este outro não menos contundente: “Um livro deve ser como um machado que sirva para quebrar o mar de gelo que todos temos por dentro”.

Bem alimentados de cabeça e coração, esses discretos leitores desenvolvem a educação do olhar e descortinam deslumbrante luz solar sobre frases, imagens, desenhos e gravuras de um mundo sem fronteiras. Ler é viver muitas vidas.

Leitores Históricos

Santo Agostinho

Em sua mocidade, esse célebre Doutor da Igreja do século V leu muito de Platão, Aristóteles, Plotino, dos estoicos e de Cícero. Mas, decepcionado por tudo o que absorvera de mestres antigos e contemporâneos, e desorientado pela vida desregrada que vinha levando, procurou o caminho de volta à fé cristã de sua infância.

Certo dia, imerso em profunda crise, rezando em lágrimas, ouviu a voz de uma criança cantarolando “pega e lê, pega e lê”. Ele tomou isso como uma mensagem divina, pegou a Bíblia e abriu-a e se deparou com estas palavras do apóstolo Paulo:

“Não andeis em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis satisfazer os desejos da carne (Romanos 13, 13)”.

No capítulo de VIII de suas Confissões, ele narra esse momento de conversão e, sentindo-se iluminado por Deus, “não quis ler nada mais (*nec ultra volui legere*).

Tomás Moro

Este intelectual brilhante, político membro do parlamento inglês, diplomata e chanceler no reinado de Henrique VIII, é considerado um dos grandes humanistas do Renascimento.

É notório quanto se dedicou à leitura dos clássicos e dos melhores autores do seu tempo. Este seu fervoroso hábito de ler levou-o a introduzir, em Chelsea, a prática monástica da leitura durante as refeições.

Sua principal obra literária é “Utopia”, proposta de uma sociedade ideal, regida pela lei e pela religião. O final do capítulo V do livro II dessa obra desenha a república ideal “com uma lindíssima coleção de livros”, uma biblioteca “com quase todas as obras de Platão, um grande número das de Aristóteles, o livro de Teofrasto... que, por infelicidade, um macaco deu com o livro e pôs-se a divertir-se, arrancando-lhe as folhas ao acaso”.

Figuravam também Plutarco, autor favorito deles, e os poetas Aristófanes, Homero, Eurípedes e Sófocles. Como historiadores, Tucídides, Heródoto e Herodiano. Da medicina, algumas obras de Hipócrates e o *Microtecné* de Galeno... É fácil compreender agora os utopianos, cujo espírito é cultivado, incessantemente, pelo estudo das ciências e das artes e invenções úteis ao bem-estar da vida.

Simone Weil



Simone Weil

Fonte: Disponível em: <https://ethics.org.au/big-thinker-simone-weil/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

Simone Adolphine Weil (1909 –1943) foi uma pensadora pacifista e militante, nascida em Paris, de uma família judia abastada e culta. Desde criança, leu de tudo, de Homero a Marx, incluindo obras fundamentais religiosas, como as Sagradas Escrituras e o *Bhagavad Gíta*. Encantou-se pelos exemplos de Jesus Cristo.

Licenciada em Filosofia, lecionou em escolas públicas de nível médio do interior, mas dedicou-se, sobretudo, à formação educacional dos trabalhadores e à luta por suas melhores condições de trabalho.

Tornou-se até operária da Renault para vivenciar o cotidiano dentro das fábricas e praticou também o trabalho agrícola, como voluntária, procurando assim ultrapassar a mera especulação filosófica, unindo teoria e prática, pensamento e ação.

Passou, depois, ao engajamento militar com os republicanos na guerra civil espanhola, mas sem empunhar armas, por causa dos seus princípios pacifistas. Participou, por fim, da Resistência Francesa contra o nazismo, em Londres. Por ser bastante conhecida e visada, foi impedida de retornar à França, como pretendia. Acometida de tuberculose, foi enviada a um sanatório no campo. Lá, recusou-se a se alimentar, em apoio a seus conterrâneos. Morreu de parada cardíaca aos 34 anos, em Ashford, Inglaterra. Seus principais textos foram publicados postumamente.

“

Palavras gêmeas

”

Como diretor da Faculdade de Filosofia e depois reitor da Universidade de Sorocaba – Uniso, presidi inúmeras solenidades de formatura. Ex-reitor, pensava eu que nunca mais me voltaria essa oportunidade, quando, num final de ano, fui convidado a dirigir a colação de grau de alunos dos cursos de Filosofia e de Equinocultura. Surpresa dupla, pela honra do convite e pela conjugação de formandos de cursos muito especiais e tão diversos.

Na abertura da cerimônia, agradei e expliquei minha presença por delegação e, no encerramento, aproveitei a ocasião para mostrar que aqueles dois cursos cabem juntos sem problema

algum, numa universidade, porque ela é instituição nascida para a universalidade do conhecimento, pelo que deve abrigar todas as ciências e toda e qualquer nova tecnologia. Demorei-me mais em apontar que a Filosofia, como diz a própria palavra grega, é amor da sabedoria, porque leva à análise metódica de questões fundamentais da realidade do mundo e da existência humana, à luz da razão, enquanto a Equinocultura trata do manejo e da saúde equina e da gestão de estabelecimentos equestres, como haras, hípicas, centros de treinamento e escolas de equitação, como a oferecida pela parceira Universidade do Cavalo, da mesma cidade.

Pelo visto, um curso tem a marca da sabedoria, o outro caracteriza-se pela cultura. Ora, sabedoria e cultura são termos muito próximos, desde que desmitificados. Não se deve restringir a sabedoria a alguns gênios ou sábios consagrados. O senso comum, por exemplo, que Marx chamou de filosofia do homem da rua, não deixa de ser um tipo de sabedoria. Que o digam os provérbios. Alguém discorda de “antes um tico-tico no prato do que um jacu no mato”? Do mesmo modo, mostra sabedoria quem se revela capaz de reconhecer o

próprio erro ou de ouvir as duas partes de uma rixa, ou ainda enfrentar problemas sem trauma.

Cultura é outra palavra muito mal-entendida. Confundem-na com erudição livresca, com domínio de línguas, com vocabulário rico e sofisticado, com seguidas viagens ao exterior. E, na verdade, cultura é predicado de toda pessoa que consegue dominar a natureza, de alguma forma. É o que acontece com quem transforma um pouco de barro numa figura, ou com ovos cria um doce, ou tira da roça o seu sustento. São ações culturais valiosas, tanto quanto a edição de um livro ou a produção de uma sinfonia. São níveis diferentes, mas tudo é cultura.

Assim entendidas, pode-se ver sabedoria e cultura como conceitos irmãos, identificados por palavras gêmeas. Ambas nascem com faces praticamente iguais, do mesmo parto intelectual. O que se espera é que não sejam desfiguradas por nenhum sectarismo ideológico. Nesse sentido, a formatura conjunta de Filosofia e Equinocultura na Uniso, foi um marco feliz na sua história e oportuno destaque para a parceira, a Universidade do Cavalo, justificando-se, assim, o clima de festa e

companheirismo que envolveu os formandos e respectivas famílias, numa colação de grau bastante incomum.

Antônio Vieira



Padre Antônio Vieira

Fonte: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Vieira. Acesso em: 27 abr. 2022.

“O fim para que os homens inventaram os livros foi para conservar a memória das coisas passadas contra a tirania do tempo e contra o esquecimento dos homens, que ainda é maior tirania...”

O livro é a mais perfeita imagem do seu autor, tão perfeita que não se distingue dele, nem tem outro nome.

O livro visto por fora, não mostra nada; por dentro, está cheio de mistérios.

O livro, se se imprimem muitos volumes, tanto tem um como todos e não têm mais todos que um.

O livro, sendo o mesmo para todos, uns percebem dele muito, outros pouco, outros nada, cada um conforme a sua capacidade.

O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive; e não tendo ação em si mesmo, move os ânimos e causa grandes efeitos”.

(Do Sermão do Pe. Antônio Vieira de 8 de setembro de 1952, em Lisboa)

4

A PALAVRA DOS FILÓSOFOS

“Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”.

Karl Marx

Os filósofos, como profissionais da palavra pensada, trabalham com ela e por ela, ensinando-nos a pensar também, denunciando e combatendo o palavreado. Como se “imortalizaram” pela palavra escrita, só conhecemos seu pensamento pelo recurso da palavra lida, mas podemos sempre dialogar com eles recorrendo à palavra falada sobre eles por mestres competentes, merecedores da nossa atenta palavra ouvida.

É sumamente proveitoso conhecer como eles se deram no manejo do seu cálamo, desde um Platão a vazar seu pensamento em papiros ou pergaminhos, com esforço de clareza, precisão, propriedade e correção. Uns primaram nessa

tentativa; outros priorizaram a defesa do seu ideário. Todos os filósofos, porém, devem ser vistos por trás de suas próprias palavras, onde e quando viveram, onde e quando precisaram desfazer alguns nós das suas inspirações, onde e quando tropeçaram no seu discurso. Sim, porque embora “amigos da sabedoria”, nem sempre honraram sua definição. “Não há nada muito ridículo que não tenha sido dito por algum filósofo”, sentenciou Cícero.

Nesse conjunto de autores talentosos, iremos destacar alguns nomes de pensamento próximo dos objetivos destas páginas, começando por uma figura tão longínqua, cinco séculos antes de Cristo, mas presente na produção acadêmica de todos os tempos.

Heráclito

Sua concepção de linguagem transparece pela crença na palavra – o Logos, inteligência divina que governa o real e é a chave para explicar a origem, a ordem e a interpretação do universo. Ele defende a unidade, a pluralidade e a mutabilidade de todas as coisas. Hegel lhe deve essa inspiração dialética. Dele resta-nos apenas uma centena de fragmentos.

Segundo Heráclito, nada no universo é estático, imóvel. A transformação é a realidade fundamental do universo. Tudo se realiza por um constante devir, ou seja, por meio da contínua passagem de um contrário a outro:

“O frio torna-se quente, o quente frio, o úmido, seco e o seco úmido”.

Fragmento² 126.

“Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio. Dispersa-se e reúne-se; avança e se retira”.

Ele explica esse constante devir do universo usando a polissemia dos termos e distinguindo o discurso do logos (a palavra comum) do discurso do Logos (a Palavra, a Razão, o Pensamento). Em suas reflexões, destaca a unidade de conteúdo e a sonoridade da palavra, mas falta-lhe clareza no expor suas ideias.

Conta-se, por isso, que um dia Eurípedes, o poeta trágico, deu um escrito de Heráclito a Sócrates e lhe perguntou o que pensava a respeito, e a resposta foi: “A parte que entendi é excelente; a parte que não entendi, porém, seria necessário, para chegar ao fundo, um mergulhador da ilha de Delos”.

Muito polêmico, as observações de Heráclito parecem de um crítico dos nossos dias. Censura com todas as letras *“homens que não sabem nem escutar nem falar”* (Fragmento 19). E desmascara sem piedade: *“também quando ouvem não compreendem, são como surdos; presentes, estão ausentes”* (Fragmento 34).

² Os fragmentos citados no decorrer da obra, estão disponíveis em: <https://www.pensador.com/frase/NTQyMDY0/>. Acesso em: 27 maio 2022.

Sócrates

Preliminarmente, lembremos o nó cego que esse iluminado filósofo aguentou na vida. Filho de um escultor e de uma parteira, casou-se beirando os sessenta anos com Xantipa, quarenta anos mais jovem, mulher mal-humorada, má e impertinente que, reza a lenda, numa briga feia até despejou água suja de um balde sobre a cabeça do marido, ao que ele, resignadamente, comentou: “geralmente chove após o trovão”.

A esse modelo de equilíbrio se atribui o célebre aforismo “conhece-te a ti mesmo”, apesar de ele não ter deixado nada escrito. É que nessa frase se resume todo o seu pensamento, toda a importância dada por ele à tomada de consciência da própria ignorância, à crítica da verborragia sofisticada, à valorização da busca do conhecimento verdadeiro, superior ao senso comum e avesso às opiniões e pré-conceitos.

À primeira vista, pode-se pensar que Sócrates não entrou em filosofia da linguagem. Puro engano! Primeiro, porque foi o mestre do diálogo; segundo, porque, no diálogo platônico “Crátilo”, uma boa conversa com referências etimológicas e linguísticas, é só por ironia que ele se declara desconhecedor dos problemas das palavras, já que “não ouviu a aula de cinquenta dracmas sobre esse assunto, dada por Pródico”, um sofista contemporâneo dele, cujo interesse principal era buscar precisão no discurso.

Diálogo é palavra grega que significa, literalmente, através de palavras, ou seja, conversa. Ninguém mais que Sócrates o cultivou. Assim se criou o chamado diálogo socrático, com seus dois momentos: a ironia e a maiêutica.

Ironia: perguntas feitas ao interlocutor, com o objetivo de deixar claro que o conhecimento que ele julgava possuir, não passava de mera opinião: o reconhecimento da própria ignorância.

Maiêutica: fase positiva do método, quando o conhecimento nasce a partir das conclusões tiradas pelo próprio interlocutor: o parto intelectual.

Apropriadamente, Sócrates, no diálogo *Teteto*, declarou: “sou filho de parteira e eu mesmo sou parteiro também”.

A modernidade que redescobriu e exaltou como modelos várias figuras da antiga cultura grega, dedica particular admiração por Sócrates. Erasmo de Roterdam chegou a invocá-lo como santo: “São Sócrates, rogai por nós”.

Sofistas

Foram pensadores que se declaravam amigos da sabedoria (Sofia), voltados à divulgação de seus conhecimentos, com o pagamento pelos jovens estudantes filhos da aristocracia. Não se interessaram por uma teoria da linguagem. Foram pragmáticos: introduziram a retórica em Atenas, o maior centro político e cultural da Grécia, na época. Propunham como falar e agir na vida social e política.

Pode-se destacar nos Sofistas, como benéfica, a sua abertura para uma reflexão mais profunda sobre o homem e a coletividade em que ele vive, o pensamento autônomo, a visão cosmopolita, a ênfase no bem falar e escrever.

Mas ensinavam a juventude a defender o pró e o contra de qualquer questão filosófica, religiosa ou política, pois duvidavam da capacidade humana de conhecer a íntima natureza das coisas e a lei moral absoluta.

Daí a famosa expressão de um deles, Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas”. Outro sofista, Górgias, aprofundou esse relativismo afirmando que a realidade não pode ser traduzida em palavras.

Portanto, foram mestres da palavra, mas jogando com as palavras.

Platão

Platão testemunhou e transmitiu os primeiros debates organizados acerca das maneiras de ver a linguagem e, mais propriamente, de refletir, mediante palavras, sobre o mundo a seu redor.

Não formulou nenhuma filosofia da linguagem, mas combateu a retórica enganadora dos sofistas, porque “constrangem o seu interlocutor a dizer coisas contraditórias e com o prestígio das palavras enredam os seus ouvintes”.

No diálogo “*Crátilo*”, Platão questiona a constituição, a função e o uso dos nomes. Para ele o discurso só é verdadeiro

quando faz referência às coisas como são. Deu-nos, assim, elementos básicos para o processo histórico de estruturação dos estudos linguísticos.

Em um dos seus diálogos, *Fedro*, disse que a linguagem é um *phármakon*. Esta palavra grega, em português fármaco, possui três sentidos: pode ser remédio, veneno ou cosmético, dependendo do modo como é empregada. Ela constitui remédio à nossa ignorância, abrindo-nos às variadas áreas do conhecimento. Mas pode ser também veneno, o que se pode dizer também dos medicamentos, se tomados de forma errada. Há certas formas inadequadas de utilização da palavra que criam mal-estar, doença, morte. Quem já não sofreu linguagem venenosa? Enfim, outro jeito de usar a palavra fármaco é como cosmético, quando se busca na fala maquiagem a verdade, mascarar as coisas e os acontecimentos.

Para Platão, como se vê, a palavra merece todo respeito, “o *logos*” é um ser vivo, um *zôon*. Mas ele nos deixou uma inesperada advertência: cuidado, que as palavras escritas podem desestimular a busca do conhecimento, podem levar à preguiça para refletir. Equivale a dizer: a leitura deve ser de textos valiosos e há de ser sempre com atenção.

Aristóteles

Aristóteles foi o primeiro filósofo a fazer prevalecer a consciência real do mundo sensível sobre a consciência especulativa

dos filósofos que o precederam. Sempre em busca da realidade, valoriza a linguagem como veículo expressivo de tudo que é e o faz de forma inovadora, em relação a todos os que o antecederam.

Ele enfatiza, primeiro, a base fisiológica da nossa fala, depois define o homem como animal político, porque na polis, a sociedade humana se comunica e se diferencia dos animais, pela sua voz significativa, “o *logos*”.

Para Aristóteles, gramática é a arte de colocar as palavras certas nos lugares certos e a ele se deve a base da gramática tradicional, que classifica as palavras segundo aspectos morfológicos e sintáticos e em diferentes categorias, como gênero, número e predicado.

Santo Agostinho

Este célebre Doutor da Igreja, o maior pensador da Igreja antiga e um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, foi professor de retórica, antes de exercer atividades eclesásticas.

Entre suas obras de maior monta, insere-se o *De Magistro* sobre a linguagem, sua origem e sua função no processo do conhecimento. É um tratado em forma de diálogo sobre o ensino: como ensinar, a importância da linguagem, o que dizer dos gestos, das letras, das palavras, dos nomes, o que se pode perceber pela razão e pela fé.

Ele distingue três funções básicas da linguagem: expressar pensamentos por meio da gramática, discutir o discurso por meio da dialética e seduzir por meio da retórica.

Em certa altura, ele percebeu um problema: nada pode ser ensinado sem sinais (as letras) e os sinais não ensinam nada, só pressupõem o conhecimento prévio das coisas. Em outras palavras, se não sabemos a que coisa um sinal se refere, este nada nos pode dizer; e se sabemos, esse sinal não ensinará, mas apenas nos recorda algo que já sabíamos. Como então é possível a educação? Diante desse paradoxo, Agostinho explana a sua doutrina da iluminação divina. Como a alma traz em si o conhecimento da verdade, diz ele, pela luz divina a verdade se torna inteligível, como é pela luz do sol que conhecemos os objetos exteriores.

Francis Bacon

Uma das figuras excepcionais do Renascimento, não era nenhum santo, mas a humanidade lhe deve muito. Foi um filósofo que resolveu abrir um caminho no labirinto das incertezas de sua época. Predominavam os defensores das tradições em religião e em filosofia, mas não se podia mais negar o surgimento de novas luzes, com as notáveis contribuições de Copérnico, Galileu, Leonardo da Vinci, entre outros.

Crítico do ensino medieval, ele preconizou o método indutivo propondo a substituição de princípios abstratos pela observação do mundo concreto, como via certa para se chegar à formulação de leis gerais. O imenso livro da natureza, insistia ele, ensina mais que Aristóteles e outros sábios antigos.

Na defesa desse caminho novo, ele propôs a eliminação dos ídolos então dominantes, as representações imaginárias e enganosas, que bloqueiam o pensamento, nascidas de quatro fontes:

- a) ídolos da tribo, a própria natureza humana, a própria tribo humana;
- b) ídolos da caverna, o caráter, o íntimo de cada pessoa;
- c) ídolos do teatro, as doutrinas estabelecidas;
- d) ídolos do foro, isto é, da praça, da feira, do mercado, o que está dominando a praça.

Esses últimos, para Bacon, “são de todos os mais perturbadores”, porque distorcem a realidade, no comércio e no consórcio geral, mediante a retórica, com seus conceitos imprecisos, equivocados ou deturpados.

Para escapar dessa e de qualquer outra idolatria, esse filósofo inglês recomenda-nos a organização lógica do pensamento, mediante linda comparação. Para ter uma boa cabeça, diz ele, precisamos aprender o que as aranhas, as formigas e as abelhas nos ensinam. Se as primeiras tiram as teias de si mesmas, nós

deveríamos sempre estar abertos para absorver o que há de melhor nos outros, mas sem imitar as formigas, que apenas amontoam o que acham e temos que agir como as abelhas. Assim como elas sabem transformar o pólen em mel, deveríamos também ir elaborando, pouco a pouco, criativamente, as próprias ideias e convicções.

Trata-se, por certo, de excelente sugestão, mas posso acrescentar que as abelhas também picam e a gente deve sempre se cuidar para que o ferrão da vaidade não nos induza a pensar que somos donos da verdade.

De qualquer maneira, a atualidade dessa cautela com ídolos parece indiscutível. Pegue-se, por exemplo, uma campanha eleitoral. É muito fácil ceder ao ídolo da tribo, pela nossa própria natureza a gente pode se enganar com as aparências. Perigoso também o ídolo da caverna, interpretando tudo pela visão que nos vem da caverna platônica incrustada dentro de cada um de nós. No ídolo do foro, temos as ambiguidades e mentiras das falas e das fotos dos candidatos e de seus respectivos marqueteiros. E quanto aos ídolos do teatro, nada contra os atores, mas tudo contra os manipuladores da verdade. E eles vivem soltos por aí.

Descartes

“Penso, logo existo”. Essa, para Descartes, a primeira verdade irrefutável e o ponto de partida para o conhecimento perfeito do mundo.

Para ele o mundo se constitui de duas realidades: a extensa, a matéria, e a cogitante, o pensamento.

Nasce daí o dualismo da linguagem humana: a mente humana é a autora da significação das palavras, representadas por meio das realidades extensas, como o nosso corpo.

Nossa linguagem, então, é mecânica e observável, funciona de uma alma para outra, como veículo transmissor da imaterialidade.

Leibniz

Discípulo independente de Descartes, Leibniz não foi só filósofo. Suas obras vão da Matemática até a Biblioteconomia. Inteligência genial, autor de muitos inventos, dedicou-se também à criação de uma linguagem universal, *lingua philosophica*, baseada no latim (que ele, em criança, aprendeu sozinho com um livro ilustrado) alegando que as linguagens da época eram mal estruturadas, ilógicas e inadequadas para o pensamento profundo.

Centrado na Filosofia da História, sonhava com uma ciência universal que refletisse a unidade do mundo e reorientasse a pluralidade de saberes.

Na sua obra maior, “*Novos ensaios sobre o entendimento humano*”, Leibniz repete Aristóteles, na definição do homem como animal político, mas defende a origem da nossa fala como imitação dos sons da natureza.

Por último, dá uma pontada a quem merece a carapuça: “existem não somente crianças, mas também adultos que muitas vezes falam como periquitos”, sem entender as palavras que usam.

Séculos depois, Nietzsche, num momento de lucidez, repetiu a observação: “Deve-se falar somente quando não se pode calar e falar somente do que se superou: tudo o mais é tagarelice, literatura, falta de disciplina”.

Herder

Herder, filósofo alemão, ocupa lugar importantíssimo no desenvolvimento da Filosofia da Linguagem, tendo influenciado autores notáveis como Hegel, Schlegel, Goethe e Humboldt. Embora fosse pastor, rejeitou a tese da origem divina da linguagem humana. Explicou-a pelo pensamento simbólico.

Foi um dos fundadores da moderna Filosofia da História e, centrado nela, tratou da evolução humana sob o enfoque da linguagem, vendo-a como a manifestação primordial da humanidade.

Insistiu no carácter natural evolutivo da linguagem, que teria surgido da imitação dos sons da natureza e seria capaz de contínua evolução, pois “a linguagem é um Proteu sobre a superfície curva do planeta”, afirma ele em uma de suas obras mais importantes, o *Ensaio sobre a origem da linguagem*.

Kierkegaard

Descartes havia definido o cogito (“penso, logo existo”), sem dar conta do que é a própria existência. Quem deu esse passo necessário foi o filósofo dinamarquês Kierkegaard, considerado o pai do existencialismo.

Cruzando filosofia, teologia e literatura, ele abordou temas como as noções de fé, de paradoxo, de absurdo, de escolha, de desespero, de silêncio, de morte e de angústia sob enfoque positivo, demonstrando-as como condições existenciais intrínsecas para o ser humano tornar-se quem realmente é.

Assim, a linguagem em Kierkegaard está intimamente ligada à existência, numa simetria admirável de emoção com razão, mostrando de que modo ela pode ser pensada como o meio pelo qual ideias e realidade se adequam.

Como pensador cristão, pressupõe sempre uma refiguração de significado da palavra dita, que deve ser superada pelo “salto da fé”, que o faz tornar-se ele mesmo uma palavra formada por Deus.

Enfatizou sempre os limites da linguagem humana, porque não somos capazes de atingir a linguagem divina. Toda a sua obra revela como seus traços biográficos e as suas reflexões filosóficas o levaram a viver a angústia da limitação das palavras.

Marxismo

Para se ter uma visão suficiente do que pensam os marxistas sobre a ideia central deste livro, assinalamos os seguintes pontos.

O marxismo parte de dois fatos: tudo que é do ser humano vem do seu esforço (trabalho) e palavras e mensagens não existem em estado natural, são produtos nossos.

Um tipo especial de trabalho, ao lado do trabalho manipulativo, é a linguagem. Como animais sociais, trabalhadores e falantes, sofremos conflitos linguísticos, reflexo dos conflitos de classe.

A sociedade é “uma espécie de imenso mercado onde palavras, expressões e mensagens circulam como mercadorias”, numa dinâmica de interação verbal entre as pessoas. Essa interação não é apenas discursiva. É política e superevidente na intercomunicação dos membros das diferentes classes sociais. Como escreveu Bakhtin, a palavra “torna-se uma arena de luta de classes”.

Jacques Derrida

Filósofo argelino radicado na França, foi professor da Sorbonne e convidado de diversas universidades europeias e americanas. Esteve três vezes no Brasil, em 1995, 2001 e 2004. É o filósofo da desconstrução.

Não é destruição, mas decomposição ou desmontagem dos elementos da comunicação escrita e oral, para se conseguir uma leitura aberta e enriquecedora, descobrindo partes do texto que estão dissimuladas.

“Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, *do logos*, da metafísica ocidental na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes”.

Tradicionalmente, mantém-se a estrutura binária da escrita. Concebe-se o mundo em um sistema de oposições sem fim: eu/outro, corpo/alma, bom/mal, dentro/fora, verdade/mentira, memória/esquecimento, presença/ausência...

Derrida respeita esse esquema, mas o remodela, superando o dualismo hierarquizante: presença mais importante que ausência, memória mais que esquecimento, corpo mais que alma...

Para Derrida, o texto é sempre desmontável, aberto, sem limites.

Se, por exemplo, a gente topa a palavra água, podemos pensar em pingos, em rio, na fórmula química etc.

Por isso, Derrida explica que toda obra pode ser lida e analisada pela retórica, pela polissemia e pelo pluralismo e lembra uma consequência prática: a desconstrução nos ajuda a superar estereótipos e preconceitos, a aceitar o diferente, a criar ambientes sem hostilidades.

Em suma, pela desconstrução é viável considerar a filosofia como um gênero literário particular, como, inversamente, pensar o texto literário na sua vertente filosófica.

Nada existe em si mesmo, como algo indivisível e fechado, sem referências à sua origem, à sua história, ao seu alcance e aos seus limites.

Ele propõe, portanto, que se supere a tradição logocêntrica do pensamento ocidental.

Essa proposta desconstrucionista de Derrida provocou séria oposição na academia. Foi vista como ameaça à Filosofia clássica. Mais que uma filosofia, uma incursão crítica na literatura e no interior das ciências humanas. E não poucos acham sua prosa empolada e desconcertante ou mesmo ininteligível.

Soren Kierkegaard



Desenho não terminado de Kierkegaard feito pelo seu primo, Niels Christian Kierkegaard

Fonte: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B8ren_Kierkegaard. Acesso em: 28 abr. 2022.

“Filósofos são um tipo generoso de sujeito, desejosos de ajudar os outros por escrito, mas ainda têm alguma coisa de loucos, com sua ridícula rigidez solene e seu ar de importância livresca.

Sentem piedade das gerações passadas, que viveram quando o Sistema supostamente não estava acabado, e quando, portanto, a objetividade não tendenciosa ainda não era possível.

Mas quando você lhes pergunta sobre o novo Sistema, sempre o dispensam com a mesma desculpa: “Não, ainda não está completamente pronto. O Sistema está quase concluído, ou pelo menos em construção, e estará terminado no próximo domingo”. (KIEKEGAARD)

“

Penso,
logo existo

”

Sentado à beira de um caminho que não tinha fim, cantava Roberto Carlos, tempos atrás, chorosas saudades da amada, lamentando o sol queimante e, depois, a chuva que se confundia com seu pranto, e repetia:

“Olho para mim mesmo e procuro / e não encontro nada / Sou um pobre resto de esperança / à beira de uma estrada / Preciso acabar logo com isto / Preciso lembrar que eu existo / que eu existo / que eu existo...”

Quatro séculos antes do Roberto, o filósofo francês René Descartes também chegara à mesma descoberta – eu existo – mas por outro caminho.

É que ele, desiludido das certezas e incertezas da sua época, resolveu viajar. Não ficou sentado à beira do caminho. Pegou a estrada. Rodou o mundo por nove anos, e depois, na Holanda, entregou-se a intensas meditações, concluindo que todas as ideias que haviam entrado em seu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões dos seus sonhos. Tudo lhe parecia falso.

De uma coisa, porém, não tinha dúvida: ele pensava. E daí sua célebre conclusão: “Penso, logo existo”. E dessa certeza inabalável tirou o primeiro princípio da Filosofia.

É impressionante a força que todos sentimos na existência pessoal. Dizer “eu vivo” parece bem mais fraco do que “eu existo” e é assim mesmo, porque viver pode ser mero destino biológico, mais ou menos autônomo, enquanto existir é exercício de liberdade, decisão, compromisso.

Vêm daí as pitorescas variações que a frase fundamental do pensamento cartesiano tem suscitado no dia a dia. Anos atrás, alguém grafitou num muro sorocabano: “Penso, logo desisto”. Abatido, certamente, pelas agruras da vida ou por alguma desilusão ocasional, derramou ali sua amarga desesperança,

justificando-a pelo muito pensar. Desistiu, renunciou à luta. Na verdade, renunciou à vida, porque viver é lutar.

Doutra parte, contrariando esse pessimismo mortal, um caminhoneiro lutador mandou gravar no para-choque, com todas as letras: “Existo, logo insisto”. Nenhuma estrada ruim segura-o. Insistir é o antônimo de desistir. Quem acredita na própria existência e a valoriza insiste no trabalho, no estudo, na conquista dos seus sonhos, apesar de tudo. Não se entregue, não se omite, segue em frente.

Uma coisa é certa: dá para aprender muito com o “eu existo” do Roberto Carlos, com o “penso, logo existo” do filósofo, com o “penso, logo desisto” do grafiteiro infeliz e com o “existo, logo insisto” orgulhosamente inscrito no caminhão.

Há uma filosofia de vida proclamada por todos eles. Cada um a seu modo e dentro de seu contexto existencial se explica e se autodefine. Por mim, partindo da tese de que existir é, de um lado, um dom supremo e, de outro, um encargo pessoal, intransferível, eu acrescentaria mais um mote *à la Descartes*, porque hoje resistir é preciso. Grassa podridão demais nos círculos políticos. O lucro dos bancos nunca foi tão

alto e sua propaganda nunca foi tão mentirosa. A sede de comprar impera não só em centros comerciais, verdadeiras catedrais do consumo, mas também na preferência cega pelo *fast food*. E em nome de Deus se abre uma nova igreja, em cada esquina.

Diante de tudo isso e de muitas outras investidas malignas, caberia bem que a cidadania consciente gritasse: “Penso, logo resisto”.

5

A PALAVRA DE ONTEM

“A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos”.³¹

Cícero

Normalmente, somos meros falantes, utilizamos o funcionamento do sistema linguístico para nos comunicarmos, mas aqui passamos a falantes que refletem sobre a própria linguagem, a fim de conhecer e utilizar melhor a nossa língua pátria, visando-a desde longe.

Sem respostas às perguntas do passado não nos conheceríamos por completo.

Impossível escrever ou digitar, hoje, sem usar palavras de ontem. Pela evolução social, pela mundialização cultural e pelos avanços tecnológicos contínuos, surgem a toda hora novas palavras, mas no mundo inteiro predomina, inevitavelmente,

o vocabulário tradicional, aquele sedimentado nos escritos de qualquer povo, nos dicionários, na rede digital e na cabeça de cada um.

São de ontem todas as nossas palavras habituais. Usadas, desgastadas quem sabe, mas íntimas nossas, amigas sempre disponíveis, indispensáveis como o pão de cada dia. Às vezes, por entre elas, nos enroscamos com alguns nós de dúvida: Como se pronuncia? Como se escreve? E há quem pergunte: – Aquele frutinho homófono de Natal é com s ou com z?

Até para desfazer esses nós, ajuda muito conhecer a origem e a evolução das nossas palavras, “tanto mais belas quanto mais antigas”, como dizia Bilac das velhas árvores. Nesse sentido, vamos, neste capítulo, examiná-las sob dois olhares: sua etimologia e sua história.

Etimologia

Donde vêm as nossas palavras? Como se formaram?

A resposta nos é dada pela Etimologia, campo de estudo da linguística destinado à origem e à evolução das palavras. Assim, para dar um primeiro exemplo, a etimologia da própria palavra etimologia mostra uma composição de dois termos da língua grega: de ἔτυμος, étimo, que significa verdadeiro, real, e de λογία, logia, estudo. Como ensinou alguém, a etimologia é a certidão de nascimento das palavras. Por ela percebemos, meridianamente, duas tendências linguísticas universais, uma que conduz à conservação e outra ao rejuvenescimento da linguagem, ambas no perfeito equilíbrio da vida e da morte das palavras.

A etimologia nos leva a descobrir os étimos primitivos de uma língua, pesquisando que mudanças sofreram, quais suas formas anteriores documentadas, as eventuais mudanças de sentido e que informações históricas as acompanham. Assim, pêssego veio do étimo latino *persicu*, porque esse fruto veio da Pérsia para Roma, onde era chamado *fructus persicus*.

Outro exemplo surpreendente nos dá Matoso Câmara Jr, a propósito do verbo *chegar*, cujo étimo é o latino *plicare*, dobrar. A sua significação vem da linguagem dos marinheiros (*plicare vela*, dobrar as velas, quando se entra no porto), quando os

navios chegavam a terra, dobravam as velas. O *pl* latino deu *ch*, como *pluvia* virou chuva.

Nossas palavras refletem nossos problemas, nossas crenças, nossas instituições sociais e o nosso próprio dia a dia. Qualquer mudança nesse terreno atinge necessariamente os termos que usamos e os respectivos significados. Etimologia não é visão de cemitério. Lembra mais a visita afetuosa a uma seara sem fim.

O nosso léxico é vivo e vivificante. Incorpora palavras de várias origens, sobretudo a latina, a grega, a indígena e a africana, e por elas criam-se formas, sempre aberto para receber vocábulos interessantes de outras línguas também.

Dessa forma, no conjunto ilimitado dos dados reais que servem de base às mudanças semânticas e ao ajustamento das inovações científicas, técnicas e da evolução social, a difusão das ideias vai ganhando, incessantemente, o seu vocabulário específico. Pense-se, por exemplo, na expansão do Cristianismo, do Islamismo e do Budismo pelo mundo ou ainda nas propostas de Darwin, Marx, Freud. Enriqueceram os dicionários do mundo.

Obviamente, não pretendo aqui reproduzir nenhum tratado etimológico. Apenas mencionarei alguns tipos de palavras, sem esquecer um detalhe sutil: palavra, em português, mora no gênero feminino, reforçando-nos, então, seus diferentes modos de se apresentar.

Vejamos esses portes diferenciados, deixando claro antes que nem tudo ganhou até hoje explicação etimológica. Persistem de origem obscura ou controversa inúmeras palavras. Quem sabe, definitivamente, donde vêm garganta, pirralho, gambiarra, encrenca, peru, pirraça?

Começando então por um extremo, lembremos as palavras de ontem que caíram no esquecimento, palavras outrora usuais, hoje esquecidos arcaísmos, como vosmecê, ceroula, tença, alcaide, coita. De notar também as que persistem hoje, mas com outro sentido, por arcaísmo semântico, como mágoa, que já foi mancha e agora é desgosto.

Como desusadas, tais palavras nem suscitam a ideia de lhes investigar a procedência. Por outro lado, o mesmo acontece com palavras chamadas transparentes. Qualquer pessoa sabe, por exemplo, o que é abraço, música, esporte, telefone, casa. Não se precisa saber defini-las e muito menos explicar donde e como apareceram.

O contrário também existe: palavras de aparência enganosa. Um exemplo significativo é “autoajuda”. Palavra muito simpática, mas, na realidade, a ajuda vem de outra pessoa ou de um livro. O que resolve mesmo é a pessoa se assumir.

Outras palavras há que a gente emprega, naturalmente, sem imaginar sua origem real. É o caso de armário. Você sabe muito bem o que é, mas o termo, propriamente, identificava móvel de guardar armas. Acontece o mesmo com ovação, sinônimo chique de aclamação pública. Nada a ver com ovos!

Cínico, no grego antigo, era ser como um cão (*kynikós*), hoje caracteriza quem fala com descaso, um tipo petulante.

E quando um partido canta suas glórias por agregar diferentes forças políticas, ele não imagina que está citando um rebanho, pois agregar vem de *gregem*, termo latino para conjunto de animais da mesma espécie.

Igualmente, citar o polo ártico é, no fundo, referir-se a urso, *arktos*, em grego.

Formidável é um dos adjetivos mais espontâneos em conversas e comentários sobre algo extremamente positivo, equivale a excelente, fantástico, mas o seu sentido original é de algo temível, porque veio de *formido* temor, em latim.

Curiosamente, na prática nacional apresentam-se dois doces com nomes de sentido alterado e totalmente consagrados. O primeiro deles é marmelada. Todo mundo sabe, é doce feito de marmelo. Por que passou a significar também enganação previamente combinada?

Há duas versões, uma gastronômica, outra histórica: para uns, é porque a marmelada leva chuchu como liga, para enganar o freguês; para outros, a coisa começou nos primórdios do Brasil, quando foram plantados marmeleiros e o seu produto era embalado em caixas de madeira e exportado para a Europa, mas quando lá chegou o carregamento verificou-se que dentro das caixas só havia terra. Deve ter sido uma das primeiras falcatruas brasileiras.

Outro docinho apreciadíssimo é o brigadeiro, que nada tem a ver com oficial comandante de uma brigada. Ele nasceu num contexto importante da história nacional. Logo depois da Segunda Guerra Mundial, vigorava, entre nós, o racionamento de açúcar, leite e ovos, e uma dona de casa resolveu fazer um doce sem esses ingredientes e misturou leite condensado com chocolate. Deu certo e ela mesma resolveu batizar aquela delícia com o nome de

brigadeiro, em homenagem a um homem que admirava muito, como muitas mulheres: o brigadeiro Eduardo Gomes, candidato à Presidência da República nas eleições de 1945, mais bonito que o concorrente, general Eurico Gaspar Dutra.

Não resisto agora à lembrança de duas etimologias curiosas. Sabe donde veio “borboleta”, esse inseto lindo e ligeirinho que agrada a todos? Os entendidos divergem, mas estou com os portugueses. Para eles borboleta vem de berbeleta, procedente do diminutivo belbelita, em tom afetivo de *bella* (bonita, em latim), adjetivo aí reduplicado, como a dizer que as borboletas batem suas asas várias vezes.

Se parecer forçada essa explicação, veja-se donde vem mariposa, borboleta geralmente de voo noturno, sinônimo de meretriz também. Vem do castelhano: *Mari*, Maria, *posa*, poussa-te, palavra presente em canção infantil espanhola.

Fiquemos por aqui. Seria um sem-fim continuar. Voltemos-nos, agora, a outro capítulo especial da etimologia, a saber, palavras que ganharam, surpreendentemente, sentido pejorativo. Só três exemplos.

Demagogo não tinha em sua origem nada de pejorativo. Demagogos eram políticos ligados à defesa da democracia em Atenas. Contudo, após a morte do estadista ateniense, Péricles, que teve fracos sucessores, o termo passou a não mais ser apenas aquele que defende os interesses do povo, mas também quem bajula e manipula o *demos*, o povo, para arrancar dele o máximo de vantagens pessoais.

Veio da Grécia também sofisma, argumento falso formulado de propósito para induzir alguém a erro, Era a estrutura de argumentação adotada pelos sofistas, mestres na arte de falar e, eventualmente, enganar.

Infelizmente, hoje em dia, o termo política também tomou o mesquinho sentido dos conchavos, do troca-troca por interesses pessoais. Deixou seu objetivo original de utilizar o poder para conciliar os interesses em prol do bem comum e passou a buscar o poder pelo poder. Virou uma carreira por cargos de relevo para mais ganhos pessoais.

Merece toda atenção também a vasta fileira de palavras de falsa etimologia. Na Antiguidade Clássica, se acreditava que pelo conhecimento do nome (*verbum*) se podia conhecer o objeto designado (*res*). Mas nem sempre era possível determinar a origem de uma palavra com exatidão e assim surgiam etimologias fantasiosas. Esse artifício passou dos autores greco-latinos para os medievais, aduzido até os nossos dias.

Algumas se valem de explicação fácil e sedutora, caso de enfezar, por exemplo. Esse demonstrar raiva seria provocado pelo acúmulo de fezes da pessoa irritada, mas o verbo vem, na realidade, do latim *infensare*, opor-se a alguma coisa, hostilizar. Daí o sentido genuíno de enfezado, sinônimo de infenso, enraivecido.

Diga-se o mesmo de cadáver. Inventaram que a palavra teria sido formada pelas sílabas iniciais da expressão latina *ca ro da ta ver mibus*, carne dada aos vermes, e ela veio, de fato, do

verbo *cadere*, cair. Aliás, os autores latinos usavam *corpo*, não *cadáver*, vocábulo considerado muito duro.

Outras explicações etimológicas falsas muito comuns aparecem, por exemplo, em *cesariana*. Selam esse adjetivo como devido ao imperador Júlio César, que sofreu tal prática cirúrgica, mas esse corte veio mesmo de *caesum*, particípio do verbo latino *caedere*, cortar.

À criatividade popular se deve também a história do adjetivo *sincero*. Seria a qualificação de algo sem cera e é simples tradução do latino *sincerus*, leal.

Por fim, uma etimologia inventada e muito preconceituosa refere-se a *aluno*. Seria “aquele sem luz”, e, na realidade, veio do verbo latino *alere*, alimentar, nutrir. Dizia-se, na Roma antiga, *alumnus* o escravo alimentado em casa.

Um caso à parte e célebre de falsas etimologias se encontra na obra de Santo Isidoro de Sevilha, do século VII, uma enciclopédia de todos os conhecimentos possíveis na Europa do seu tempo, inclusive sobre origem das palavras. Aparecem aí etimologias estranhas, quase ridículas, como “sol”, “assim chamado porque está só, obscurecendo com seu resplendor todas as demais estrelas”; “argumento” ele diz que veio de uma “sentença de *arguta mente*” e milícia, teria vindo do número mil, e , na verdade, veio de *miles*, soldado, em latim.

Para concluir este tópico, vale ressaltar a utilidade e o valor dos estudos etimológicos. Não se trata de conhecimentos obrigatórios a todo tipo de pessoa, mas vale muito para quem,

por gosto próprio ou por engajamento profissional, trabalha com palavras.

Em suma, a Etimologia faz-nos superar o simples uso da língua, ajuda-nos a saber melhor o que dizemos, escrevemos e lemos e nos leva a uma proveitosa viagem cultural com gerações passadas, descortinando o seu mundo, o seu gênio e a sua história.

“

Palavras têm sexo

”

Reler Machado de Assis é vagar não pelo mundo dos sonhos, mas pelos caminhos habituais da vida. Foi como o encontrei, afirmando, em suas *Várias Histórias*, que *as palavras têm sexo... amam-se umas às outras. E casam-se. O casamento delas é o que chamamos estilo.*

Pode ser brincadeira dele, mas merece atenção. Desde criança, aprendemos que há substantivos masculinos e femininos e, por isso, é errado falar “a pirulito” e “o boneca”. Afirmer, porém, que as palavras se amam, já é passo discutível, pois nem todas se atraem e muitas até se repelem pelo

sentido ou pela forma ou ainda pelo acento. Vejam-se, por exemplo, dia e noite, água e óleo, cara e cará.

Por outro lado, casamento acontece quando dois combinam, por mais diferenças que tenham. Dá-se o mesmo com palavras. Bem escolhidas e apropriadamente encadeadas, unem-se na escrita e na fala e esse enlace expressivo do pensamento e do sentimento da gente cria o estilo de cada um.

Eu acrescentaria, porém, algumas ressalvas ao papo machadiano. A primeira é que há matrimônios impossíveis no universo vocabular. Uma coisa é juntar palavras, outra coisa é fazê-las concordes e aceitáveis. Assim, em toda mentira, seja de um sócio ao outro, seja de publicitário aos espectadores, não vejo união verbal autêntica, mas pura mixórdia de conversa arranjada.

Outro ponto é que também entre palavras nem sempre vinga o vínculo conjugal. Fica só em promessas, como o de candidatos em época eleitoral ou em propostas impossíveis de governantes.

Por essas e outras, eu adiantaria ao mestre Machado que, entre palavras, acontecem inúmeros maus casamentos. Elas podem compor bonitos fraseados, mas imitam maridos e esposas forçados a viver juntos, embora não se amem mais. E há ainda palavras que traem o tom genuinamente nacional, como o nosso Central Parque sorocabano. Sem anglicismo, em puro português, não deveria se Parque Central? E por que agora coronavírus e não vírus corona?

Mas deixa pra lá. Problemas mais sérios são as palavras que descasam. Exemplo interessante temos no tal do Dia do Fico. Relembre-se a história. Com o regresso de Dom João VI a Portugal, o Brasil caiu no colo do jovem Dom Pedro, de apenas 18 anos de idade. O tempo foi passando e o sonho nacional de um império independente crescendo, enquanto a corte portuguesa, para não perder sua maior colônia, pressionava o príncipe regente a retornar, imediatamente, a Lisboa. Foi quando o futuro Dom Pedro I decidiu, num ímpeto de brasilidade: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto. Digam

ao povo que fico”. Não houve ali um descasamento público e notório de duas palavras-chave: voltar e ficar?

História

“História, a émula do tempo, depósito das ações, testemunho do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.”⁴¹

Miguel de Cervantes

Conhecer e estudar as palavras de ontem é mergulhar na História, porque as palavras têm história e nos dão aulas de História. Com a história das palavras caminha a história da humanidade, pois História nada mais é que uma imensa etimologia, escreveu Ortega y Gasset.

Sem o apoio da História, o conhecimento de qualquer ciência se fragiliza. Sem ela, a ciência das palavras, sua origem, sua prática e seu destino carecem de embasamento filosófico. E é pelo espaço multissecular da História que se chega a captar o grau de precisão que as palavras devem ter. O próprio termo história é uma lição de vida, pois vem do verbo grego *historein*, que significa pesquisar, e assim sugere conhecimentos fundamentados através de investigação. Numa palavra, a História é ciência. Não estuda apenas a sucessão dos acontecimentos, mas as suas causas e leis, baseando-se na evidência extrínseca (autoridade), na crítica dos fatos e na análise dos testemunhos.

Consequentemente, todo historiador estuda e analisa a trajetória das pessoas e dos acontecimentos significativos

de uma sociedade, a partir de informações fidedignas. São suas fontes. Podem ser materiais: tudo o que o ser humano fabricou, disse, escreveu: utensílios, armas, urnas, obras de arte, documentos, monumentos, ou imateriais, como lendas e histórias da cultura oral de um povo e os testemunhos obtidos de pessoas que viveram certo momento histórico.

Nossas palavras históricas

O vocabulário nacional compreende mais de 400.000 mil palavras. Centenas, senão milhares carregam histórias relacionadas à mitologia, à filosofia, às religiões, às ciências, às artes, à política, à economia, às profissões, a tudo, enfim, que marca o ser, o fazer e o agir humano na face da terra. Aqui, focalizaremos apenas algumas palavras históricas mais significativas de nosso uso contínuo e, no entanto, de conteúdo pouco ou nunca esmiuçado pela maioria das pessoas. Em várias delas se escondem certos nós históricos que, mediante análise crítica, merecem desatamento ou mesmo denúncia.

Brasil

Desde criança aprende-se que o nome Brasil vem do pau-brasil, chamado pelos nativos de *ibirapitanga*, árvore típica do

nosso litoral de antanho, com cerne de coloração avermelhada, como brasa incandescente e tinta da mesma cor. Mas esse não foi o nosso primeiro nome.

Já de há muito tempo, circulava na Europa a fama de uma expedição marítima de São Brandão do século VI, que aportara uma tal Ilha do Brasil no Atlântico e em 1339, o termo Brasil já aparecia em mapas que mostravam uma Ilha Brasil, a oeste do arquipélago dos Açores.

De verdade mesmo o que se tem são os documentos lavrados com a vinda de Cabral para estas bandas, denominando-as de Ilha de Vera Cruz ou Terra de Santa Cruz. Estabelecidos aqui, os colonos portugueses logo divisaram na exploração do pau-brasil a sua mais rica atividade econômica, derrubando milhões dessas árvores e logo abiscoitando sua madeira e sua resina, transformada em tinta para manufatura de tecidos de alto luxo.

Assim se fixou o nome Brasil. Impossível negar que o termo lembra ou esconde o triste princípio de nossa história: desmatamento, exploração do braço indígena, ganância comercial em favor da metrópole.

Consola-nos um pouco o que foi escrito sobre esta terra por Pero Vaz de Caminha: “A terra em si é de muito bons ares frescos e temperados... águas são muitas, infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por causa das águas que tem”.

Colônia

Ao longo da História, a formação de colônias foi como a humanidade se espalhou pelo mundo. A palavra é latina e designava no mundo romano a terra adquirida por estrangeiros a ser cultivada. Referia-se às comunidades agrícolas, fora do território de Roma

Fomos colônia de Portugal de 1.500 a 1.822. Essa colonização começou com a chegada da expedição de Cabral, composta por 13 embarcações e cerca de 1200 homens. Não fomos terra descoberta, mas ocupada.

Os colonizadores tinham objetivos muito claros: a expansão territorial de Portugal, o incremento do seu comércio e a divulgação do catolicismo.

O poder lusitano aqui se instalou com armas de fogo, explorando e aniquilando populações locais e impondo, ao longo dos anos, pelo processo ideológico de convencimento, sua cultura e sua religião.

Aqui fica bem aplicar o que Simone Weil escreveu, falando do colonialismo francês: “Cristo nunca disse que os navios de guerra deveriam acompanhar, mesmo de longe, os que anunciam a boa nova”.

É de se notar, por fim, que Portugal manteve colônias na África até as últimas décadas do século passado, maquiando-as como “províncias ultramarinas”.

Dom João VI



Retrato por Albertus Jacob Frans Gregorius

Fonte: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_VI_de_Portugal. Acesso em: 30 maio 2022.

Nos três séculos de colônia, fomos uma sociedade muito pobre, onde portugueses recém-chegados gozavam de situação privilegiada, ao lado de indígenas e negros escravizados e dos “vadios”, homens livres, sem ocupação fixa.

Portugal nos trouxe o seu idioma, sua religião e as doenças, que infestavam o velho mundo e levou daqui muito das nossas riquezas, como o pau-brasil, o açúcar, o ouro, os diamantes.

Mas, é preciso registrar, com a vinda de Dom João VI, em 1808, ao fugir de Portugal invadido por tropas francesas, tivemos vários empreendimentos de proa, como a criação dos

primeiros cursos superiores de Medicina e de Engenharia, a Imprensa Régia, o Banco do Brasil.

De qualquer forma, porém, Portugal não poderia conter, como de fato não conteve, movimentos, Brasil adentro, de inconformidade com as extorsões do regime colonial. Os meses e anos anteriores à conquista da independência não foram de plena calma.

Pelas diversas regiões do País, uma força política desconhecida, mas atuante, formada pela arraia miúda de escravos, negros livres e brancos pobres, exercia pressão sobre os grupos dominantes, para descontinuar o pertencimento ao Império lusitano. E o 7 de setembro afinal chegou, resultado não de mero arranjo das elites nem do sonho carreirista de um príncipe.

Um português que adorou a colônia

“Gabriel Soares de Souza foi um soldado português que, indo para as guerras na África, em 1566, desceu na Bahia quando o navio em que viajava ali fez escala, e não voltou mais para bordo, decidindo ficar no Brasil. Tornou-se, no tempo, proprietário de quase metade da cidade de Salvador, escreveu a *Notícia*, publicada mais tarde com o título de “*Tratado Descritivo do Brasil*”.

Em 1587, esteve na Espanha para tentar a publicação, mas não obteve sucesso. Morreu em 1592, legando todos os seus bens ao Mosteiro de São Bento, com duas curiosas condições:

que fosse enterrado no próprio Mosteiro, com uma lápide de que constasse apenas a inscrição “*Aqui jaz um pecador*”, sem qualquer nome ou data; e que fosse rezada diariamente uma missa por sua alma “*enquanto o mundo durar*”... Não sei se isso foi feito, mas o túmulo com a estranha lápide ainda se encontra na entrada do Mosteiro”. (MINDLIN, 2008)

Índios

“Eu não sou índio, não existem índios no Brasil”

Daniel Munduruku, 2017

Por um erro geográfico e histórico encravado na mente dos conquistadores, Cristovam Colombo, pisando na América, acreditou que havia chegado às Índias. E foi para chefiar uma expedição à Índia que Pedro Alves Cabral foi nomeado.

E assim acabamos designados índios, como se fôssemos habitantes da Índia. Os índios do Brasil nada têm a ver com a Índia. Mas o nome ambíguo pegou. Parece hábito incurável.

“Índio é um apelido, e apelido que se dá para quem parece ser diferente de nós. Por esse caminho, vira apenas preconceito: selvagem, atrasado, preguiçoso, canibal, estorvo, bugre”, nas palavras de Daniel Munduruku, doutor em educação pela USP, escritor.

Na verdade, o que temos no País são os indígenas e indígena é palavra latina, que significa gerado dentro da terra que lhe é própria, ou seja, nativo, aborígene, originário. Em suma,

nossos indígenas são patrícios endógenos, até mais brasileiros do que a maioria dos habitantes destas plagas.

Escravidados no período colonial, eram caçados para toda obra. Até hoje se fala em avó caçada a laço, reminiscência de índias pegas no laço por algum português.

No Brasil atual, a população indígena continua olhada por muitos como um problema nacional, uma presença-ausência de figuras exóticas dentro do território brasileiro, apesar de lhes devermos todos muito do nosso vocabulário cotidiano, da nossa alimentação e do nosso jeito de viver. Donde veio o gostoso espreguiçar-se na rede?

República

Cícero, o brilhante orador e filósofo romano, escreveu: “Quando, numa sociedade, alguém ou alguns muito ambiciosos conseguem subir pela riqueza ou pelo poder, nascem os privilégios do seu orgulho despótico e seu jugo arrogante se impõe à multidão covarde e fraca. Mas, ao contrário, quando o povo sabe manter seus direitos, não é possível àqueles encontrar mais glória, prosperidade e liberdade, porque então o povo permanece árbitro das leis, da justiça, da paz, da guerra, dos tratados, da vida e da sorte de todos e de cada um. Então e só então a coisa pública se torna coisa do povo”.

Essa coisa pública, *Res Publica* em latim, é a República, uma forma de governo em que o Estado se constitui de modo a atender tudo que diz respeito aos interesses da coletividade nacional.

Prefigurada, historicamente, nos formatos clássicos da Grécia e da Roma antigas, a nossa República deu fim ao período monárquico (1822-1889), estabelecendo-se pacificamente, sem nenhum movimento popular, em 15 de novembro de 1989, com laivos positivistas e prognósticos de democracia ordeira e progresso certo. No dizer do seu hino oficial, o novo regime prometia “remir o passado dos mais torpes labéus”.

As antigas províncias do tempo do Império tornaram-se estados. Os celebrados bandeirantes, caçadores de índios, desapareceram. Agora, crescem os empresários, especialmente paulistas, sem os escravos negros, mas explorando com visível oportunismo a mão de obra estrangeira, os carcamanos.

Hoje, o que vemos é uma república mal administrada, sem rumo, e distante da coletividade nacional. Uma coisa pública de poucos e para poucos. Nascera com o sonho de, finda a vergonha escravista, dar a palavra ao povo, mas logo se ajustou aos interesses e ao gosto bacharelesco ou coronelístico dos governantes. Virou República velha. Essa *res publica* não é do público, é de poucos.

Sorocaba

A cidade e seu rio levam o mesmo nome, gerado do verbo tupi *soroka* (romper-se, rachar, ruir) mais o sufixo *aba* (lugar).

Esse lugar onde a terra racha ganhou como data de nascimento 15 de agosto de 1654. O povoado estava, então, sob a

liderança do bandeirante Baltasar Fernandes, mas se fundou e começou bem antes, à custa dos carijós, segundo o nosso historiador Aluísio de Almeida.

Hoje, graças a gente de todas as origens, a cidade procura superar a sua inata erosividade, com muito engenho e arte, e incita quem aqui vive à mais plena cidadania, à luz do lema inscrito em seu brasão: “*Pro una libera patria pugnavi* (Lutei por uma pátria livre), em alusão à revolução liberal de 1842, liderada entre outros, por Antônio Feijó e pelo Brigadeiro Tobias de Aguiar.

Pena que a consciência dessa luta é hoje muito rala e as políticas públicas não privilegiam a população da periferia.

Carlos Drummond de Andrade

Procura da Poesia

[...]

Penetra surdamente no reino das palavras.

Lá estão os poemas que esperam ser escritos.

Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.

Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.

Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.

Espera que cada um se realize e consume
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.

Não forces o poema a desprender-se do limbo.
Não colhas no chão o poema que se perdeu.
Não adules o poema. Aceita-o
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada no espaço.
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara:
ermas de melodia e conceito,
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.



Carlos Drummond de Andrade

Fonte: Disponível em: <https://web.archive.org/web/20170611072608/http://kdfrases.com/autor/carlos-drummond-de-andrade>. Acesso em: 30 maio 2022.

Foto: Nelson Di Rago.

6

A PALAVRA DE HOJE

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução”.

Machado de Assis

No cenário global do momento, os dois caminhos mais explorados na comunicação humana acontecem por duas linguagens, a ideológica e a digital, ambas envolvidas e potencializadas pela pandemia do Covid 19 e pela guerra da Rússia contra a Ucrânia.

Linguagem ideológica

Hoje, é possível as pessoas de todo o mundo trocarem, com inédita agilidade, informações, pesquisas, notícias, vídeos, filmes, todo e qualquer tipo de conhecimento.

Nessa conjuntura, pelo condicionamento social em que estamos inseridos, todos, emissores e receptores, envolvemo-nos, inevitavelmente, com um conjunto de ideias, valores e princípios de ordem jurídica, social, moral, política e religiosa. A esse conjunto chamamos aqui, num sentido lato, ideologia, ou seja, sistema de ideias com que se interpretam o mundo, a vida, a história, a realidade atual.

Além de exprimir certa teoria, a ideologia se estende também a hábitos e costumes, ou seja, à nossa prática social, como encaramos o trabalho, a família, a arte, a política, a economia, a religião. Não existe prática neutra, sempre será ideológica. Sempre estaremos influenciados pelo legado histórico da própria formação pessoal, como também pela massa dos que detêm o poder e o capital, esertíssimos agentes de dominação no parlamento, na escola, na mídia.

Ultimamente, o painel ideológico ficou escancarado com o terror da pandemia e com a loucura da guerra.

Pela primeira razão, desencadeou-se um processo de auto-preservação da nossa própria existência, que afeta diretamente

a interação com o outro. Mais que isso, a nação se dividiu, entre os que não se preocupam com o atual estado do mundo e querem tudo presencial de novo, refratários a qualquer controle, sem máscara, sem distanciamento físico, sem vacina obrigatória, e aqueles contrários a essa posição negacionista anticientífica, que se mantêm cuidadosos contra a contaminação e a propagação do vírus.

Com a invasão militar da Ucrânia pela Rússia, as posições ideológicas também emergiram, no mundo, embora menos claras no Brasil.

De um lado, a Rússia, arrastada por Putin ao horror da guerra, que se reproduz, ininterruptamente, pelas telas do mundo e põe a humanidade toda à beira de um abismo, na total incerteza do amanhã. Sabe-se como o conflito começou, mas como e quando acabará?

Do outro lado, talvez ainda mais inquietantes, as motivações, delirantes, apresentadas por Putin para justificar a invasão, começando pela incrível acusação de que a Ucrânia havia atacado primeiro; depois, que o governo ucraniano é nazista e praticou genocídio contra a etnia russa de Donbass e, por fim, a possibilidade de o país fazer parte da Otan e da União Europeia.⁵

Na voragem desse drama de bombas e ideologias, as duas nações irmãs de forte ligação histórica, na cultura e no idioma, choram seus mortos.

⁵ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/eventos/78-noticias/616413-direito-internacional-e-falsos-mitos-artigo-de-domenico-gallo>. Acesso em: 30 maio 2022.

Mas alinhavemos, agora, alguns exemplos de linguagem ideológica, enraizadas no terreno nacional, para ilustrar o seu conceito e a sua prática.

Antes de mais nada, fique claro que o próprio Estado se vale da ideologia para manter e desenvolver o Governo. Melhor dizendo, vale-se de ramais ideológicos, como liberalismo, capitalismo, conservadorismo e nacionalismo e, nessa mixórdia de oportunismos, prevalece o instrumento-chefe, a propaganda, a explícita e a subliminar, tudo de par com a ditadura do consumismo, que nos manipula, com o rolo compressor da publicidade.

Dentre as ideologias discriminatórias que medram vigorosas, pelo País, algumas são, de nome e de prática, velhas conhecidas, como o racismo e o machismo. O racismo, não só contra negros e pardos. Vigê também com relação às populações indígenas, julgadas por muitos como preguiçosas, incultas, alienadas. Uma inexpressiva subpopulação nacional.

Nesse contexto, precisa ser eliminada, por exemplo, a exaltação do monolinguismo brasileiro, como se todos aqui falassem só o português, quando há 274 línguas indígenas no País, segundo o IBGE⁶ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

De machismo não faltam casos cotidianos criminosos. Atesta-o a própria linguagem popular habitual, pois, frequentemente, a primeira agressão chega em forma de palavras e expressões: “histérica”, “bruxa”, “se você me deixar, me mato”, “mulher

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 maio 2022.

tem o direito de esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque”... e a inacreditável afronta proferida contra mulheres ucranianas, pelo deputado Arthur do Val, em recente viagem à Europa. Com o discurso de ajudar o lado atacado pela Rússia, saiu de lá classificando-as como “fáceis, porque pobres”.

Outras pragas ideológicas grassam por aqui, como a homofobia, a misoginia e o fundamentalismo religioso. Seria um longo discurso comentá-las. Elas infeccionam a nação. Todas nos envergonham. Mas, no momento atual, me parece necessário lembrar também o sectarismo político e o secularismo radical. Ambos corroem, insidiosamente, o espírito democrático e a abertura ao diálogo.

Não se esqueça, nessa pauta, a ideologia de classe, cujo ponto nevrálgico nacional se manifesta na questão da propriedade particular: o uso não autorizado da propriedade alheia constitui sempre invasão ou ocupação? A luta pela terra e pelo teto balança sempre entre esses dois termos, à escolha da classe dominante e da classe oprimida.

Algo similar pode acontecer no espaço das famílias, com a pessoa que ajuda nos afazeres domésticos, a tradicional empregada. Mesmo em caso de respeitosamente contratada e tratada, seria conveniente não a chamar de doméstica. Pode sugerir a ideologia da dominação. Ela estaria como que domesticada.

Por último, não se pode deixar de mencionar, entre nós, recente tendência comunicativa de raiz ideológica, expressa pelo uso diferente do termo narrativa. Tradicionalmente, narrativa é narração, o gênero literário com que se expõe um fato, real ou imaginário, pela palavra oral e escrita.

De uns tempos para cá, porém, narrativa vem sendo usada como uma forma de expressão voltada a reforçar o posicionamento de determinados valores e princípios pessoais ou grupais. Deixa de ser narração de um fato e passa a ser uma versão do fato. Veja-se este exemplo de uns anos atrás, em certo jornal:

“A versão do golpe tem ganhado visibilidade internacional com o périplo de Dilma Rousseff, que tem viajado pelo mundo com o objetivo de sedimentar a narrativa”.

Outro exemplo bem atual vejo na declaração do Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Edson Fachin, advertindo o País ameaçado de distúrbios na próxima eleição: “Não vamos aguçar o circo de narrativas conspiratórias. Nosso objetivo é garantir que os resultados do pleito eleitoral correspondam à vontade legítima dos eleitores”.

Para avaliar a que trágica barbárie levam as ideologias, transcrevo, a seguir, a reflexão do cientista político e escritor carioca Cesar Benjamim, sobre uma ideologia que desgraçou o mundo e ainda fascina espíritos cegos e sombrios.

Linguagem nazista

Um dos aspectos mais impressionantes do livro “LTI: a linguagem do Terceiro Reich”, de Victor Klemperer, que a Contraponto publicou, é nos permitir conhecer o discurso nazista, tal como ele se desenvolveu do início do movimento até o fim da Segunda Guerra Mundial. Klemperer foi um professor de filologia que

permaneceu na Alemanha observando atentamente o uso das palavras pelo nazismo desde a década de 1920 até 1945. A tese central que defende é a de que o nazismo se consolidou quando passou a dominar a maneira como as pessoas falavam, incluindo os seus opositores.

É um livro que alterou minha percepção do mundo. Quantos sabem que, no discurso, o nazismo falava em democracia e liberdade? Quantos sabem que a agressão era sempre dos outros, e os nazistas somente protegiam os valores do seu povo? Quantos sabem que o perímetro defendido pelo Exército alemão durante a guerra era chamado “fortaleza da Europa”, área em que a civilização ocidental estava sendo protegida do ataque das “hordas asiáticas” (russos) e dos “agentes judeus” (americanos e ingleses)? Quantos já viram imagens de um Hitler bondoso, vegetariano, amigo das crianças e dos animais?

Difícilmente um alemão que vivia dentro desse espaço poderia construir uma visão de mundo que contrastasse um discurso tão esmagadoramente dominante.

Penso nisso quando olho para nós, que vivemos na área americana do mundo, também uma espécie de “fortaleza” guardada pelas agências de notícias controladas pelo Departamento de Estado.

Quantos pararam para pensar que, em plena pandemia, os Estados Unidos apertaram ainda mais as dramáticas sanções contra o Irã, impedindo o país – um

dos mais atingidos – de comprar remédios e equipamentos? Quando se deram conta de que os Estados Unidos bloquearam mais fortemente o fornecimento de gás de cozinha para Cuba? Que impediram que o FMI destinasse apenas US\$ 5 bilhões para a Venezuela combater o vírus em seu território? Quantos se dão conta de que asfixiar financeiramente a Organização Mundial da Saúde, neste momento, é um crime contra a humanidade? Quanto reconhecem como pirataria captura de cargas compradas por terceiros países?

Pouquíssimos. Assim como os alemães sob o nazismo, nós também vivemos esmagados por um mesmo discurso dominante, em que agressão é defesa, mal é bem, e todo ataque – mesmo o mais sórdido – se justifica, porque estamos sempre nos defendendo.

É hora de ler e reler “LTI: a linguagem do Terceiro Reich”. Para que possamos pensar de forma mais livre. (BENJAMIN, 2020).

Linguagem digital

É flagrante o potencial interativo e dinâmico do uso de novas tecnologias. Elas se impõem em ritmo surpreendente, difícil de ser acompanhado até mesmo por causa da dinamicidade da sua linguagem, tão diferente da analógica, tradicional.

Por essa razão, vêm, a seguir, as oportunas considerações sobre a linguagem digital, apresentadas, a meu pedido, pelo Professor Doutor Leo Victorino da Silva, Coordenador do Ensino Médio do Colégio Dom e Coordenador de Cursos a Distância da Universidade de Sorocaba.

Palavra e Tecnologia

Pensar na palavra nos tempos em que as Tecnologias da Informação e Comunicação, sobretudo as digitais, prevalecem na sociedade como mediadoras do processo de comunicação requer uma atenção especial.

A começar pela ideia do digital, as palavras são armazenadas em sistemas lógicos. Originária do *digitus*, palavra latina para dedo, em alusão aos dedos que eram utilizados para contar, o termo digital é empregado na tecnologia para representar

dados que utilizam valores discretos, ou descontínuos, diferentemente dos analógicos.

O termo ganhou bastante popularidade na computação e eletrônica, onde a informação real é convertida na forma numérica binária (0 ou 1). Com isso, as palavras são convertidas pelos sistemas computacionais em sequências de zeros e uns, que são novamente convertidas em textos.

Além disso, compreender que a palavra de hoje ganhou espaços, tempos e sentidos diversos é o primeiro passo para iniciar qualquer discussão sobre esse tema. Ela é escrita, publicada, lida e interpretada, armazenada, compilada, abreviada e criada, à luz das possibilidades tecnológicas contemporâneas.

Desde que a palavra passou a ser registrada pelo homem, ela se transformou em elemento atemporal, embora hoje tenha traços de perpetuidade e de volatilidade que se contradizem e que explicam seus impactos sociais.

Apoiada na história e evolução da internet, a relação do ser humano com a palavra e com o que tem dito e lido vem mudando drasticamente.

A começar pelo principal serviço da internet, a *web*, um serviço que possibilita o tráfego de documentos na rede mundial de computadores. Ela se baseia em um protocolo de comunicação que manipula o que chamamos de hipertexto, que merece uma breve discussão.

Tendo a compreensão do significado de um texto, como um conjunto de palavras e frases articuladas, podemos perguntar: em que se difere um hipertexto? Um hipertexto é um texto estruturado, em ambiente digital, em que predomina

a existência de ligações lógicas (*links*) com outros textos. O conceito de hipertexto foi proposto por Theodor Holm Nelson, em 1960, embora tenha ganhado destaque só no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, com a popularização da *web*.

No início de 1990, a característica básica do funcionamento da *web* permitia que os usuários consumissem conteúdos criados ou selecionados pelos proprietários dos grandes portais existentes à época. A esse período, damos o nome de *Web 1.0*, em uma transição dos conteúdos que antes eram publicados em mídias impressas, como jornais e revistas, ou apresentadas em mídias audiovisuais, como a televisão.

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a *Web 2.0* representou uma ruptura no que se refere à existência e ao alcance da palavra: o surgimento de *sites* e serviços na *web*, como os *blogs* (contração dos termos em inglês *web* e *log*), um diário da rede, em que usuários comuns poderiam publicar conteúdos livremente, em ambiente de alcance global.

Esses serviços evoluíram para as redes sociais predominantes entre os usuários da internet até os dias atuais. “Postar conteúdos” passou a ser comum nesses ambientes virtuais, cada qual com suas especificidades (palavras, imagens, áudios, vídeos etc.).

Esse fato deve ser criteriosamente analisado. Na perspectiva da escrita, por um lado, existe o empoderamento das pessoas em tornar suas ideias públicas e com grande alcance. Por outro lado, o despreparo das pessoas para refletir sobre o que se escreve e a despreocupação com os impactos das próprias opiniões sobre a percepção do outro merecem atenção.

Na perspectiva da leitura, podemos identificar o acesso a conteúdos pluriculturais, de forma muito positiva, mas também a um universo de informações falsas ou sem qualquer embasamento. Isso pode resultar no cenário em que “pessoas que não sabem ler leem textos escritos por pessoas que não sabem escrever” – e isso não diz respeito à alfabetização.

Note-se também que o excesso de informação desordenada coloca em cheque as conexões propostas pelas palavras, que agem como *links* (ligações) aos outros textos que caracterizam a web.

Por esse motivo, finalizando o impacto da evolução da internet, temos a *Web 3.0*, ou *web* semântica, que atribui à infinidade de palavras registradas a função de auxiliar a navegação e a procura de informações pelos usuários. Exemplo disso é a função em sistemas de busca que sugerem correções das palavras escritas pelos usuários ou sugerem outros termos mais usuais. Outro esforço é para que homem e máquina falem a mesma linguagem, aperfeiçoando a experiência do usuário, por meio da interatividade.

Um fato preocupante desse avanço tecnológico é a capacidade de a máquina simular a ação humana através da produção de conteúdo, sobretudo textos sem fundamentação ou intencionalmente compostos por notícias falsas, também conhecidos por *fake news*, potencializados por algoritmos de propagação nas diversas plataformas digitais.

Ainda sobre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs e a influência na propagação das palavras, temos as transformações dos dispositivos físicos que suportam as aplicações lógicas. Acompanhando e possibilitando o uso da internet de diferentes formas, os computadores passaram

por um processo de miniaturização de seus componentes, integrando-se a outros produtos, ainda que expandindo sua capacidade.

A exemplo disso, temos os smartphones, junção da telefonia móvel aos recursos lógicos digitais dos computadores que, aliados à possibilidade da conexão sem fio, tornaram o processo de comunicação mais ágil, mais intenso e mais recorrente.

Do ponto de vista cultural, essa facilidade comunicacional leva as pessoas ao hábito de se comunicarem ainda que não exista necessariamente uma clareza sobre o porquê de se comunicar. Consequentemente, daí resulta uma comunicação rasa ou supérflua.

Não distante disso, não podemos ignorar parcela significativa da população que carece de acesso às TDICs ou aos serviços que possibilitam seu uso pleno, ou aquelas que mesmo em posse dessas tecnologias, ainda não são capazes de dar um valor positivo a essa prática. São pessoas incapazes de utilizar as tecnologias como ferramentas para ascensão pessoal ou social.

Essas pessoas vivem em um abismo digital entre as possibilidades que as tecnologias podem oferecer e o quão pouco a sociedade se desenvolve para ser agente das mudanças, pelas quais as próprias tecnologias passam.

Por fim, as palavras, em tempos de tecnologia, ganham possibilidades e limitações, de acordo com o teor do que é produzido, com o meio em que são registradas e com o tempo e com o contexto em que são publicadas.

Leo Victorino da Silva

Discurso de paraninfo realizado na Universidade de Sorocaba em 22 de fevereiro de 1991

Meus caros afilhados

Para não ofuscar o brilho desta sessão solene nem amortecer as emoções desta noite, quero ser breve e incisivo. Breve, agradecendo a honra que me deram de ser o seu paraninfo. Incisivo, lembrando-lhes, entre muitas possíveis mensagens de autorrealização e êxito profissional, uma que sempre reputei das mais dignas e eficazes.

Quero exprimi-la ingênua e liricamente, valendo-me de um dos mais lindos poemas de Camões. São apenas quatorze versos construídos para cantar quatorze anos de um serviço de amor, por causa de um grande amor:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
Que a ela só por prêmio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la.

Porém, o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel, lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Assim lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete anos,
Dizendo: – Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!



Luiz Vaz de Camões

Fonte: Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=116>. Acesso em: 30 maio 2022.

Meus amigos

É sempre muito curta a vida para quem vive um ideal maior. No caso de Jacó, sete anos de pastor ele serviu não ao amo, Labão, mas à amada, Raquel, “que a ela só por prêmio pretendia”. E depois, vendo que o senhor, “em lugar de Raquel lhe deu a Lia”, começou a servir outros sete anos, para merecer, afinal, a sua eleita. Foram, pois, quatorze anos de preparação, na esperança da tão sonhada recompensa.

O paralelo com vocês, meus caros afilhados, é perfeito. Vocês também somaram quatorze anos – oito do primeiro grau, três do segundo, mais três na Faculdade – “na esperança de um só dia”, na busca desta hora inesquecível.

Mas, tanto na caminhada de amor do amante bíblico, como na longa jornada que hoje se inicia para todos vocês, o segredo do êxito encontra-se numa palavra cinco vezes repetida naquele soneto clássico: o verbo servir.

Poucas palavras abrigam tanta densidade humana como essa. Etimologicamente, servir vem de servo, o que daria a entender que servir é o mesmo que ser escravo. Indo, porém, às últimas raízes do termo, chega-se até o sânscrito e dali brota a plena luz desse vocábulo tão gasto e tão chão. Na verdade, nos livros sagrados da Índia, servo significa o guarda das ovelhas, o pastor do rebanho, aquilo, afinal, que o pastor Jacó fez por muitos anos e o que cada um de nós realiza, sempre que está às voltas com algo precioso. Eu tomo conta daquilo que eu prezo. Desse valor eu sou servo. Isso eu observo, conservo e preservo.

Servir, portanto, é assumir compromisso com alguém ou com um grupo social. Servir é concretizar a necessária e fecunda intersubjetividade humana. Sem ela, não haverá justiça nem amor. Só com ela acontecerá a revolução social e política de que andamos precisando.

Situa-se, justamente, no servir a nobre e imprescindível missão do professor. Mais que dar aula, seu trabalho constitui serviço público de amor à palavra, às ciências e às artes. Serve ele à sociedade, na medida em que, não apenas dá conta de tesouros culturais ameaçados de geração a geração, mas sobretudo enquanto incentiva e municia o aluno na permanente tarefa de percepção e transformação da realidade.

Se Heidegger definiu o filósofo como o pastor do ser, sem sombra de dúvida o professor é o pastor do saber. Não é que só ele o possua ou que saiba tudo.

Mas é alguém que vive a serviço do saber. É professor porque lhe cabe professar conhecimentos, ou seja, manifestá-los sem avareza nem arrogância. Servo da verdade, sem servidão aos poderosos do dia nem servilismo aos ídolos do momento.

Se é pela palavra que a sociedade humana se forma e se desenvolve, incumbe ao professor o ministério fundamental de mantê-la viva e florescente, mediante a leitura crítica e criativa de todas as páginas da História, da Geografia, das Letras e das Ciências.

Meus caros licenciados desta noite, por certo nem todos vocês serão professores, no sentido estrito de profissionais do ensino público ou privado. A Faculdade que, um dia, os recebeu tão diferentes não poderia agora devolvê-los iguais à sociedade.

Algo, no entanto, eu vislumbro e destaco na frente hoje laureada de todos vocês e, por que não? no fundo do coração de cada um. É a vontade de vencer, o sonho de ser feliz, com garra e dignidade.

Daí porque, sem pretensões de profeta nem a presunção de onisciente, quero concluir abraçando cada um de vocês na certeza de que todos serão homens e mulheres de nível superior, não apenas pela escolaridade privilegiada que tiveram, mas, sobretudo, pela responsabilidade social que assimilaram. Gente inconformada com esse Brasil de planos irrealizados e pacotes escorchantes de medidas provisórias sem mais fim. Cidadãos possuídos pela paixão de servir onde quer que estejam. Gente, tão comprometida com essa paixão bendita, que sempre “mais servira, se não fora para tão longo amor tão curta a vida”.

Sorocaba, 22 de fevereiro de 1991.

Aldo Vannucchi

7

A PALAVRA RELIGIOSA

“A ciência sem a religião é manca, a religião sem a ciência é cega”.

Albert Einstein

“No princípio era a Palavra” e essa palavra divina floresceu e frutificou dentro do nosso vocabulário nacional, com um sem-número de palavras e expressões religiosas, algumas claras como o sol; outras esmaecidas pelo uso; todas de conteúdo desafiante.

Religião é como o céu. Você nem pensa nele e ele nos cobre soberano e intocável. Não precisa ser religioso, pode ser mesmo ateu, e qualquer brasileiro, vez ou outra, deixa escapar um termo religioso. Agitado ou em paz, seu dia a dia repete não sei quantos “graças a Deus” e o esperançoso “se Deus quiser”, sem omitir o piedoso “adeus”, em suas despedidas. Nesse falar cotidiano inflado de religiosidade, quase automaticamente, insinua-se a imagem protetora de uma presença divina amiga.

A própria palavra religião contém esse liame entre humanidade e divindade. Segundo Cícero, religião vem do verbo latino *relegere*, *re* - de novo, e *legere*, ler, porque a religião é algo que se repete, se relê, como muito importante; segundo Santo Agostinho, vem de *religere*, de *reeligere*, porque a religião lembra o supremo bem, que deve ser reeleito, quando dele nos afastamos; segundo Lactânncio, vem de *religare*, porque a religião liga moralmente os homens com Deus.

Pelo visto, os entendidos se dividem, mas os três realçam o vínculo com Deus. É o que acontece até mesmo quando o vínculo se reduz a simples referência, no caso de mera religiosidade, sem nenhum lastro teológico, algo muito tênue, certo sentimento do infinito, ou ainda aquela prática religiosa cristalizada em símbolos, ritos, tradições, sem ligação oficial com qualquer Igreja.

Comprovam-no alguns ditos reproduzidos à farta pelo País, como Hospital Samaritano (alusão à parábola evangélica), quaresmeira (referência a um tempo litúrgico) e nossa! (interjeição redutiva de Nossa Senhora!).

De todo modo, o fenômeno religioso, pela sua presença em todos os tempos e em todos os espaços, sempre mereceu alguma justificativa teórica, pela Fé – adesão ao que é o foco da esfera religiosa, Deus; pela História, mediante algum evento histórico particular (revelação bíblica, cristã, islâmica) ou ainda pela Filosofia, por argumentação racional. Por esse último critério, vejamos a seguir o possível nexos entre:

Os Filósofos e a Religião

Todo empreendimento filosófico tem um ponto de partida. Vamos, por isso, partir da experiência religiosa para filosofar ou, no mínimo, para sentir como a religião foi avaliada pelos filósofos aqui selecionados.

Visão negativa da Religião

Muitos filósofos procuram mostrar a religião como algo privado de qualquer fundamento objetivo, pura criação do ser humano, devida à própria insustentabilidade, à ignorância, ao medo.

Lucrecio

É um poeta e filósofo romano, contemporâneo de Cícero.

Seu único trabalho conhecido é o poema filosófico *De rerum natura* (Da natureza das coisas), obra didática que propõe o ateísmo, à luz da filosofia de Epicuro.

Para Lucrecio, o mundo é guiado pela fortuna, sem nenhuma interferência divina nas coisas humanas. Baseado no epicurismo, ele visava libertar os homens do medo dos deuses e do medo da morte.

Feuerbach

Filósofo alemão ateu. Iniciou a vida acadêmica estudando teologia, mas passou depois para a filosofia.

Para ele, Deus é a objetivação da consciência humana, criada a partir do sentimento de dependência que o homem possui da natureza. O homem não é criado por Deus. Deus é que é produzido pelo homem, carente de segurança perante as forças da natureza.

Na verdade, ele não suprime a religião, mas lhe dá objetivo diferente, a saber, a divinização do homem. Para ele, “o fundamento da verdadeira filosofia não é pôr o finito no Infinito, mas o Infinito no finito”.

Deus é uma imagem da fantasia humana, formada desde os tempos primitivos. As representações de Deus como ser único todo poderoso constituem a base das formas modernas da religião.

Marx

Para Marx “A religião é o gemido da criatura oprimida, a alma de um mundo sem alma... A religião é ópio para o povo. A supressão da religião... é o pressuposto da sua verdadeira felicidade”. Ele vê a religião como um reflexo da impotência humana, perante as forças ameaçadoras e incompreendidas da natureza. Na sociedade de classes, ela sobrevive pelo desamparo das pessoas, com a exploração das massas.

Como fenômeno socialmente condicionado e, por isso, transitório, a religião é uma superestrutura a ser superada quando todos tiverem direitos iguais, sem as pressões da propriedade particular e do dinheiro.

Marx profetizou que todo o conjunto das necessidades vitais do homem serão atendidas num “reino de liberdade”, num regime comunitário supremo, um reino de Deus sem Deus.

Comte

“Quem de nós, contemplando a própria história, não se recorda que foi, sucessivamente, teólogo na infância, filósofo na juventude e físico na idade adulta?”

Como produtos da evolução da matéria, segundo Comte, a História passa por três fases: a teológica ou fictícia; a metafísica ou abstrata e a científica ou positiva. Agora, na fase científica, conseguimos a explicação racional de tudo, por meio das leis da natureza, sem precisar de Deus.

Para Comte, o grande Ser, o único Deus a ser cultuado, é a Humanidade. Por isso propõe tudo “*reorganiser sans Dieu ni roi, par le culte systematique de l’humanité*”.

Esse positivismo rígido definhou na velhice de Comte. Ele chegou a procurar jesuítas na França, para estudar alguma aliança com o catolicismo.

No Brasil, no final do Império e nas primeiras décadas da República Velha, o positivismo fez história. Ganhou adeptos

ilustres da classe média urbana e surgiram templos da religião da Humanidade, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro.

Essa influência marcou até o desenho da bandeira nacional, com seu dístico inspirado na norma fundamental de Comte “amor por princípio, ordem por base, progresso por fim”. Daí, como se fôssemos por ele autorizados, exaltamos “Ordem e Progresso” e ficamos sem amor!

Nietzsche

Nietzsche, criança, queria ser pastor, como o pai. Na juventude, cursava teologia na universidade, mas logo mudou para filologia.

Sua formação religiosa de visão pessimista concentrava-o na total corrupção da natureza humana, incapaz de qualquer obra de valor para a salvação. Ele afirma a incompatibilidade entre a vida e Deus, entre Deus e a liberdade, entre o cristianismo, religião do rebanho e dos fracos, e o espírito aristocrático dos fortes: “ultrapassamos o cristianismo, não porque estejamos muito distantes, mas porque vivíamos muito perto dele”.

“O cristianismo é uma hipocondria romântica para os que não estão firmes sobre os próprios pés”.

Pelo seu dogma “Deus está morto”, acabou a religião, o mundo se torna puramente humano, “demasiado humano”, e o homem a medida de todas as coisas.

Nietzsche é crítico ferrenho da religião, não no plano filológico, mas a partir de uma análise da história das religiões,

retratando-as como um tecido de ilusões e mentiras. Ele conduziu o ateísmo às últimas consequências: “O ateísmo é um empreendimento cruel e de longo fôlego; creio tê-lo levado até o fim”.

Freud

Para Freud, fora do mundo e do ser humano não há outro ser. Portanto, a religião não tem fundamento objetivo. O que resta é a “ilusão religiosa”.

Freud aponta fatores, desde a infância, que culminam na criação de Deus e da religião, como meio de se esconder dos perigos e se proteger numa ilusão, que se desvanecerá no processo de crescimento da pessoa.

Ele acusa a religião de quatro males: mantém as pessoas na imaturidade, significa o rigoroso domínio de nossos sonhos e desejos, impõe um sistema ideológico que não acompanha o progresso da ciência e acrescenta: pessoas religiosas imaginam coisas divinas, para não se posicionarem no mundo real.

Visão positiva da Religião

Inúmeros filósofos se declararam respeitosos em face da religião, considerando-a expressão digna e genuína do espírito humano.

Em termos precisos, o caminho do filósofo até Deus não é o religioso, mas o metafísico. Só se desenha por um longo peregrinar do reino do finito, em meio aos entes deste mundo, até o absoluto divino.

Sócrates

Foi condenado à morte por não adorar os deuses que a cidade adorava, mas não era ímpio queria um culto verdadeiro. E assim se defendeu:

“Não tenho tido tempo de fazer nada apreciável, nem nos negócios públicos, nem nos privados, mas encontro-me em extrema pobreza, por causa do serviço de deus. Em verdade, creio que existem deuses e não sou de todo ateu, nem sou culpado de tal erro, mas não são os da cidade e sim outros, e disso exatamente me acusas, dizendo que eu creio em outros deuses”.

Platão

Para ele o criador do mundo, o demiurgo, é o Deus supremo e o verdadeiro tesouro dos homens está na ênfase dos valores espirituais, como o bem, a justiça e a piedade. Esses valores copiam a perfeição divina.

A ideia do Bem é o centro da religião platônica.

Aristóteles

Opondo-se ao idealismo platônico, Aristóteles, com visão realista, parte do movimento do mundo (tudo que se move é movido por outro) para chegar ao primeiro motor de tudo, Deus, ato puro, imóvel.

Esse conceito de Deus, embora ainda apareça abstrato, frio, bem distante dos interesses humanos, supera, claramente, as representações da mitologia do seu tempo, mas nada tem a ver com fé.

Apesar dessa concepção filosófica da divindade, Aristóteles admite a religião mítica popular, como força de controle moral.

Descartes

Para Descartes, de formação religiosa cristã, a base do conhecimento é o “penso, logo existo” e Deus, o garantidor necessário da verdade, pois evita que nos engane o demônio enganador.

Ele defende a existência de Deus pela ideia de perfeição, ideia humana inata. Essa ideia, porém, não vem do nada e nem tampouco pode vir de um ser imperfeito. Só pode ter sido posta na razão por um ser perfeito, Deus. E qual seria a causa dessa nossa ideia de perfeição? Não pode vir de nós mesmos, seres imperfeitos e finitos. Só uma causa infinita, Deus, pode explicar a nossa ideia do infinito: “A primeira e a principal

[das ideias inatas] é que há um Deus de quem todas as coisas dependem, cujas perfeições são infinitas, cujo poder é imenso, cujos decretos são infalíveis”.

Kant

Ele vê a religião a partir da moral, da razão prática, porque o homem, além de racional, como ser também emocional e moral, procura agir bem e ser feliz. Deus existe, diz o filósofo alemão, porque sem Deus a virtude humana, a prática do bem, não conseguiria ser definitivamente feliz.

Existe em nós uma lei moral, atestada pela experiência interna como um imperativo categórico. Por força dessa lei, compreendida como mandamento divino, surge a Religião da razão, religião natural e não revelada.

Ele, assim, sintetizou fé religiosa e autonomia humana.

Hegel

De início, estudou teologia para se fazer pastor, mas acabou se tornando professor de filosofia e o maior representante do idealismo alemão. Segundo Hegel, “o objeto da religião, assim como da filosofia, é a verdade eterna, Deus e nada mais que Deus e a explicação de Deus”.

“A religião se aproxima da filosofia, por se dar como objeto, não o terreno, nem o mundano, mas o infinito”.

Kierkegaard

Embora se distanciasse da Igreja oficial do seu país, a luterana, dominada pelo sentimento de culpa e pecado, ele declara: “Eu fui e sou um autor religioso e toda a minha obra se refere ao cristianismo”.

Em sua vida, a reflexão sobre Deus ocupa lugar marcante. Acha ridículo querer provar a existência de Deus, dada a diferença infinita entre a natureza divina e a humana. “É a maior falta de respeito provar a existência de alguém, que está presente”.

Para esse filósofo dinamarquês os mistérios do cristianismo não devem ser explicados pela razão: exigem o “salto para a fé”.

Bergson

Trava-se em nós uma luta entre duas forças contrárias, segundo Bergson: o mecanicismo da matéria e o *élan* vital, que não pode ser reduzido a uma explicação mecânica. A inércia da matéria resiste ao impulso vital, mas pela intuição, fonte específica do conhecimento profundo, entramos em contato com as atividades criativas da arte, da filosofia, da moral e da religião.

Ele distingue a religião estática, produzida pela pressão social da religião e a religião dinâmica, gerada pelo amor criativo de Deus e dos homens.

Bergson era de ascendência judaica, mas, nos últimos anos de vida, aproximou-se do catolicismo, que ele acreditava complementar o judaísmo.

Blondel

Este filósofo francês, sintetizando as duas grandes correntes, augustiniana e tomista, do pensamento cristão, ressalta: “não me fiz a mim mesmo, não posso alcançar o que quero, sou obrigado a superar-me... esse impulso para o infinito, que dilata constantemente a minha ação, é Deus”.

Para ele, pois, o ser humano chega até o absoluto divino, impulsionado pela experiência dolorosa da insuficiência de tudo o que se lhe oferece fora dele.

Assim, reconhecendo suas inquietudes metafísicas e renunciando a uma suficiência predominante, apela para um complemento sobrenatural e prepara os caminhos a uma religião positiva.

Buber

Filósofo-teólogo austríaco, naturalizado israelense, nascido no seio de uma família judaica religiosa.

Desenvolveu o conceito de relação, acentuando aquilo que acontece de essencial entre os seres humanos e entre cada ser

humano e Deus. Por outras palavras, uma relação puramente objetiva, de objeto para objeto, entre uma pessoa e outra é uma relação infra-humana.

A relação realmente humana é a relação de um eu com um tu, assim como a relação com Deus, no sentido superior, não é com um princípio, uma ideia, mas com uma pessoa divina.

Assim ele termina seu livro “Eu e Tu”:

“A existência da mutualidade entre Deus e o homem é indemonstrável, do mesmo modo que é indemonstrável a existência de Deus. Porém, aquele que tenta falar dele dá seu testemunho e invoca o testemunho daquele a quem ele fala, seja um testemunho presente ou futuro”.

Jaspers

Filósofo alemão, um dos fundadores do existencialismo. Não professou nenhuma fé confessional, mas viu na Filosofia e na profunda religiosidade de sua esposa judia o que ele chamava de “crença filosófica”.

Para ele, Deus é a premissa filosófica de todas as indagações humanas.

“Tudo foi criado por Deus, tirado por ele do nada, e tudo se encontra em suas mãos. Quando tudo está perdido, apenas fica isso: Deus existe. Quando, vivendo no mundo, nos

esforçamos no sentido do bem, julgando-nos conduzidos por Deus, e topamos finalmente com o malogro, só resta esta realidade sem medida: Deus existe”.

Gabriel Marcel

Filósofo francês existencialista, que preferia designar seu pensamento como neo-socrático ou socrático cristão.

Ele vê o ser humano como ser encarnado, itinerante, *homo viator*, movido pela esperança, em atitude de adoração a Deus, que não é um objeto, mas uma presença absoluta.

Aos 40 anos, converteu-se ao catolicismo, fato que celebrou com “nenhuma exaltação, mas com um sentimento de paz, de equilíbrio, de esperança, de fé”.

“Eu sou mais quanto mais Deus é para mim. A crença em Deus é um modo de ser, e não opinião sobre a existência de uma pessoa”.

Palavras religiosas consagradas

“Diferentemente de Freud, não afirmo que a religião é somente uma ilusão e uma fonte de neuroses. Chegou o tempo de reconhecermos, sem medo de assustar pessoas de fé ou agnósticos, que a história do cristianismo preparou o mundo para o humanismo”

Júlia Kristeva

Todas as religiões têm seu vocabulário. Consequentemente, é incalculável o número de palavras religiosas presentes no vocabulário dos idiomas do planeta. Vamos aduzir aqui apenas alguns termos exemplares de três das religiões mais presentes na atualidade, destacando-lhes os traços característicos, nas suas respectivas doutrinas e atividades.

Palavras cristãs

Dentro dos objetivos deste livro, o início do Evangelho de João, “No princípio era o *Verbo*”, ganha prioridade indiscutível. Tudo começou pela Palavra, em grego, *logos*, em latim, *verbum*, que se revestiu da acepção particularíssima do *Logos* que se encarna em Jesus Cristo, que nos fala. Por isso, a linguagem comum deixou verbo como algo que conceitua ação, processo ou estado e preferiu palavra, decorrente de *parábola*, divulgada, universalmente, pelos Evangelhos.

O evangelista apresenta Jesus Cristo como a Palavra encarnada de Deus. A *encarnação*, assim, designa o mistério de Deus que se fez homem. Para coroar a missão de Jesus opera-se a sua *ressurreição*, ponto central da fé cristã.

Como se sabe, dentro do mundo cristão católico, também se venera, carinhosamente, a mãe de Jesus, saudando-a com muitos títulos. Um deles cabe aqui, de modo particular – Nossa Senhora Desatadora dos nós.



Nossa Senhora desatadora dos Nós

Fonte: Johann Schmidtner. 1700. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_Desatadora_dos_N%C3%B3s.
Acesso em: 31 maio 2022.

Essa devoção nasceu na Alemanha, em 1700, como Maria Knotenlöserin (do alemão *knot* – nó; *e löser* - desatar). Na época, o capelão da igreja de St. Peter, Am Perlach, em Augsburg, encomendou ao pintor Johann Schmittndner um quadro de Nossa Senhora. Para compô-lo, o artista se inspirou nos dizeres de Santo Irineu, Bispo de Lyon, no Século III: “Eva atou o nó da desgraça para o gênero humano; Maria por sua obediência o desatou”.

Maria é representada entre o céu e a terra, recebendo de um anjo uma faixa, com nós, grandes e pequenos, separados e juntos. Esses nós simbolizam os pecados. Na parte inferior do quadro, a faixa cai livremente e um nó está desatado. Assim, Nossa Senhora Desatadora dos Nós é invocada como aquela que nos ajuda a tirar nossos males e aflições.

Logo o quadro se tornou famoso na cidade alemã, ganhando cópia depois, mundo afora, e chegou até Buenos Aires, para onde foi levada pelo bispo Dom Jorge Bergoglio, hoje Papa Francisco.

Com um sentido análogo, deve-se também mencionar aqui o livro budista tibetano que se intitula “Livro do desenrolamento dos nós”.

Palavras islamitas

A segunda religião mais importante do planeta, o Islamismo, tem como livro sagrado o *Alcorão* (ou *Corão*), escrito por Maomé, considerado pelos muçulmanos o último profeta de *Alá*.

A Lei Sagrada do Islamismo é chamada de *Sharia*, a estrada pela qual os islamitas devem trilhar. Duas obrigações hão de ser cumpridas: *Zakat*, contribuição anual oferecida aos necessitados, e *Ramadã*, jejum diário durante um mês.

Palavras hinduístas

O hinduísmo, religião da maioria dos povos da Índia, é resultante de uma evolução secular do vedismo (fidelidade aos Vedas) e do bramanismo (fidelidade aos Upanixades).

Hinduístas cultuam inúmeras divindades, mas a trindade: *Brahma* (Criador do universo), *Shiva* (Deus Supremo) e *Vishnu* (responsável pelo equilíbrio do universo) é a mais popular.

Na prática, o hinduísta precisa seguir três caminhos: o da ação (observar a lei moral, *Darma*), o do conhecimento (libertar-se da ignorância) e o da devoção (cumprir os ritos).

Palavras criptorreligiosas

Muitos vocábulos circulam com a maior naturalidade no mundo moderno, como se fossem de conteúdo neutro, sem nenhuma conexão religiosa e, na verdade, carregam, dissimuladamente, uma série de resquícios culturais mortos.

É interessante, quase divertido, surpreender algumas dessas palavras escondidamente religiosas. Hoje pouca gente capta sua origem religiosa.

Da Antiguidade Clássica recebemos inúmeras palavras desse tipo. Vamos destacar algumas apenas.

Atlas era um deus dos gregos que sustentava as colunas do céu e detinha o oceano.

Entusiasmo vem do grego também: *entheos*, possuído por Deus (*em* - em + *theos* - Deus) identifica, literalmente, uma pessoa tomada por Deus e, hoje, em estado de extraordinária emoção.

Fanático é de origem latina, proveniente de *fanu*, templo, e daí o adjetivo *fanaticu*, ligado ao templo, hoje alguém cheio também de alguma paixão política ou esportiva, por exemplo.

Golfinho veio do latim *delphinus*, com interferência de golfo, por uma provável etimologia popular. No português antigo, encontra-se *dolfino*. Delfos foi um herói grego que deu nome à cidade sagrada de Apolo.

Março o mês de Marte, deus romano da guerra.

Pagode era templo, em alguns países asiáticos; hoje, aqui no Brasil, é festa ruidosa, baile popular. Veio do sânscrito, através do malaio *pagodi*, divindade.

Outras palavras totalmente alheias à vida religiosa de hoje aparecem na fala contemporânea. É o caso de *cretino* e *croissant*.

Cretino A palavra foi importada, no século XVIII, da Suíça francesa. *Cretin*, forma dialetal de *chrétien* (cristão), era sujeito com deficiência física e mental. Originariamente, foi termo de compaixão, pois também eram cristãos, filhos de Deus. Com o tempo, cretino assumiu o sentido pejorativo de idiota.

Croissant por sua vez, é “crescente”, em francês, e esse pãozinho com forma de lua crescente deve o nome à vitória dos cristãos sobre os muçulmanos em Viena, no final do século XVII. Para comemorar, um padeiro inventou esse tipo de pão, que copia o emblema islâmico, marca dos estandartes e das barracas dos invasores turcos.

Para terminar, citemos:

Talento cujo sentido original era “soma de dinheiro”, mas ganhou o sentido de “dom especial, aptidão”, por causa da parábola evangélica, narrada por Mateus 25, 14-30.

Conchavo que veio de conclave, reunião de cardeais eleitores de um novo papa.

Camisinha nome popular da camisa de Vênus, a deusa romana do amor.

Talebã termo do urdu, língua falada no Paquistão, que identifica quem estuda, quem procura

conhecimento. Tornou-se nome do grupo político do Afeganistão.

Um caso particular de vocabulário criptorreligioso merece explicação, pela sua interessante carga histórica. São as conhecidíssimas e universais notas musicais.

O nosso do-ré-mi-fa-sol-la-si nasceu de um hino a São João Batista, escrito no século VIII d.C., em latim, do qual o monge Guido de Arezzo, na Toscana, três séculos depois, tirou a primeira sílaba de cada um dos primeiros versos, para designar as notas musicais, com exceção da primeira nota (*ut*), mudada para do. Confira-se, a seguir, o tal hino e a sua tradução.

Ut queant laxis
Resonare fibris
Mira gestorum
Famuli tuorum
Solve polluti
Labii reatum
Sancte Iohannes

Tradução:

“Para que teus servos possam celebrar,
nas cordas lentas,
os teus feitos admiráveis,
liberta-os, São João,
do pecado do lábio poluído”.

Lembremos, por fim, o nome dos meses. Na Roma antiga, eles, de janeiro a agosto, lembravam pessoas divinas ou divinizadas. Dessa forma, janeiro veio de *Janus*, fevereiro de *Februrarius*, março de *Mars*, abril de *Aprilis*, maio de *Maia*, junho de *Juno*, julho de *Julius* e agosto de *Augustus*.

“

Mosquitos e camelos

”

Aconteceu, em Phoenix (USA), o caso de um padre que, há pelo menos 26 anos, vinha batizando com a fórmula batismal: “Nós te batizamos em nome do Pai...”, mas a fórmula ritual é “Eu te batizo...” e não “Nós te batizamos...”, e seu bispo achou que todos os batismos desse longo período deveriam ser considerados nulos e sem efeito. O fato foi divulgado, aqui no Brasil, pela Unisinos em 22/02/2022⁷ e aqui transcrevi.

⁷ Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616333-o-eu-e-o-nos-do-batismo-mosquitos-e-camelos-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em: 01 jun. 2022.

Um teólogo italiano, Andrea Grillo, não concordou com esse julgamento rigorista, considerando exagero pretender que toda essa série de atos eclesiais fosse considerada nula e sem efeito. É evidente que os ministros da Igreja são obrigados a usar as fórmulas prescritas, de longa tradição e que, portanto, têm uma autoridade que não é facilmente substituível. No entanto, creio que o remédio da “declaração de nulidade do batismo” deveria ocorrer apenas no caso em que a fórmula não permitisse reconhecer como pertencente à mesma fé.

Alegou-se que usar Nós, no lugar do Eu, significava substituir a Igreja por Cristo e esta seria a razão da invalidade. Parece difícil sustentar uma tese tão extrema de modo coerente e bem fundamentado. Houve abuso, mas o abuso não leva necessariamente à nulidade.

Foi argumentado que o Eu que aparece na fórmula é o próprio Cristo, pois quem batiza age na pessoa de Cristo. Assim, a substituição do Eu colocaria a igreja no lugar do seu Senhor. Essa interpretação é muito fraca, porque não é justificada pela história. A expressão *in persona Christi* não está ligada a quem pronuncia a frase, mas

à fórmula da Eucaristia, que os antigos já notaram ser pronunciada por quem preside a Missa, “como se fosse Cristo”. Todas as outras fórmulas, incluindo o batismo, são pronunciadas *in persona ministri* (na pessoa do ministro).

Aliás, a própria expressão *in persona Christi* foi depois utilizada para tudo o que o padre faz. Isso, no entanto, não afeta o fato de que a fórmula do batismo também pode ser pronunciada por um diácono e por um leigo, homem ou mulher.

Em todo batismo, o eu do ministro, está apenas a serviço do Eu de Cristo e do Nós da Igreja. Portanto, não seria arriscado pensar que no Eu de Cristo ouvimos também o Nós eclesial. Não é o batismo um ato comunitário?

Uma teologia abstrata dos sacramentos acaba tratando-os como meros passaportes, exigência de burocratas, não de pastores.

Talvez seja precisamente nesse nível que devemos perguntar-nos: todo esse formalismo míope e pedante, essa preocupação por uma validade asséptica, é realmente útil para proclamar o

Evangelho e para acolher os discípulos de Cristo na sua Igreja?

Parece-me que faltou uma teologia do batismo digna desse nome na decisão do bispo de Phoenix. Quando prevalece a burocracia, é comum filtrar mosquitos e engolir camelos.

Mosquito filosófico-religioso

Consta que Sócrates se autodefiniu como um mosquito que tentava picar a cidade de Atenas, a fim de acordá-la para a vida. Certamente não pensava em insetos letais. Pensava na sua missão e cumpriu-a até o último gole de cicuta, porque, para ele, temer a morte era apenas outra forma de pensar que se é sábio, quando não se é: é pensar que se sabe o que não se sabe.

O professor itinerante das ruas de Atenas foi liquidado pelos poderosos de plantão, sob a falsa acusação de corromper a juventude, mas despertou muita gente com suas picadas filosóficas, e até hoje continua vivo, como um mestre universal, apesar de não deixar nada escrito por ele mesmo. Essa é a força da Filosofia: desperta para a vida, para a realidade que nos cerca, para avaliar o que vale a pena e o que é supérfluo ou prejudicial, tanto na intimidade como no contexto social. Quem pensa e repensa tem mais preparo para agir bem, para acertar na mosca.

Muitos séculos depois de Sócrates, encontro outro filósofo enfocando mosquito, o austríaco Wittgenstein. Irrequieto e singular, ele sintetizou, de forma metafórica, que o objetivo da Filosofia “é mostrar à mosca a saída do vidro”, ou seja, a Filosofia pode e deve, por mais difícil que seja, achar saídas para os problemas humanos. Filosofar é tentar captar a realidade como ela é, sem se dobrar por ela, por preguiça ou por comodismo. É saber entrar na luta, livre de preconceitos e de preferências. Ele até compara o

tratamento filosófico de uma questão com o cuidado de uma doença. Se contar com bom procedimento médico, o paciente pode sarar. Assim também o problema filosófico se resolve, se for tratado adequadamente.

Passando ao terreno religioso, de mosca e de mosquito fala-se também nas Sagradas Escrituras, desde o tempo de Moisés. Como o faraó se negava a deixar partir os israelitas, sobrevieram pragas terríveis ao Egito. Uma delas foram as nuvens de moscas, que invadiram o palácio real, as casas dos seus funcionários e de todo o povo. Um deus nos acuda. Era como se tivesse tomado posse do país Belzebu, nome que significa, justamente, senhor das moscas. E hoje não é preocupante saber que o diabo do mosquito da dengue ainda anda solto, sem esconder que é *aedes* (odioso) mosquito do Egito (*Aegypti*)? Trabalhar contra ele é uma belíssima prova de amor fraterno.

Essa mesma lição a gente pode deduzir daquela vigorosa fala de Jesus contra os fariseus de ontem e de hoje: “Guias cegos, vocês coam um mosquito, mas engolem um camelo”. É que aqueles senhores chegavam ao requinte de filtrar a água potável com panos, para terem certeza de não engolir nenhum mosquitinho e o Mestre os põe contra a parede, porque se esmeram em cumprir os mínimos requisitos da lei e se esquecem do maior mandamento, o amor ao próximo. Pessoas assim não merecem o nome de cristãos. Nem de bons alunos da Filosofia. Lembram mosca morta.



Jesus Cristo

Fonte: acervo próprio.

MEU CRISTO

Essa tua teândrica face,
Onde brilha o curvo do amor
E o retilíneo da verdade.

Esses teus olhos iniquamente roxos,
Que uma cortina de espessa dor
Parece esconder e, no entanto, escancara.

Esses teus cabelos soltos,
Sarça ardente que me queima os males
E me enleia, salvadoramente.

Essa tua barba máscula, silente,
Submissa e pronta ao sacrifício.

Esses teus lábios assim cerrados
De quem já disse tudo
E tudo consumou na hora nona.

Essa tua voz-silêncio
Pairando densa, à flor do teu semblante
E me calando n' alma, fundo, fundo.

Essa tua fronte com sombra de coroas,
Ímpares coroas de amores e de espinhos.

Esse teu olhar pra baixo, carinhoso,
De quem enfim me achou e perdoou.

Esses teus pensamentos únicos e altos,
Que já pregustam o arrebol de páscoa.

Tudo isso me contesta,
Isso tudo é que me salva.
Tudo isso te agradeço,
Senhor Jesus,
Deus comigo,
Homem das dores,
Meu amigo,
Meu irmão.

Aldo Vannucchi

8

A PALAVRA DO DIA A DIA

“A vida é curta demais para eu ler todo o grosso dicionário, a fim de por acaso descobrir a palavra salvadora”.

Clarice Lispector

Uma pesquisa publicada na revista *Science*, em 2007, tentou mostrar quantas palavras pronunciamos por dia. O resultado, claramente discutível, deu que as mulheres falavam, em média, 16.215 palavras por dia, e os homens, 15.669. A diferença é mínima, mas são muitas palavras. De qualquer maneira, mais que o número, interessa saber por que falamos e sobre o que falamos.

Se é certo que a vida cotidiana se realiza, sobretudo, pela comunicação intersubjetiva, por meio da linguagem, conclui-se que, sem reflexão sobre a realidade imediata, nosso palavrear nos denunciará reprodutores do sistema de valores, crenças, preconceitos e costumes vigentes no mundo que nos rodeia.

Somos herdeiros de uma história familiar e de todo um passado que pode ter sido excelente, mas cumpre sempre discriminar o que estiola e o que incrementa nosso desenvolvimento pessoal. Mais que isso, nas vinte e quatro horas de cada dia, é bom ver como nos desembaraçamos dos pequenos nós provocados por fatos ou coisas desagradáveis e inevitáveis. Com bom humor ou com ímpetos de raiva?

Por outras palavras, importa verificar qual filosofia de vida orienta nossa prática. Mais propriamente, por que não aplicamos a Filosofia ao nosso dia a dia?

Filosofia aplicada

A Filosofia não comparece e não se pratica apenas academicamente. Ela busca o conhecimento do Ser, mas por meio do conhecimento das coisas, dos seres vivos, do mundo. Por isso, ela nos leva a pensar no que fazemos e porque o fazemos. Ela nos ajuda a desatar a meada do cotidiano, possibilitando-nos atitudes e reações calcadas em reflexão e humanismo, como sujeitos autônomos, historicamente situados e competentes.

Foi nesse sentido e com objetivo bem explícito de aplicar a Filosofia no enfrentamento dos problemas cotidianos, que o filósofo canadense Lou Marinoff lançou, com sucesso, anos atrás, o “Mais Platão menos Prozac” e até criou o movimento de aconselhamento filosófico para o dia a dia, prática inspirada nos mais importantes filósofos da história.

Desde Sócrates, filosofar constitui um sistema de vida para alcançar maior equilíbrio interior. Esse jeito de viver é mais que uma disciplina escolar. Consiste no olhar autocrítico do nosso agir, atento às nossas palavras, frutos do nosso pensar ou meros produtos do nosso divagar.

Nessa direção, perguntemo-nos: – Como é o nosso dia? Não dá para examinar a vida diária em laboratório ou pelo computador. Há de ser escrutinando o real e o irreal dessas vinte e quatro horas, em que a gente luta e sonha. Seríamos capazes de viver a realidade pura, sem fugir dela em nenhum momento? Assim, temperamos o real: trabalho e prazer, acertos e equívocos, êxitos e fracassos com o irreal dos sonhos, dos desejos inconscientes ou patentes, das lembranças e dos remorsos. E tudo acontece num oceano de palavras pensadas, faladas, ouvidas, escritas/digitadas e lidas. O tempo todo estamos nós por trás desse inconclusível vocabulário, onde pululam termos de todos os níveis: família, moradia, profissão, estudos, saúde, doença, religião, convivências, escolhas, relacionamentos e desligamentos finais. Tudo instrumentalizado, bem ou mal, pela mídia, pela internet e pelo celular.

É nesse mar revolto de profusão verbal que pode entrar a contribuição da Filosofia. Por um bom motivo, pode-se, uma hora, deixar de lado Jung, Freud e outros insígnis terapeutas, para sorver a sabedoria de alguns filósofos. Com três deles tentemos vislumbrar caminhos de uma boa orientação existencial.

Princípios de vida

Somos animais inteligentes inseridos na natureza, entre realidades e possibilidades. Natureza é o mundo que nos rodeia com toda a diversidade infinita das suas manifestações, mas pode ser entendida também como a combinação dos nossos traços pessoais característicos. Assim, natural é o conforme à natureza, o não artificial ou o que depende unicamente da natureza.

Já realidade e possibilidade são duas categorias em que se reflete o desenvolvimento dialético do nosso dia. O real é o referente às coisas, oposto tanto ao aparente e ilusório, como ao ideal e possível. Possível, por sua vez, é o que pode existir, quer em virtude de seus próprios elementos, quer em virtude de uma causa extrínseca, capaz de realizá-lo.

À luz desses três dados – natureza, realidade, possibilidade – se descortinam três princípios de vida.

A natureza não dá saltos

Há séculos corre o mundo essa frase, em latim, *natura non facit saltus*. Usada por sábios, como Lineu e Darwin, foi também decantada por um filósofo alemão, Leibniz, mas Aristóteles já havia afirmado que não existem na natureza espécimes ou gêneros completamente separados, há sempre, entre eles, elos intermediários.

Numa palavra, esse adágio tradicional diz que a evolução natural é harmoniosa, tudo acontece gradualmente,

nada é repentino. Claro que essa tese é reconfortante, mas não se pode esquecer que acontecem erupções vulcânicas imprevistas e de repente pode chegar por aqui algum asteroide arrasador.

Por outro lado, sabe-se pela Filosofia e pela Psicologia, que a construção do ser humano não acontece no vazio. Ele desenvolve suas virtualidades físicas e espirituais dentro de alguns padrões determinantes, como o biológico, o social e o histórico, passando de operações mentais baseadas em simples atividades sensoriais e motoras até o mais refinado pensamento lógico.

Esse aperfeiçoamento gradual e diferencial das várias funções dos órgãos que vão nos capacitando a adquirir, de forma harmônica, habilidades cada vez mais complexas e especializadas, nada mais é que o desenvolvimento físico e intelectual. Todo esse processo evolutivo desabrocha no que o senso comum chama de educação. Se as plantas crescem pela cultura, homens e mulheres nos desenvolvemos pela educação: “de pequenino é que se torce o pepino”.

Nesse contexto, vale a pena lembrar aqui Machado de Assis (2008), no seu “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, capítulo XI: “Cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos... Um poeta dizia que o menino é o pai do homem...”

Por conseguinte, a conclusão prática da sentença leibniziana é que o ser humano é um ser em construção gradativa, harmônica. Não se pula de supetão do pior para o melhor. Não sabemos tudo. Não somos infalíveis. Não nascemos prontos e acabados. Uma prova muito simples é esse mesmo adjetivo

“acabado”. Ele significa, tanto completo, perfeito (João é o exemplo acabado do bom pai), como enfraquecido, cansado (João está acabado nos seus 30 anos).

“Nada existe no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos” - *Nihil in intellectu nisi prius in sensu*

Essa sentença é atribuída ao velho e sábio Aristóteles que, sem o auxílio de qualquer instrumento técnico, distinguiu a existência dos nossos cinco sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar.

Por eles – portas abertas para todas as experiências – nos relacionamos com o mundo. Pelo tato, através da pele, podemos perceber a forma, a consistência, a resistência, a textura e o peso das coisas, como também o prazer e a dor; pelos ouvidos captamos todo tipo de som, sua intensidade, suas vibrações, seu timbre e, principalmente, o incessante fluxo da linguagem humana; pelo paladar é que sentimos os sabores, o doce, o salgado, o ácido e o amargo; pelo olfato, somos sensíveis à indefinível variedade de odores, fragrâncias e perfumes; enfim, pela vista, o menos material dos sentidos, percebemos a cor e a extensão e colhemos a maioria das informações do nosso meio ambiental.

É taxativo: o que está na mente está antes nos sentidos. Todo nosso conhecimento principia com os sentidos, pelas sensações que eles nos provocam. Ativados por fatores fisiológicos e psicológicos, eles nos oferecem todos os dados do que é externo, a terra e o céu, as flautas e as trovoadas, os

bafos e os perfumes, a doçura e o amargor, o beijo e o espinho, para conseguirmos chegar à última etapa do conhecimento, a mais elevada para Aristóteles, a *episteme*, a ciência, o conhecimento da realidade, bem superior à *doxa*, a opinião, que Platão fez questão de escarnecer inventando a filodoxia, no Livro V da *República*.

Voltaire foi claro, no seu *Dicionário Filosófico*: “Um homem que nascesse privado dos seus cinco sentidos, privado estaria de qualquer ideia, se pudesse viver. As noções metafísicas somente nos chegam através dos sentidos. Como medir um círculo ou um triângulo, sem nunca ter visto ou tocado um círculo ou um triângulo? Como formar uma ideia perfeita do infinito sem nos afastarmos de qualquer limite? E como estabelecer limites, sem os haver contemplado ou sentido?”

Por outras palavras, é natural e pedagógico transformar nossa sensibilidade em instrumento de desenvolvimento pessoal. Com ela se pode criar um panorama multifocal de saberes e, inversamente, desmontar esquemas fixos e superficiais de contato com a natureza. Quanto mais estreito é esse contato tanto mais o ser humano se desenvolve física, moral e espiritualmente, porque ela nos fala de formas maravilhosas. Ela canta, ela assobia, ela dança, ela vibra. Nessa cadência, a gente vai descobrindo a natureza na sua infinidade e na sua biodiversidade.

Mas pela ecologia integral, captamos também a dimensão cultural da natureza. E nesse ritmo os seres humanos vão se desenvolvendo a partir do chão que é pisado, do céu esquadrinhado, do clima, da vegetação, do bioma.

No mundo tecnocrático atual, lograríamos mais humanidade se aprendêssemos com um Francisco de Assis aquele afeto espiritualizado pela “mãe terra que nos sustenta e governa, pela irmã água, muito humilde, preciosa e casta, pelo irmão vento, o ar e a nuvem e pelo irmão fogo, belo, robusto e forte”.

“A beleza do mundo não é um atributo da própria matéria. É uma relação do mundo com nossa sensibilidade, essa sensibilidade que depende da estrutura do nosso corpo e da nossa alma.”

Simone Weil

Ninguém é obrigado a coisas impossíveis

Somos seres incompletos, por isso, insatisfeitos. Queremos sempre mais, mais alguma coisa, alguma nova oportunidade, algum melhor resultado. Levamos a vida como que balanceando entre o possível e o impossível.

No antigo direito romano, garantia-se que a convivência civil deveria, no mínimo, aceitar que ninguém é obrigado a obedecer a uma norma humanamente impossível. Daí ficou o brocardo jurídico supramencionado “*ad impossibilia nemo tenetur*”, estendido a todos os impossíveis que nos seduzem.

Puseram em nossa cabeça, desde crianças, “querer é poder”. Meia verdade ou meia mentira. “Querer é poder” não passa de provérbio, um dito popular que tem sentido, mas não é axioma. Contesta-o, com bom senso, o seu contrário “quem tudo quer tudo perde”.

“Querer é poder” é fácil de decorar, curto e direto, repete-se no mundo todo, mas carrega certa ambiguidade, porque muita vez o querer só se realiza se não surgirem empecilhos à vontade do pretendente. E precisa lembrar que existem, quando menos se imagina, limites para o que se quer?

Aliás, essa ânsia de querer sempre mais se explica bem voltando à origem desse substancioso verbo, pois esse nosso “querer” veio do latino *quaero* = busco, procuro, ando à cata. Quando quero alguma coisa, vou atrás. Esforço-me por conquistá-la. Nada mais humano, nada mais digno.

Há gente que até apela para o «o que tem de ser tem muita força», e continua querendo. Mas o impossível nem por magia se dá. Tudo se consegue é lutando pelo possível, ensinam-nos outros sábios provérbios, como “quem tem boca vai a Roma” e “Deus ajuda quem cedo madruga”.

O Pe. Vieira pôs os pingos no is: “o querer e o poder são nada; juntos são tudo”.

Em suma, o possível real só se dá quando há condições para que ele se efetue. Seu oposto, o impossível, representa precisamente o que não oferece tais condições. Inviável, portanto, querê-lo.

Vem bem a propósito a famosa música de Elvis Presley, *It's impossible*, em que ele indica três condições que impossibilitariam o amor: o sol deixar o céu, o mar não mais quebrar na praia e bebê não chorar.

O problema é que, por vezes, a vida nos leva a becos sem saída, impasses dolorosos, barragens insuperáveis. Atingimos o impossível? Passemos, então, para busca do possível, e um

caminho para tanto foi-nos sugerido por um filósofo que imaginávamos aqui inconveniente, Nietzsche.

O impossível para ele é o conhecimento da própria realidade, porque, afirma, qualquer opinião, crença ou teoria depende do ponto de vista do observador e, assim, cada indivíduo tem sua própria representação do mundo. Mas o filósofo do “super-homem” também afirma: “Um pensamento, até mesmo uma possibilidade, pode nos destruir e nos transformar”. Ou seja, um querer firme, persistente, não um mero desejar, não nos destrói, antes, é o jeito certo para conseguirmos transformar a realidade oponente, superar o contexto adverso, realizar o possível satisfatório, felicitante. Assim é que muitas das coisas que vemos hoje, já foram algo impossível ontem.

A verdade, porém, é que, alcançado o possível, irrompe sempre a tentação do impossível ou, melhor dizendo, o desafio de conseguir o impossível, o que Einstein bem percebeu: “O impossível existe até que alguém duvide dele e prove o contrário”. Não se trata, é claro, do impossível lógico ($2+2=5$, por exemplo), mas do impossível humano. Aqui se toca o busílis.

Na vida comum, há momentos em que se empaca entre o possível e o impossível, dada a pretensão inevitável de conciliar a mente humana e a realidade, aparentemente contraditórias, porque surge o conflito entre a tendência humana de buscar um significado inerente à vida e a nossa inabilidade para gerar tal sentido: qual o sentido da minha vida? por que vivo? donde vim e para onde vou? por que

estou aqui? Essas perguntas sem resposta satisfatória fazem acordar a sensação de que a vida como um todo é um absurdo. No século XIX, em *Temor e Tremor*, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard viveu esse drama. Fincou ali as raízes do “absurdismo”, cultivado, no século passado, por Camus, em campo diferente.

Se o filósofo dinamarquês vinculou perspectivas de desafogo ao impossível humano mediante a crença, pelo “salto cego” da fé, metaforizado no sacrifício imposto por Deus a Abraão, o filósofo argelino-francês não viu, em *O Mito de Sísifo*, outra saída senão a entrega do ser revoltado e angustiado a uma grande causa, um ideal de vida que valha a pena para enfrentar a existência: “A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem”.

Conta e tempo

Deus pede estrita conta do meu tempo.
E eu vou, do meu tempo dar-lhe conta.
Mas como dar, sem tempo, tanta conta.
Eu, que gastei, sem conta, tanto tempo?

Para ter minha conta feita a tempo
O tempo me foi dado e não fiz conta.
Não quis, tendo tempo fazer conta,
Hoje quero fazer conta e não há tempo.

Oh! vós, que tendes tempo sem ter conta,
Não gasteis vosso tempo em passatempo.
Cuidai, enquanto é tempo em vossa conta.

Pois aqueles que sem conta gastam tempo,
Quando o tempo chegar de prestar conta,
Chorarão, como eu, o não ter tempo.

Frei Antonio das Chagas (1631-1682)

Calar ou falar

Ficou célebre o “*por que no te calas*” do rei da Espanha ao presidente da Venezuela, em 2007. Intenções ou conotações políticas à parte, o incidente me sugeriu refletir sobre a linguagem, a fronteira preciosa entre o mundo humano e o mundo animal.

Sabemos todos que o ser humano, em tese, fala porque pensa e pensa por que fala. Pela língua acontece nossa comunicação social. Falando, sinto-me vivo, externo ao outro o que há dentro de mim, reconheço-o e, ao mesmo tempo, provoço-o a me considerar existente também.

Mas a linguagem humana atua não só pela fala. Desenvolve-se também por gestos, por sinais e pelo próprio silêncio, não silêncio-mutismo, mas silêncio-forma de expressão do transcendente. E aí se coloca a necessidade de optar, a todo momento, pelo falar ou pelo calar.

Se a sabedoria multimilenar nos lembra que há tempo de falar e tempo de calar, é porque nenhuma das duas atitudes pode reger sozinha a nossa vida. Há falas essenciais e há silêncios eloquentes, assim como existem falas ocas, puro verbalismo, para não dizer verborreia de certos políticos e de não pequenas autoridades públicas.

Por outro lado, porém, proliferam também os silêncios culpáveis de quem deveria clamar por justiça social, com a coragem dos profetas, e se omitem.

Em resumo, o equilíbrio entre o falar e o calar deveria pautar o nosso modo de ser. Franqueza e discrição andariam muito bem, juntas como irmãs, inseparáveis em nosso linguajar.

Para mim exemplo perfeito desse comportamento é o próprio Jesus de Nazaré. Quem lhe conhece a vida e as obras, sabe o valor que dava à palavra, tanto quanto ao silêncio. Falando, semeou esperanças e alegrias, como também desmascarou hipócritas e traidores. Outras vezes, soube transformar o silêncio no mais alto testemunho da verdade. Basta lembrá-lo diante do procurador romano Pôncio Pilatos que, admirando sua mudez, tentou envolvê-lo com a promessa de libertação imediata: “Não sabes que tenho poder...?” Enquanto muita gente, diante dos poderosos, procura parecer importante, falando pelos cotovelos, ele preferiu o silêncio. Aliás, na corte de Herodes, nem proferiu palavra, ele, o admirável mestre do falar.

Nós, pobres mortais falantes, falamos demais e calamos de menos. Às vezes, chegamos a agir como candidato, em tempo

eleitoral, que cumprimenta até manequim de loja. E já li em Guimarães Rosa: “Quem fala muito, dá bom dia a cavalo”.

Comunicar-se é indispensável, mas falar por falar revela e aprofunda o vazio existencial do ser humano. Nesse sentido, merece atenção a prática do “minuto de silêncio”. Quando ele é solicitado? Em encontro e reuniões em que se deseja, num mínimo de tempo, lembrar e valorizar ao máximo a memória de alguém. Melhor que o discurso, o elogio do silêncio.

Seria excelente se cultivássemos, todos os dias, pelo menos alguns minutos de silêncio, por nós mesmos, para que, no turbilhão dos afazeres diários, nos encontremos centrados e concentrados no essencial. Conseguiríamos, assim, assumir aquela invectiva do soberano espanhol, repetindo para nós mesmos: – Por que não te calas?



Thiago de Mello

Fonte: Disponível em: https://www.ebiografia.com/thiago_de_mello/. Acesso em: 03 jun. 2022.

SILÊNCIO E PALAVRA

A couraça das palavras
protege nosso silêncio
e esconde aquilo que somos.
Que importa falarmos tanto?

Apenas repetiremos.

Ademais, nem são palavras.
Sons vazios de mensagem,
são como a fria mortalha
do cotidiano morto.

Como pássaros cansados,
que não encontraram pouso,
certamente tombarão.

Muitos verões se sucedem:
o tempo madura os frutos,
branqueia nossos cabelos.

Mas o homem noturno espera
a aurora de nossa boca.

II

Se mãos estranhas romperem
a veste que nos esconde,
acharão uma verdade
em forma não revelável.

(E os homens têm olhos sujos,
não podem ver através.)

Mas um dia chegará

em que a oferenda do deus,
dada em forma de silêncio,
em palavras transfaremos.
E se porventura a dermos
ao mundo, tal como a flor
que se oferta – humilde e pura –
teremos então cumprido
a missão que é dada ao poeta.
E como são onda e mar,
seremos palavra e homem.

9

A PALAVRA POPULAR

“O sertão é bom. Tudo aqui é perdido, tudo aqui é achado... O sertão é confusão em grande demasiado sossego”.

Guimarães Rosa

Inquestionavelmente, a palavra do povo é a palavra-rainha do mundo. Entre os mais de sete bilhões de cidadãos da terra, o maior número de falantes não circula entre senhores e senhoras do poder, do capital, da academia. Está na boca do povo, em nossas bocas, na boca dos cidadãos comuns, nos lugares comuns, nas circunstâncias comuns; não em salas de aula nem nas sessões solenes ou no reservado júri. Às vezes, faz a confusão; outras vezes, o sossego.

Assim foi na Grécia antiga, com a prática do dialeto ático, como língua comum, *koiné*, a forma popular do grego que emergiu após a Antiguidade clássica; assim foi também com o latim vulgar, a língua falada pelo povo da Roma antiga, do qual procedem as línguas românicas, como o nosso português.

O falar do povo, por sinal, é tão poderoso que entra na própria definição de povo como o conjunto de pessoas que falam a mesma língua. Como tese, é a pura verdade. Na real, porém, é necessário constatar, não existe um perfil único de povo brasileiro. Salta aos olhos a nossa deplorável desigualdade social, estereotipada até na vasta sinonímia diferenciada entre povo, povão, povinho, povaréu, populacho, vulgo, ar-raia-miúda.

Dentre tantos sinônimos, povão parece rotular, hoje, o conjunto das pessoas de condição socioeconômica inferior, acompanhadas de boa parte da classe média. Mais que uma classe social, é a massa, numérica e culturalmente falando. Inclui todas as idades e mora, majoritariamente, na periferia, encontra-se nos terminais de ônibus, frequenta a escola pública e sofre nos atendimentos de saúde. Obviamente, a classe média alta e a grã-finagem não se consideram povão e talvez nem povo, pelo padrão de vida que levam e pelo prestígio social que cobiçosamente desfrutam.

Nessas circunstâncias discriminatórias, pairam muito longe as nobres ideias de povo como conjunto de pessoas de um país, em relação aos governantes ou como sujeito de governo, ou ainda o governo em ação, por meio de seus representantes. Por via das dúvidas, para simplificar, entendemos aqui por povo todas as camadas da sociedade, à exceção da classe dominante.

“Os intelectuais precisam ser reeducados pelos operários e camponeses”. Esse foi um princípio muito batido durante a revolução maoísta. Trata-se de proposta radical, mas vale

como dose de humildade para quem se julga doutor em tudo, sem precisar ouvir mais ninguém. Ouvir o povo sempre será benéfico, porque antes de qualquer saber específico, existe a sabedoria popular, que nada mais é que a soma temperada de todos os erros e acertos da espécie humana, ao longo de todos os seus milênios.

Mas hoje e desde sempre escorre entre certos grupos uma visão frontalmente oposta a esse potencial benéfico e proativo do povo. Ainda hoje há gente que, às claras ou em surdina, repete o velho Erasmo que considerava o povo “a grande e estúpida besta”. Uma horrorosa blasfêmia política.

Por mim, estudando e ensinando Filosofia, sempre coloquei as lições do saber do povo nos caminhos oficiais desse aprendizado, que vai dos pré-socráticos aos tempos atuais. Essa fusão do popular com o convencional, além de desmitificar os “enigmas” da Filosofia, faz com que ela se torne uma reflexão teórico-prática criativa, situada e datada no mundo de hoje e com a cara deste Brasil de todos nós.

Dentro dessa contextualização, pode-se adaptar e aplicar o saber popular embutido nos provérbios, frases de para-choques, grafites, expressões, palavras e costumes, manancial de largo conteúdo, envolvido de tosca simplicidade, capaz, porém, de enriquecer qualquer dissertação filosófica.

Sem ter lido Platão, o caminhoneiro mandou gravar na traseira do veículo: “Conhece-te a ti mesmo”, mostrando-se assim totalmente familiarizado com o conselho socrático. Aliás, no Brasil a filosofia popular conta com algo mais para ganhar especial atenção. Ela anda permeada sempre de saboroso humor.

Como já contei tempos atrás, vi pintado num muro da cidade: “Penso, logo desisto”, essa até Descartes gostaria de ler.

Desnecessário lembrar também o peso filosófico dos nossos provérbios, frutos da multimilenar experiência humana. Quando alguém diz, por exemplo, educação vem do berço, está pondo em foco a questão da causalidade, capítulo importante da lógica aristotélica. No berço, no lar, residem a causa eficiente e a causa exemplar da formação de um bom caráter.

No fundo, a própria palavra filosofia foi criada, lá no velho mundo grego, para eliminar a arrogância dos que se julgavam donos da sabedoria, superiores à arraia miúda. Composta de dois substantivos muito comuns, *filia*, amizade, e *sofia*, saber, Filosofia significa, precisamente, algo que não é propriedade de uns poucos eleitos do mundo acadêmico, mas hábito de toda e qualquer pessoa que goste de pensar, pessoa amiga do saber. E não é isso que o matuto procura quando “garra a matutá?”

O homem do mato, quando matuta, está filosofando, sem nenhuma sistematização, mas num filosofar básico, típico de quem sabe escutar, para pensar bem e depois falar. O contrário de muita gente sabida que primeiro fala, para depois pensar. Se é que pensa.

A fala popular

Discorrer sobre a palavra popular no Brasil exige realismo e discrição. Como se mostra essa palavra popular?

Seguramente, prevalece a modalidade coloquial, sem preocupação com floreios estilísticos e regras da gramática, respeitadas pelos cultores das normas cultas e da língua padrão. Uma coisa é o registro na escola, onde se propõe uma série de normas para a linguagem cuidada e elaborada, na escrita e na correta pronúncia, outra coisa é o aprendido e o uso efetivo dessa linguagem, no dia a dia.

O essencial é que, falando ou escrevendo “errado”, o povo não é rebanho nem tropa. É uma multidão de seres racionais, têm seu pensamento, sua fala, suas crenças e valores.

Matutam, isto é, filosofam, porque Filosofia não existe e não se pratica apenas academicamente. Ela busca o conhecimento do Ser, mas por meio do conhecimento das coisas, dos seres vivos, do mundo. A Filosofia autêntica parte da reflexão sobre a vida real e nada melhor para espelhar essa visão do que o linguajar do povo, sem os rebuscamentos das elites e bem distante do hermetismo dos intelectuais. Afinal, é simplesmente com a palavra que todos exprimimos tanto o mundo que recebemos como o mundo que criamos.

Pela linguagem, o instrumento cultural mais abrangente e mais utilizado pelo povo, criam-se e transmitem-se todas as espécies de conhecimento, antes mesmo de qualquer escolarização e mais até do que por ela, pois a escola está longe de ser a única e principal fonte do saber.

Apesar disso, certas elites ainda insistem em tratar a população como se trata a infância (Note-se que *infantia* significa em latim ausência de fala). E da incompetência linguística à incapacidade política vai um passo apenas! Mas é bom lembrar

que uma criança de três anos já é capaz de formar e dizer sentenças elementares de afirmação, negação e interrogação, três caminhos garantidos à verificação do real.

Se a linguagem reflete o mundo do falante, a comunidade em que vive, os hábitos de criação, o trabalho que faz, as próprias crenças e os valores que estima, na escola, evidentemente, tem que se partir da linguagem popular, ou seja, do nível de expressão em que se viabiliza o entendimento mútuo.

Em suma, a escola deve privilegiar a fala e não a língua, pois é só por aquela que se chega a esta e a todos os campos do saber.

Conclui-se, portanto, que quem “fala errado” não pode ser punido na escola, a pretexto de se salvaguardar a norma culta da gramática, das regras do bom tom e das expectativas do sistema.

Se toda a montagem escolar se reduzir apenas a passar códigos pré-estabelecidos, não se opera, realmente, educação, mas domesticação. Professores e alunos não estarão se comunicando como pessoas, mas como máquinas produtoras, os primeiros e receptoras os segundos.

Não haverá nesse sistema educacional sujeitos históricos em desenvolvimento pelo diálogo e pelo trabalho conjunto, mas gente fechada no próprio mundo, sem criar nada de novo. Palavras, palavras, palavras...

Contra tal postura, um gaiato, para zombar do professor monótono e de estilo empolado, apelidou-o, com humor, de pedagogante, um pedagogo pedante.

Esse tipo de ensino se torna mais grave quando se pensa na chamada educação de adultos, o Proeja. Parece incrível,

mas em muita sala de aula o que acontece é a ressurreição do que houve de pior na sofística, como se os nossos problemas pessoais e sociais se resolvessem pela retórica.

Para uma valorização do binômio linguagem-povo, importa realçar que as classes populares, ainda quando não ouvidas, conseguem se manifestar de muitas formas, além da prática linguística oral espontânea.

Manifesta-se, por exemplo, pela ação rotineira, fazendo coisas, ajustes domésticos, caminhadas, mutirões, visitas, artesanatos, festas, reuniões, como também se afirma, espertamente, pela omissão, com baseadas suspeitas de certas circunstâncias impositivas, deixando claro que “estão fora”, “saltam de banda”, “não entram nessa”.

Em outras situações, apelam para o passar do tempo, antes de tomar partido, porque, segundo o gaúcho, “é no chacoalhar da carroça que as abóboras se acomodam”.

Outro tipo paradoxal de manifestação popular acontece pelo silêncio, isto é, calando, num silêncio de protesto ou desagrado, no mutismo eloquente de quem faz questão de mostrar que não entendeu patavina ou não aceitou bulhufas. E se depararem ordens autoritárias fincarão atitudes de resistência explícita, como se deu em dias do Brasil Império, quando os negros construíram quilombos e os escravos se recusavam a procriar e até mesmo apelavam para o suicídio.

Merece também lembrança outro jeito muito comum de manejar a própria linguagem, esquivando-se de termos mal agourentos. Para não atrair realidades ou ideias perigosas, como as doenças graves, a morte, o diabo, o azar, pratica-se a

substituição verbal com “a coisa”, “o mal”, “aquela doença”, “o diacho”, “o dianho”, “coisa ruim”.

Marcas da linguística popular

Para caracterizar a expressão estritamente linguística das camadas populares, mencionemos algumas das suas qualidades mais sensíveis, como o predomínio quase absoluto da oralidade, dado o número exorbitante de analfabetos. Daí a importância das estórias e das tradições passadas de geração a geração.

Outra marca evidente aparece no distanciamento (fecundo) da língua padrão, provocando, primeiramente, o chamado falar errado, mas depois criando e recriando a língua, como se pode bem ver em “você”, abreviação do “vosmecê” que, por sua vez, veio de “vossa mercê”.

Alguns anos atrás, criou-se, dentro do musical sertanejo, o neologismo “sofrência”, expressiva variação de sofrimento, para indicar tristeza, decepção, dor de cotovelo.

Riqueza de conteúdo também transpira da fala popular. Bastaria trazer à baila tanto os elogios à linguagem: quem tem boca vai a Roma, pra bom entendedor meia palavra basta, palavra de honra! quanto o desmascaramento do seu abuso: mentira tem perna curta, quem cochicha rabo espicha, conversa fiada, conversa mole, papo furado.

Igualmente, impressionam a vivacidade e o colorido expressional. Enquanto, em momentos formais se anuncia o dar a palavra, ou seja, permitir a alguém que fale, o sentido, na

boca do povo, é de assumir um compromisso: dou a minha palavra. Veja-se também a força de expressões como língua afiada, encher linguíça, enrolar.

Nesse ritmo, é bem verdade o que Guimarães Rosa disse: “Povo, quando fala, fantaseia”. E há centenas de expressões populares que o confirmam. Desde sempre, o povo simples acha que o julgamento popular corresponde ao que Deus pensa: a voz do povo é a voz de Deus.

Esse tino imaginativo lança mão até de surpreendentes eufemismos, para contar sérias ocorrências. E assim se diz que fulano abotoou o paletó, para designar que o tal morreu. Aliás, fala-se também, com humor irreverente, que bateu as botas, esticou as canelas, foi para o bebeléu.

Por fim, na análise do binômio linguagem-povo, é necessário não esquecer o sério problema da alienação linguística. Numa sociedade desigual e injusta como a nossa, nada mais explicável que a linguagem popular se mostre alienada.

Se, em princípio, todo ser humano pode e deve construir sua mensagem de forma pessoal e consciente, na prática, as contradições de sua vida e do seu trabalho profissional, na sociedade capitalista, geram uma consciência deformada e, muitas vezes, falsa.

Surge, assim, o dilema: de um lado, a fala só acontece, de fato, em nível social e, por isso mesmo, tem de se pautar por regras preestabelecidas, sob pena de exclusão do intercâmbio grupal ou mesmo de morte linguística; de outro lado, quando, nesse ambiente, o sujeito fala, ele se encontra na situação de não saber o que faz quando fala e por que fala como fala.

A filosofia da linguagem popular

Independente da realidade social e política adversa, a linguagem popular se afirma e floresce sobre raízes sólidas, autógenas. Suas fontes não estão na filosofia europeia, nem na inteligência nacional e nem mesmo na escolaridade formal.

Tudo, na verdade, vem de vivência e, não raro, de sofrência pessoal. Essa população observa e avalia o seu mundo interior, tanto quanto conhece e reconhece os dados objetivos das coisas, das outras pessoas, das instituições, passando, eventualmente, do senso comum a um certo senso crítico, para promover ou desprezar mentiras, sonhos e ilusões.

É sugestivo recordar que essa consciência filosófica aparece até em um dos mais belos sambas da nossa música popular, que começa assim:

“Eu vou te dar a decisão/botei na balança e você não pesou/botei na peneira e você não passou/mora na Filosofia/pra que rimar amor e dor?”

Os compromissos caseiros, as relações familiares, as tarefas corporativas, as atividades profissionais, tudo, na prática, ensina o cidadão comum, homem e mulher. Nasce assim a sabedoria popular, ofuscada de erros e contradições, às vezes, mas sempre infiltrada de bastante filosofia nativa, como atestam inúmeras máximas da:

- lógica popular: pão (é) pão, queijo (é) queijo;
- ontologia popular: nem tudo que brilha é ouro, nem tudo que balança cai; as aparências enganam;

- antropologia popular: de médico e louco todo mundo tem um pouco, dize-me com quem andas, e eu te direi quem tu és;
- cosmologia popular: quem planta vento colhe tempestade, água mole em pedra dura, tanto bate até que fura;
- ética popular: não vá com muita sede ao pote; o uso do cachimbo torna a boca torta; amor com amor se paga;
- estética popular: beleza não põe mesa; por fora, bela viola, por dentro, pão bolorento;
- filosofia da linguagem: calar é ouro, falar é prata; a natureza nos deu dois ouvidos e uma boca, ouça mais e fale menos; o bom cabrito não berra.

Efetividade da Linguagem Popular

Não se pode desqualificar, sem mais, esse saber popular. Na realidade, ele não se manifesta apenas no criar piadas inteligentes, no praticar futebol de primeira e produzir o samba sem concorrência. Sobre todos esses decantados brasileiroismos, nosso povo sabe melhorar o cotidiano da coletividade pela valorização do ser sobre o ter. Na sua cabeça, a vida ocupa o primeiro lugar, na tabela dos valores. Decorrem daí a supremacia da família acima de qualquer patrimônio material e a luta incansável dos pais pela melhor educação dos filhos.

Outra contribuição notável da própria população ao desenvolvimento humano da nação reside no potencial de criação de uma sociedade menos individualista. Uma forma popular típica dessa proposta acontece com o exercício frequente do mutirão. A palavra de origem tupi por si só já diz tudo: trabalho em comum.

Num país sob regime capitalista e corroído pelo consumismo, onde prevalece a afirmação da prioridade da liberdade individual, frente a um grupo, à sociedade e ao Estado, o testemunho do povo simples transparece na linha precisamente oposta.

Para qualquer família necessitada há sempre vizinhos prontos para ajudar, máxime quando se trata de encarar a luta pela moradia. Da mesma forma, os mutirões, engajamento enraizado no comunismo rural primitivo, se multiplicam para a construção da sede da associação do bairro ou para a implantação de um posto de saúde próximo.

Na hora atual, esse espírito de ajuda mútua e de aglutinação social vem se alastrando com entusiasmo contagiante, num esforço coletivo em prol da humanização do planeta, a nossa casa comum, com movimentos populares engajados na revitalização de nascentes, em campanhas contra o lixo da praia, em ações de geração de renda ou de manejo sustentável de recursos naturais.

O povo e os filósofos

Sabe-se que do dia a dia ateniense Platão e Aristóteles extraíram muito de suas ideias. Termos gregos hoje corriqueiros,

como praxe - *praxis*, crise - *crisis* e energia - *energeia*, foram intensamente trabalhados por eles. Tem sentido, então, garimpar e comparar joias filosóficas de matiz popular no campo de alguns expoentes da Filosofia.

É flagrante a similaridade entre representações embutidas nas expressões do povo e os pensamentos carimbados dos filósofos. Prova de que, às vezes, a presença de espírito do brasileiro comum é mais elucidativa e eficaz do que a aula do doutor em Filosofia. Seguem-se algumas sentenças exemplares de ambos os lados.

Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, defende que a virtude está no meio.

Ditados populares dizem o mesmo: nem oito, nem oitenta; nem tanto ao céu, nem tanto à terra.

Tomás de Aquino concebe o mal menor como a escolha preferível entre males inevitáveis.

E nós temos os provérbios: mais vale um pássaro na mão que dois voando; antes tarde do que nunca.

Spinoza: “Não chorar, não se indignar, mas compreender.”

Ditado popular: para bom entendedor, meia palavra basta.

Leibniz afirma que “este mundo é o mais perfeito dos mundos, mesmo que nós, humanos, não enxerguemos isso”.

Ditado popular: Deus escreve certo por linhas tortas.

Hobbes: “O homem é o lobo do homem”.

Ditado popular: quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Karl Marx: “Todas as paixões e atividades são tragadas pela cobiça”.

Ditado popular: quem tudo quer, tudo perde.

Nietzsche: “o que não me mata, torna-me mais forte”.

Ditado popular: o que não mata, engorda

Nietzsche de novo: “Viver com segurança é perigoso”

Ditado popular: O seguro morreu de velho.

Sartre: “O inferno são os outros”.

Ditado popular: Antes só do que mal acompanhado.

Wittgenstein: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”.

O ditado popular é taxativo: em boca fechada, não entra mosquito.

Heidegger: “O homem é um ser para-a-morte”.

O povo confirma: ninguém fica pra semente.

Jeca Tatu



Fonte: Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2019/03/texto-jeca-tatuzinho-monteiro-lobato.html>. Acesso em: 02 jun. 2022.

“De 1914 a 1947, Monteiro Lobato parece ter percorrido quase todas as posições ideológicas disponíveis para um intelectual de seu tempo. Velha Praga é de 1914 e inaugura, na parca galeria nacional de celebridades literárias, a figura anti-heroica de Jeca Tatu, alvo da indignação do fazendeiro Lobato.

Para este Lobato de 1914, o caboclo era “um parasita, um piolho da terra [...] espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encosorado numa rotina de pedra, recua para não se adaptar.

Dez anos depois, o mesmo Jeca retorna às páginas de seu criador. Protagoniza agora a história de Jeca Tatuzinho, onde Lobato substitui a sua indignação frente às práticas incendiárias e ociosas do piraquara, pela denúncia da precariedade da saúde pública brasileira.

O velho Jeca (agora no diminutivo, o que em nossa prática linguística supõe certa afetividade entre nomeador e nomeado) é apresentado como vítima com a qual se solidariza o Lobato de agora: opilado pela verminose, fraco, anêmico, os males deste Jeca dos anos vinte não começam na preguiça nem na falta de disposição para o trabalho. A desnutrição e a precariedade de seu estado de saúde é que desembocam na pouca produtividade do camponês itinerante.

Não é por acaso, nem (só) por méritos estéticos ou ideológicos que este texto lobatiano tornou-se um dos mais lidos pelo ralo público brasileiro: ele circulava no almanaque dos produtos farmacêuticos Fontoura. O *Jeca Tatuzinho* promovia, então, as vendas da Ankilostomina e do Biotônico, louvados pelo Jeca como remédios milagrosos para verminose e anemia. E, com a recuperação da saúde, o Jeca adquire um nível exemplar de cidadania: assumindo a bandeira de seu narrador, o curado e enriquecido caboclo leva, entre a carga de seu caminhão, grande estoque de produtos Fontoura, com os quais redime a saúde nacional e, por tabela, a situação do camponês brasileiro”. (LAJOLO, 1983)

“

Café frio

”

Você já reparou? Há coisas que a gente faz sem precisar pensar e outras que a gente pensa para poder fazer. A vida é assim: teoria e prática. Por outras palavras, pensamento e experiência. Inútil discutir qual dos dois é mais importante. O fundamental é saber trabalhar com ambos.

Quem analisou profundamente essa pista foi o filósofo alemão Immanuel Kant. Ele destrinchou essa questão ensinando a gente a integrar o potencial da razão humana com o acervo da nossa experiência. Esse o caminho para que se produzam nossos conhecimentos e, por consequência, para que se alinhe o nosso comportamento. Em termos filosóficos, é unir, com sabedoria e ética, racionalismo e empirismo.

Estou simplificando a visão ampla e nem sempre clara do grande filósofo, mas vou dar duas frases dele que confirmam e revelam o seu pensamento, na prática. A primeira reproduz, numa linda síntese, uma ideia e uma sensação que todos já vivenciamos: “Duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito, quanto mais intensa e frequentemente o pensamento delas se ocupa, a saber, o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim”.

Que sabemos nós, cientificamente, sobre o céu e as estrelas? Não somos astrônomos. Mas essa deficiência de conhecimento racional é compensada pelo emocional, pelo prazer de contemplar maravilhas de encher os olhos e a alma. É uma experiência gratuita de algo que ultrapassa a racionalidade e faz a criatura, ao mesmo tempo, se sentir comprometida com o bem.

A outra frase de Kant surpreende pela sua aparente banalidade. “A amizade, escreveu ele, é semelhante a um bom café; uma vez frio, não se aquece sem perder bastante do primeiro sabor.” Para avaliar o conteúdo tão simples dessa afirmação, convém destacar duas qualidades desse filósofo.

Costuma-se ressaltar que Kant viveu uma vida extremamente regulada: acordava todos os dias às 5 da manhã e o passeio que fazia, no final da tarde, era tão pontual que a vizinhança podia acertar o relógio por ele.

Mas, além da pontualidade, outra qualidade o distinguia: era uma pessoa bastante sociável e gostava de receber os amigos em casa. Manteve esse hábito até o fim, quando prolongada doença, com sintomas semelhantes ao Alzheimer, já não lhe permitia reconhecer os melhores amigos. Nos bons tempos, ele não abria mão do café e com ele cultivava suas amizades. Apreciava a verdadeira amizade como um cafezinho quente.

A quem estranhar essa comparação, deve-se lembrar que um filósofo é pessoa de carne e osso como nós. Pode compor tratados do mais alto nível, como fez Kant, autor da “Crítica da razão pura” e da “Crítica da razão prática”, mas, basicamente, pensa e sente a vida como nós. E em se falando de amizades, em teoria trata-se de um sentimento de afeição especial, mas na prática, nem todas merecem essa distinção. Existem tanto as amizades quentes, vivas, sólidas, quanto as frias, forjadas e até falsas. Kant,

que distinguia muito bem o que é da razão e o que vem da experiência, valorizava as primeiras, tipo cafezinho quente, saborosas, fundamentadas no bem. As outras, consideradas apenas úteis e interessantes, não tinham sabor para ele.

10

CONCLUSÃO

Encerro aqui estas páginas, com a esperança de ter propiciado o cafezinho quente da amizade, aos leitores que conseguiram perseverar comigo nesta colheita de nós literários e existenciais, os feitos e os desfeitos, no mundo enfeitiçante das palavras.

Não inventei nada. Apenas reproduzi, do meu jeito, o que os outros, grandes e pequenos, me ensinaram. “Somos todos el pasado, somos nuestro sangre, somos la gente que hemos visto morir, somos los libros que nos han mejorado, somos gratamente los otros”. (BORGES, 1979)

São inúmeros esses outros beneméritos com quem aprendi, mas quero, de coração, agradecer particularmente aos alunos

com quem trabalhei em aulas de História das Religiões, Introdução à Filosofia, Iniciação Teológica, Filosofia e Ciências Humanas, Problemas Metafísicos e Cultura Brasileira, de 1958 a 1990, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, espaço seminal da Universidade de Sorocaba.

Com eles aprendi a viver o Nós, eu e os outros, e os Nós, enlaces e enroscos, tudo Entre as Palavras que procurei pesar e pensar, falando menos, para escutar mais que ouvir, lançando por escrito o que de melhor colhi das leituras sem fim desta minha longa existência em vésperas de final feliz.

Eu, que vivenciei, com Deus no coração, esta gostosa aventura, e os eventuais leitores amigos, somos nós todos senhores responsáveis pelo dom divino da palavra. Ela está no princípio de tudo. Que seja também o fim de todos os NÓS imiscuídos ENTRE as nossas PALAVRAS. E com elas NÓS faremos este mundo um pouquinho melhor.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Escala, 2008.

BENJAMIN, Cesar. **Assim como no nazismo, vivemos esmagados por um discurso dominante**. 2020. Disponível em: <https://disparada.com.br/nazismo-discurso-dominante-eua/>. Acesso em: 30 maio 2022.

BORGES, Jorge Luis. **Epílogo a las obras completas em colaboración**. Buenos Aires: Emecê, 1979.

CÍCERO, Marco Túlio. **De oratore**. Livro II.

HERÁCLITO. Fragmento 91. Sobre a natureza. São Paulo: Abril Cultural, 1996. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTQyMDY0/>. Acesso em: 27 maio 2022.

KIERKEGAARD, Soren. **Post Scriptum no científico y definitivo a “Migajas filosóficas”**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.

KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**.

LAILOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. *In*: SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARCONDES, Danilo. Textos básicos de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTQyMDY0/>. Acesso em: 27 maio 2022.

MANDURUKU, Daniel. Eu não sou índio, não existem índios no Brasil. [Entrevista cedida a] **Nonada Jornalismo**, Porto Alegre, RS, nov. 2017. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em: 30 maio 2022.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo: Edusp, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.